



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Departamento de Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários



WILGNER MURILLO DA CONCEIÇÃO SANTOS

**O EVANGELHO SEGUNDO SARAMAGO:
UMA MADALENA NÃO MAIS PROSCRITA**

Feira de Santana
2018

WILGNER MURILLO DA CONCEIÇÃO SANTOS

**O EVANGELHO SEGUNDO SARAMAGO:
UMA MADALENA NÃO MAIS PROSCRITA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Tércia Costa Valverde

Feira de Santana
2018

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Santos, Wilgner Murillo da Conceição

S239e O evangelho segundo Saramago: uma Madalena não mais
proscrita./ Wilgner Murillo da Conceição Santos. – 2018.
142f.: il.

Orientadora: Tércia Costa Valverde

Dissertação (mestrado) –Universidade Estadual de Feira de
Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2018.

1. Saramago, José –Crítica e Interpretação. 2.Maria Madalena –
Personagem bíblico. 3.Literatura portuguesa – Crítica e interpretação.
I.Valverde, Tércia Costa, orient. II.Universidade Estadual de Feira de
Santana. III.Título.

CDU: 869.0.09

WILGNER MURILLO DA CONCEIÇÃO SANTOS

**O EVANGELHO SEGUNDO SARAMAGO:
UMA MADALENA NÃO MAIS PROSCRITA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PROGEL, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Aprovada em 27 de março de 2018

Profa. Dra. Tércia Costa Valverde
Orientadora – UEFS

Profa. Dra. Alana de Oliveira Freitas El Fahl
UEFS

Profa. Dra. Carla da Penha Bernardo
UNEB

A todos os degredados filhos de Eva, que, neste vale de lágrimas, suspiram, gemem e choram.

AGRADECIMENTOS

A José Saramago, por desconstruir cercos e anunciar o *euangélion* dos proscritos;

A Maria Madalena, que testemunhou o amor e, crendo, proclamou-o;

Aos meus pais, pelo maná durante a jornada.

Se algum dia uma personagem minha ficar na memória das pessoas, será a de uma dessas mulheres, e não é porque eu predetermine sua maneira de ser ou atue mediante estratégias prévias. O caráter dessas mulheres nasce naturalmente, no meio da situação concreta que estou a narrar. Em certa ocasião, alguém me perguntou: “Mas por que sempre escolhe uma mulher? ”. E eu respondi: “Acredita que tudo o que essa mulher fez um homem faria? ”.

JOSÉ SARAMAGO

RESUMO

No oitavo romance publicado por José Saramago, o mito cristão é desconstruído juntamente aos seus célebres protagonistas para, no processo de reconstrução, dar voz aos que não a têm. Por isso, neste trabalho, após assinalados alguns aspectos da gênese do mito e as configurações histórico-sociais que potencializaram um silenciamento sistemático do feminino no Ocidente, analisamos Maria de Magdala, personagem de **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991), em estudo comparado com a dos evangelhos canônicos e apócrifos, objetivando vislumbrar a Maria Madalena do século I da Era Cristã a fim de compreender sua participação no movimento que daria origem a uma das maiores religiões do planeta. As análises são empreendidas com base nos estudos de Armstrong (2006), Brunel (2005), Crowley (2016), Blainey (2012), Delumeau (1989), Beauvoir (2016), Hutcheon (1989, 2000), Arnaut (2008), Ferraz (1998, 2012), Perrone-Moisés (1999), Martins (2014), Sebastiani (1995), Faria (2004), entre outros estudiosos. Pelo caminho, observamos que, com esse livro, o escritor português não só expõe uma nova e irônica versão de uma história amplamente conhecida, mas também apresenta uma Maria Madalena subversiva, que, em sintonia com os recentes questionamentos sobre o cristianismo primitivo, surge como uma mulher dona de si; a descendente de Eva liberta da tradição depreciativa que a marginalizou durante séculos. No fim destas páginas, vemos que a personagem saramaguiana pode ser um reflexo da pessoa, pois, com o confrontar dos evangelhos, encontramos a Madalena companheira, discípula, apóstola, a mãe do *euangélion*.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho. José Saramago. Maria Madalena. Cristianismo.

ABSTRACT

In the eighth novel published by José Saramago, the christian myth is deconstructed along with its celebrated protagonists in order to give voice to those who, in the process of reconstruction, do not have it. Therefore, in this work, after discussing some aspects of the genesis of the myth and the social-historical configurations that potentialized a systematic silencing of the feminine in the Occident, we analyze Mary of Magdala, a character from **The Gospel according to Jesus Christ** (1991), in a comparative study with those of the canonical and apocryphal gospels, in order to locate the first-century Mary Magdalene of the Christian Era in order to understand her participation at the movement that would give rise to one of the greatest religions of the planet. The analyzes are based on the studies of Armstrong (2006), Brunel (2005), Crowley (2016), Blainey (2012), Delumeau (1989), Beauvoir (2016), Hutcheon (1989, 2000), Arnaut (2008), Ferraz (1998, 2012), Perrone-Moisés (1999), Martins (2014), Sebastiani (1995), Faria (2004), among other studios. Along the way, we note that with this book, the Portuguese writer not only exposes a new and ironic version of a widely known story, but also presents a subversive Mary Magdalene, which, in tune with recent questions about early christianity, emerges as a woman who owns herself; the descendant of Eve freed from the depreciative tradition that has marginalized her for centuries. At the end of these pages, we see that the saramaguian character can be a reflection of the person, because, with the confrontation of the gospels, we find the Magdalene companion, disciple, apostle, the mother of the *euangélion*.

KEYWORDS: Gospel. José Saramago. Mary Magdalene. Christianity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. **A Crucificação** (1498), Albrecht Dürer

Figura 2. **Visão de Afonso Henriques na Batalha de Ourique** (1664), Frei Manuel dos Reis

Figura 3. Ruínas do Convento do Carmo, Lisboa

Figura 4. Retrato de José Saramago

Figura 5. **A Madalena Penitente** (1578), El Greco

Figura 6. Capa de **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991)

Figura 7. **Maria Madalena** (1500), Pietro Perugino

Figura 8. **Rosto de Maria Madalena** (2015), Paulo Miamoto e Cícero Moraes

SUMÁRIO

1 Gênese das boas-novas.....	11
2 O mito sob holofotes: da construção cifrada à ruína saramaguiana.....	16
2.1 Do evidente nada ao satisfatório tudo.....	24
2.2 Panorama português: temor e tremor, ascensão e demolição.....	35
2.3 José Saramago e sua reconstrução desassossegada.....	48
3 Maria Madalena não mais proscrita: José Saramago e seu <i>contraevangelho</i>....	55
3.1 O evangelho às avessas.....	66
3.2 Uma mulher redimida e exaltada.....	80
3.3 As boas-novas de Maria Madalena.....	104
4 Às portas do apocalipse.....	122
Referências.....	127
Apêndices.....	132

1 Gênese das boas-novas

Nas adjacências de Jerusalém, em torno do ano 30 da Era Cristã, por causa de um túmulo vazio, as *boas-novas*¹ principiaram, e, quase dois mil anos depois, em Sevilha, através de uma ilusão de ótica diante de uma banca de jornais, reiniciaram, pois, é um ciclo inevitável, como afirmou Borges (1999, p. 542), no ensaio **Os quatro ciclos**, ao declarar que há quatro histórias basilares para a humanidade e que, durante nossa agitada finitude, continuaremos a narrá-las, transformadas — uma dessas histórias é o sacrifício de um deus (Átis, Odin ou Cristo) e, nesse enredo mítico, como ocorre nos outros três², o Homem constrói uma narrativa de si, do mundo.

Assegurados nessa perspectiva, entendemos que as *boas-novas* chegam pela primeira vez ao papel e tinta, quarenta anos depois da crucificação de um jovem galileu chamado Jesus, por meio da autoridade de Marcos, na Galileia, e, comboiando nesta vanguarda evangelística, se sucedem, em intervalos dilatados, as versões de Mateus, em Antióquia, Lucas, em Éfeso, João, na Síria. Distante do processo de preservação/organização daquela nova fé, agora consolidada no Ocidente, o *euangélion*, aos olhos de um escritor português, batizado Saramago, ganha uma nova e controversa versão, não mais em grego, como foi o caso dos primeiros evangelhos, mas, como poetizou Olavo Bilac³, foi escrito na língua inculta e bela de Camões, sendo publicado concomitantemente no Brasil e em Portugal quatro anos após José Saramago ser acometido por uma ilusão de ótica, um jogo de sombras com as manchetes dos jornais, que culminou em uma rica missiva de caráter opositor ao sentido predefinido sobre as narrativas canonizadas: Em **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991) — obra saramaguiana que professa características do pós-modernismo —, as populares *boas-novas* são desmembradas a fim de reconstruir, de modo irônico, um evangelho acanônico, um *Evangelho segundo Saramago*, que chamaremos aqui de *contraevangelho*.

Para que o leitor fique a par dos elementos fundamentais deste estudo, convém recuar os eventos mais um pouco, porque se um dia as *boas-novas* chegaram a começar e, tão logo, pelas mãos do Prêmio Nobel (1998), transformadas, recomeçar, é graças a visão de uma das figuras femininas mais emblemáticas na mitologia cristã: Maria, chamada Madalena, que acompanhou e serviu Jesus desde o início do seu ministério na Galileia até a conclusão, na Judeia. Conforme a memória cristã, após a crucificação, na madrugada de domingo, em prantos, ela deu o primeiro

¹ Tradução da palavra grega *euangélion* (LOURENÇO, 2017, p. 41).

² A primeira, talvez a mais antiga, é a de uma forte cidade cercada e defendida por homens valentes; a segunda é a de um regresso e a terceira é a de uma busca.

³ No soneto **Língua Portuguesa**, o poeta escreve no primeiro verso “Última flor do Lácio, inculta e bela...” (1964, p. 262).

passo para a consolidação de uma nova fé: Maria Madalena foi a primeira a testemunhar sobre a ressurreição de Jesus. Porém, a imagem de sua personalidade guardada na consciência coletiva cristã é de uma prostituta arrependida. Por volta do fim do século VI da E.C., além de ter sua biografia fundida a de outras mulheres nos evangelhos oficiais, Maria Madalena foi de *matrona da fé à pecadora redimida*: um modelo de salvação para todas as descendentes de Eva, caso seguissem o Cristo. Infelizmente, depois desse erro, seu papel basilar foi corrompido. No imaginário ocidental, o papel de *apostolorum apostola* — outorgado pelos antigos escritores cristãos — acabou sendo reconfigurado para apenas uma pecadora salva pelo Cristo, uma forte imagem religiosa, diga-se de passagem, mas equivocada.

Honestamente, não houve muitos empecilhos para evitar essa insólita confusão exegética-teológica, já que, no início, para algumas comunidades cristãs, grupos presos aos limites do seu tempo, descrever sobre a participação de mulheres no séquito do líder-nazareno era incomum ou pouco pertinente — é Barthes (2014, *passim*) que, em **O grau zero da escrita**, ao ensaiar sobre a escrita como exercício de liberdade, demonstra que ela não deixa de estar subordinada ao contexto histórico. Nas raras vezes que são citadas nos quatro textos canônicos, as mulheres esvaecem na mesma rapidez que surgiram e (quase) não falam. Por que eclipsar o apostolado de Madalena, a mulher que afirmou ter visto o Senhor, se Paulo de Tarso outorgou-se apóstolo pelo mesmo motivo? Como veremos no decorrer desta dissertação, que discute o processo de exclusão das mulheres no cristianismo, tudo parece indicar que ela foi a mulher inconveniente desde o início.

Diante desses problemas, elegemos uma personagem em **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991) como bússola para alcançar nosso objetivo, afinal, na obra, com a reconstrução do palco dos trágicos eventos da fé cristã, Maria de Magdala assume um papel de autoridade no jogo de poder entre Jesus e Deus que, por mais que possa ser compreendido como herético e imaginativo, flerta em muitos momentos com a figura histórica de Madalena: a mulher de Magdala, a mulher sem pertença, discípula, apóstola, companheira, mãe das *boas-novas*.

As idas e vindas por episódios pescados do flume primitivo da Era Cristã nos primeiros parágrafos — objetivando elucidar, concisamente, a *gênese das boas-novas* e, aparentemente, sua *maternidade* — deixam nítida a aura de viagem e (re) descoberta que cerca este trabalho, uma vez que o leitor navegará por águas que, à primeira vista, parecem arquiconhecidas, porém é importante reparar bem, pois não desejamos que o leitor, ao mergulhar conosco nesse rio que percorre o Ocidente e partes do Oriente por quase dois mil anos, esbarre em pedras cortantes, suma por correntezas hostis ou fique preso em redemoinhos tanto fascinantes quanto mortíferos. Por isso, com prudência, seguiremos pelas águas do cristianismo sem pretensões teológicas e,

como sua origem está ligada a nascentes míticas muito mais antigas — judaísmo e alguns fluxos predecessores —, atracaremos brevemente nessas fontes a fim de compreender a composição mítica do flume cristão. Nesse percurso, toparemos com a força cáustica da rede saramaguiana, que traga todas as criaturas malquistas do âmago pedregoso do maniqueísmo cristão-católico e converte-as a um humanismo extremo. E, nesse momento, iremos mergulhar mais fundo para observar de perto a mulher içada pela rede, pois nosso intuito é evidenciá-la — *a mãe das águas* —, que, com seu singelo canto, nos brindou com o lirismo das *boas-novas*.

Em outros termos, este trabalho monográfico para a conclusão do Mestrado em Estudos Literários tem por respaldo o estudo sobre Maria Madalena através dos evangelhos canônicos e apócrifos, também chamados alternativos, e de **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991). É importante assinalar que nesta pesquisa, aliada a visão de Bloom (2001, p. 15), consideramos que, antes de livro sagrado, “a Bíblia é uma antologia da literatura judaica e cristã”, ou seja, nas palavras de Manzatto (1994, 77), uma obra literária de constituição complexa “que se serve de gêneros literários para comunicar-se com os homens”⁴, em razão disso, os evangelhos — que a integram ou não — participam junto a obra saramaguiana do nosso escopo literário. Portanto, analisaremos a construção dessa personagem no material citado, buscando, desse modo, um melhor entendimento dela, uma vez que, por séculos, Maria Madalena foi colocada à margem do cristianismo e concebida de maneiras controversas, até mesmo errôneas, pelos cristãos. Afinal, quem é a Maria, chamada Madalena? Que papel desempenhou ao lado de Jesus? E qual a sua importância para a composição de uma das maiores religiões do planeta?

Com a releitura dos evangelhos canônicos — convocados aos *holofotes da investigação* pela narrativa desconstrutora de Saramago —, pretendemos visibilizar a mulher de Magdala, porque, mesmo retratada como coadjuvante nos textos canonizados da fé cristã, acreditamos que, ao lado do líder nazareno, assume posto de protagonista, tomando atitudes essenciais para a constituição do cristianismo. Neste estudo, após a construção de um panorama histórico-social sobre as marcas do pensamento masculino a respeito da vida e do mundo, entendemos que sua participação e liderança são abafadas por uma perspectiva androcêntrica resultando em ecos de protagonismo, que são desenvolvidos nas narrativas excluídas do cânon bíblico e retomados, transformados, por José Saramago.

Compreendemos que esta pesquisa de cunho bibliográfico seja pertinente, uma vez que demonstra a polifonia do cristianismo primitivo; ratifica como a participação feminina foi

⁴ A título de curiosidade, já que não nos deteremos nessa discussão, temos, por exemplo, no Antigo Testamento, a Epopeia, com os heróis nacionais Abraão, Gedeão e Davi, e, no Novo Testamento, a Epístola, na qual Paulo de Tarso é grande expoente.

importante para o começo do mesmo; permite reflexões sobre as questões de gênero; apresenta a obra saramaguiana como oportunidade de bússola para estudos entre História e Literatura, para análises a cerca de personagens olvidadas da historiografia canônica, contribuindo para a fortuna crítica do escritor português, e identifica as representações basilares de Madalena, a fim de traçar uma biografia, até onde for possível, dessa mulher que percorreu vinte séculos da Era Cristã como esfinge pejada de mistérios.

Apresentaremos dois capítulos subdivididos em seções: Na primeira parte — **O mito sob holofotes: da construção cifrada à ruína saramaguiana, 2.1 Do evidente nada ao satisfatório tudo, 2.2 Panorama português: temor e tremor, ascensão e demolição, 2.3 José Saramago e sua reconstrução desassossegada** —, faremos a contextualização do mito cristão, bem como a discussão sobre suas origens e efeitos no mundo lusitano/ocidental para, dessa forma, compreendermos a desconstrução deste mito feita por José Saramago, expondo também características pertinentes de sua biografia e escritura, que almeja resgatar as figuras proscritas. No começo da segunda parte — **Maria Madalena não mais proscrita: José Saramago e seu contraevangelho; 3.1 O evangelho às avessas; 3.2 Uma mulher redimida e exaltada** —, além do processo de silenciamento do feminino no cristianismo e a reconfiguração do papel de Maria Madalena na memória cristã, apresentaremos uma análise da formação e composição dos evangelhos e da obra do escritor português, que expõe a personagem saramaguiana Maria de Magdala, companheira e guia do Cristo, a mulher que vai conduzir as *boas-novas* em nome do Homem e, finalmente, no **3.3 As boas-novas de Maria Madalena**, trataremos de forma mais detida sobre sua possível figura histórica.

Como aporte teórico serão utilizadas as contribuições de: Rocha (2006), Eliade (1963) e Armstrong (2005), delineando os conceitos sobre mito e seus objetivos desde a concepção, para, depois disso, com a ajuda de Antunes (1980), Crowley (2016) e Lourenço (2005), observarmos como a mitologia cristã fortaleceu o imaginário português para a consolidação de um império global, marcado pelos Descobrimientos, até chegarmos a sua queda e velório perene de sonhos passados. A análise literária de **O Evangelho segundo Jesus Cristo** terá o apoio de Arnaut (2008) e Hutcheon (1989, 2000), somada a visão da crítica literária Ferraz (1998, 2008, 2011, 2012), que auxiliarão na compreensão do estilo saramaguiano e o desassossegante legado de suas obras para a literatura mundial. Sobre aspectos biográficos e também da escrita do autor, optamos por Lopes (2010). Quanto a personagem Maria Madalena, além dos textos canônicos e apócrifos como plano de fundo, selecionamos Sebastiani (1992) e Faria (2004). De caráter complementar à dissertação, ainda contamos com os seguintes suportes teóricos: Beauvoir (2016), Bertrand (2015), Blainey (2012), Chevalier e Gheerbrant (1988), dentre outros.

É dessa forma que apresentaremos esta pesquisa, sugerindo, a partir de agora, ao leitor, que iniciemos a *via crucis* — o caminho da cruz —, porque, no mito cristão, tudo nos leva ao *calvário*, onde Maria Madalena nos aguarda.

2 O mito sob holofotes: da construção cifrada à ruína saramaguiana

*O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.*

*Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.*

*Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.*

FERNANDO PESSOA

Esses versos, que abrem esta seção, esboçam a complexidade de se falar sobre o mito e nos convidam à difícil missão de penetrar no espaço do indizível e do inexplicável — é um percurso necessário, uma vez que nosso tema envolve uma personagem importante da mitologia cristã: Maria, chamada Madalena. Por essa razão, pretendemos expor, à guisa de uma reflexão introdutória, uma concepção geral da gênese do mito, mostrando seus pilares fundamentais à luz de especialistas, para, posteriormente, enveredar pelo mito cristão em si: essa narrativa mítica que, no princípio, foi o *oxigênio* de muitas nações ocidentais, inclusive de Portugal na constituição de um império global, mas que, por meio da natureza do Homem, como mostrará o prisma saramaguiano — ressonância de um discurso filosófico⁵ que sentenciava “a morte de Deus” —, recheou o mundo ocidental de *dióxido de carbono*, como observaremos nas próximas subseções ou, melhor, aqui, em um rápido vislumbre:

O martelo das feiticeiras – Malleus Maleficarum é uma das páginas mais terríveis do cristianismo [...] é um manual de ódio, de tortura e de morte [...] O livro é diabólico na sua concepção e redação [...] Ainda que delirante, sádico e puritano, não está aí a essência da patologia do **Malleus**. Ela advém, fundamentalmente, de o texto ter o objetivo de defender e de enaltecer Cristo, o que o transforma, loucamente, num código penal redigido por criminosos

⁵ No século XIX, Friedrich Nietzsche publicaria sua crítica mais ácida ao cristianismo, intitulada **O Anticristo**.

eruditos, doutamente referenciados no que havia de melhor na teologia cristã. Abençoados e protegidos por Bula Papal, os Inquisidores Sprenger e Kramer, que escreveram o **Malleus**, são um sintoma da Inquisição, o grande câncer, a deformação psicótica do mito cristão (BYINGTON, 2016, p. 24-25).

Isso posto, devemos recuar ao começo dos tempos, “nos tempos da ‘aurora’ do homem”, porque lá possivelmente está localizado o mito. Em visita a alguma caverna ou túmulo antigo, é imprescindível posicionar de maneira estável o facho de luz da lanterna nas pinturas rupestres⁶ ou nas peças que acompanham o cadáver de um homem de Neandertal⁷, porque o mito “guarda uma mensagem cifrada [...] precisa ser interpretado” e, por isso, quanto mais luz, melhor. Nesse recuo, vamos perceber que o mito foi uma invenção humana e se adaptou ao longo do tempo, conforme os interesses e as necessidades do Homem — não por acaso, a história sobre um forte Dilúvio pode ser encontrada na versão grega, suméria ou judaica⁸, não significando que esse episódio tenha acontecido de fato ou, quiçá, do modo como é contado⁹, afinal “o mito não é verdadeiro no seu conteúdo manifesto, literal, expresso”, ele “possui um valor e, mais que isto, uma eficácia na vida social” de cada povo que lhe deu origem (ROCHA, 2006, p. 10-11).

Antes de mergulharmos no tempo “fabuloso dos ‘começos’” (ELIADE, 1963, p. 12), um adendo: neste estudo, não impregnaremos o termo mito com um conteúdo pejorativo, uma vez que não o entendemos como engano, muito menos que carregue um sentido de “embuste coletivo, consciente ou não” (MACHONNIC *apud* BRUNEL, 2005, p. 15). Para as sociedades antigas, o mito é uma narrativa verdadeira — não se questionava sua veracidade —, pois é uma “história sagrada”, de caráter exemplar e plena de significado, que ensina como as coisas, que são, são como são, como vieram a ser o que são: o mito “narra um fato importante ocorrido no tempo primordial” (ELIADE, 1963, p. 12); explica como uma realidade passou a existir por meio da ação de entes sobrenaturais — seja essa realidade “o Cosmo” ou “uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição” (p. 12) — e, por fim, ele revela uma ontofania, a manifestação bem-sucedida de uma plenitude de ser, modelo exemplar de todas as atividades humanas. Então, desde a “aurora”, a importância do mito para a humanidade está ligada a suas funções: “O mito conta [...] O mito explica [...] O mito revela” (BRUNEL, 2005,

⁶ Em sua maioria, figuras de grandes animais selvagens; em segundo plano, a figura humana aparece sugerindo atividades como a dança, a luta e, principalmente, a caça.

⁷ “[...] túmulos do homem Neandertal [...] continham armas, ferramentas e a ossada de um animal sacrificado; tudo isso sugere uma crença qualquer num mundo futuro similar àquele em que viviam” (ARMSTRONG, 2006, p. 7).

⁸ Cf. Deucalião, na mitologia grega; Utnapishtim ou Atrahasis, na mitologia suméria; Noé, na mitologia judaica.

⁹ Há a hipótese de um dilúvio local, causado pelo aumento do nível do Mar Mediterrâneo, e os povos vitimados por essa catástrofe guardaram essa lembrança, mas a repassaram num sentido mais amplo para as gerações posteriores, explicando o incidente como um castigo divino devido às constantes ofensas dos homens.

p. 16), ou seja, um mundo desprovido de mito é um mundo carente de significado, como lembra Daniels (2016, p. 10):

[...] os mitos nos dão razão para criar [...] rituais [sacrifícios, música, dança, orações e cerimônias. Através dessas atividades, proporcionamo-nos um modo de compreender e adquirir controle sobre questões extremamente importantes — imprevisíveis — como a saúde e a morte, a colheita anual ou as marés. Esses rituais dão a cada sociedade um conjunto de tradições que ajudam a forjar uma identidade coletiva e o sentimento de pertencer àquela terra] [...] E se não temos histórias, lendas e religião sobre quais basearmos nossos rituais, o que nos resta? A vida de um ateu é pontuada de casamentos, enterros e batizados destituídos do senso de ocasião criado pelos cheiros, sinos e alvoroço generalizado de uma antiga cerimônia religiosa fundada na tradição e rica em lições alegóricas e histórias grandiosas e antigas [...]

Agora, como anunciamos no primeiro parágrafo, voltemos ao tempo fora do calendário, parafraseando o fragmento inicial do **Livro do Gênesis** — “o mito por excelência” (BRUNEL, 2005, p. 16). No princípio, o Homem criou o mito, pois a terra estava deserta e vazia de significado, as trevas da incerteza cobriam o ambiente, e o espírito criativo do Homem tentava compreender a experiência da morte e driblar o medo da extinção. *Faça-se o mito*¹⁰, proferiu o Homem, e o mito se fez. A partir disso, os fenômenos da natureza, a vida e a morte passaram a ter sentido e valor. O Homem viu que isso era bom, uma vez que suavizava o desespero pela sobrevivência e, por conseguinte, organizava as relações sociais, então passou a partilhar com seus próximos histórias de seres sobrenaturais que trabalhavam a favor e contra a humanidade — a falta ou abundância de suprimentos básicos, momentos oportunos ou indevidos para a caça, o descanso, a procriação e o êxodo — narrativas que permitissem situar suas vidas “num cenário mais amplo” e proporcionassem “a sensação de que a vida, apesar de todas as provas caóticas e arrasadoras em contrário, possui valor e significado” (ARMSTRONG, 2005, p. 8). Daniels (2016, p. 9) acompanha nosso raciocínio sobre a gênese do mito:

Ao longo de toda a existência humana, refletimos sobre questões fundamentais da vida, da morte, da natureza e de nossos relacionamentos. Surpreendentemente, em todo globo terrestre e durante um espaço de tempo extremamente longo, nossas respostas para essas indagações têm sido idênticas: a criação de mitos. De vastas civilizações a sociedades locais no mundo inteiro, todas criaram um rico catálogo de divindades, monstros e mitos que narram a história de nossas origens, triunfos e desastres, agindo como ferramentas criativas para comunicar as mais importantes lições de vida.

¹⁰ Em grego, *mythos*, ou seja, palavra.

Em sintonia, Armstrong (2006, p. 7-8) expõe que, diferente de outros animais, “os seres humanos sempre foram criadores de mitos”, porque são “criaturas em busca de sentido”, portadores de uma mente que tem “a capacidade de ter ideias e experiências que não podemos explicar racionalmente”, isto é, possuem imaginação, uma faculdade que evolui a cada geração. Se por um lado, a imaginação conseguiu levar os homens “às viagens espaciais e a pousar na Lua” no século XX E.C., do outro, tais feitos “só eram possíveis no reino da mitologia” — o único satélite natural da Terra sempre esteve presente no imaginário do Homem, como conta Ventorili (1994, *on-line*¹¹):

A Lua acompanha a imaginação do homem desde as primeiras civilizações [...] Por não entender os fenômenos naturais, o homem buscava explicações nos astros, principalmente na Lua e no Sol. Daí surgiram os primeiros deuses e mitos. A lista é longa. A começar pelos gregos que, não contentes com uma única deusa lunar, criaram três: Ártemis, para o Quarto Crescente, Selene, para a Lua Cheia, e Hécate, para as luas Nova e Minguante. Os romanos foram mais modestos: chamavam a Lua de Diana, protetora da caça e da noite. Entre os povos da Mesopotâmia, ela era a deusa Sin, que mais tarde foi substituída por Ishtar, na Babilônia. Para os chineses, era Kwan-Yin e, para os índios brasileiros, Cairê ou Jaci. A Lua também foi adorada como um deus andrógino, que reúne características masculinas e femininas como Shiva, o deus transformador do hinduísmo, que carrega a Lua Crescente como um de seus símbolos. [...] Para os antigos, o próprio astro parecia nascer, crescer, atingir a plenitude e desaparecer, como a barriga de uma gestante. Por isso, ela foi associada à fertilidade da terra, dos animais e das mulheres. Era a senhora absoluta dos ritmos de vida e morte. Essa marca aparece na cultura de muitos povos, mesmo naquelas em que a Lua não adquiriu uma personalidade divina. No Corão dos árabes, ela é Qatar, símbolo do poder transformador de Alá. Entre os judeus, seu aspecto mutante transformou-a na representação do judeu nômade. Na Idade Média, os alquimistas a usavam para simbolizar o mercúrio, elemento fundamental do corpo humano. Até a Igreja Católica mantinha então um pé nos cultos lunares: aconselhava os fiéis a esperar a benéfica Lua Crescente para se casar ou mudar de casa. Ainda hoje, a imagem da Imaculada Conceição mostra a santa pisando uma Lua Crescente, que indica ressurreição e renovação. A imagem tem um segundo sentido: o do cristianismo vencendo o islamismo, cujo símbolo é exatamente o Crescente. O próprio São Jorge tem um ancestral mitológico numa antiga lenda oriental, da época do conquistador mongol Gengis Khan [...], que falava de um guerreiro que combatia sem parar o dragão que vive na Lua. Além do misticismo, o homem tirou da Lua também instrumentos para o lado prático da vida: devido a seu rápido e pontual ciclo de 28 dias, ela foi a primeira referência para a medição do tempo. [...] Essa herança lunar é universal [e] está presente em todas as culturas, com diferentes interpretações. [...] A Lua é apenas a maior analogia que o homem encontrou no Cosmo para as mudanças vividas na Terra. Assim, o fascínio da Lua resiste, ao longo dos séculos.

¹¹ <https://super.abril.com.br/ciencia/sob-o-dominio-da-lua-os-mitos-deste-satelite/>

Através da imaginação, como lembra Rocha (2006, p. 7), concebemos toda e qualquer mitologia — essa “forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações”, essa “possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de ‘estar no mundo’ ou as relações sociais”. Daniels (2016, p. 9) chega a acrescentar que:

A maioria das religiões e mitologias tem características chave que apontam para algumas das perguntas mais básicas que nos temos feitos desde o começo de nosso desenvolvimento como espécie civilizada: preocupações com a mortalidade, o nascimento, a astrologia e a natureza como um todo. Muitas vezes nos voltamos para a natureza como fonte de inspiração para histórias que expliquem o inexplicável, criando divindades a partir do sol, da lua, dos rios, do mar e das montanhas. Ao tentar extrair sentido do irrespondível, temos a tendência a nos subordinarmos a um poder maior, muito acima da nossa compreensão.

Por isso, afirmamos que o mito nasce a partir da necessidade de esclarecimento sobre a origem e a forma das coisas, a existência de poderes divinos sobre a natureza e os homens, que se entendiam como pequenas e frágeis criaturas diante da imensidão do mundo e do silêncio da morte. É possível que os primeiros mitos fossem destinados a servirem de contranarrativa sobre o fim, já que, a tomada de consciência da mortalidade deve ter sido um dos primeiros passos da evolução humana, e o Homem precisava enfrentar essa situação, da melhor forma possível. A maioria das mitologias/religiões, como a egípcia¹², é voltada para a crença em uma vida após a morte, o que entendemos como uma herança de ideias mais antigas, vejamos, por exemplo, os túmulos dos homens de Neandertal:

Os neandertalenses, que enterravam seus mortos com tanto cuidado, parecem ter imaginado que o mundo material sensível não era a única realidade [...] os ossos de animais [nos túmulos] indicam que o sepultamento foi acompanhado de um sacrifício. A mitologia em geral é inseparável do ritual. Muitos mitos não fazem sentido separados de uma representação litúrgica que lhes dá vida [...] nos túmulos dos homens de Neandertal o corpo é às vezes colocado em posição fetal, como se estivesse preparado para o renascimento: caberia ao próprio morto dar o próximo passo. [...] toda mitologia fala de outro plano que existe paralelamente ao nosso mundo, e em certo sentido o ampara. A crença nessa realidade invisível, porém mais poderosa, por vezes chamada de mundo dos deuses, é um tema básico da mitologia (ARMSTRONG, 2006, p. 9-10).

Cada povo construiu seu próprio código mítico — sua mitologia particular — alimentado por tradições muito mais antigas, nascidas em um tempo que parece fora do calendário, criadas

¹² Cf. **Livro dos Mortos** — um manual sagrado sepultado com o morto ou inscrito nas paredes do túmulo, que orientava o Homem quanto aos caminhos a seguir para se atingir os campos da bem-aventurança (FÉLICIEN, 1978, p. 22).

“para nos auxiliar a lidar com as dificuldades humanas mais problemáticas” (ARMSTRONG, 2006, p. 11). De forma satisfatória, antes dos avanços da ciência, o mito respondia às perguntas escatológicas: De onde viemos? Para onde vamos? Por que isso acontece? O código mítico é edificado pelo jogo pergunta e resposta — a pergunta feita encontra “uma resposta à qual não cabe outra pergunta, pois ela se anula no instante de sua formulação: é uma resposta decisiva”, (JOLLES *apud* BRUNEL, 2005, p. 16). Afinal, por natureza, o mito é etiológico e, durante anos e anos, foi a melhor ferramenta humana para acalantar pesadelos. No entanto:

A vida urbana mudou a mitologia. Os deuses começaram a parecer mais remotos. Cada vez mais os antigos rituais e histórias deixavam de projetar homens e mulheres no reino divino, que antes fora tão próximo. As pessoas se desiludiam com a antiga visão mítica que satisfazia seus ancestrais. À medida que as cidades se organizavam, a polícia crescia em eficiência, ladrões e bandidos eram levados a julgamento, e os deuses pareciam cada vez mais indiferentes ao destino da humanidade. Havia um vácuo espiritual. Em algumas partes do mundo civilizado, a antiga espiritualidade decaiu, mas nenhuma novidade ocupou seu lugar. E esse mal-estar acabaria por conduzir a outra grande transformação (ARMSTRONG, 2006, p. 68).

Com o passar do tempo e o célere progresso do pensamento humano, o mito começou a ser visto como uma mera fantasia, uma história para enganar os não-estudados no assunto, “um modo inferior do pensamento, que pode ser deixado de lado quando as pessoas atingem a idade da razão” (ARMSTRONG, 2006, p. 13), já que a verdade do mito não obedecia à lógica nem da verdade empírica, nem da verdade científica. Os filósofos gregos podem até ter conseguido solidificar a fratura entre *mito* e *razão*, que prossegue até hoje, crédulos em que só “o discurso lógico e racional levava ao verdadeiro entendimento” (p. 86) do mundo e das coisas, mas isso não afastou totalmente o mito da humanidade, apenas permitiu uma reconfiguração do código mítico, pois somente a mitologia parecia abarcar ideias que se encontravam além do alcance do discurso filosófico. Em outras palavras, quando a *razão* não podia apresentar uma resposta para algo, deveríamos nos contentar com a resposta oferecida por uma “fábula plausível” (p. 87). A nova reconfiguração do código mítico marcou a origem das três maiores fés monoteístas, que reivindicavam a posição dos seus pilares na história, não mais no mito:

[...] judeus, cristãos e muçulmanos acreditam que seu deus atua na história e pode ser percebido em eventos reais deste mundo. Esses eventos realmente aconteceram ou são “apenas” mitos? Em função da atitude desconfortável em relação ao mito que invadiu a mente ocidental com Platão e Aristóteles, os monoteístas tentam periodicamente adequar sua religião aos padrões tradicionais da filosofia, mas a maioria acaba concluindo que isso foi um erro. (ARMSTRONG, 2006, p. 90).

De um lado, esses povos ocidentais não queriam sua mitologia particular associada à ideia de fantasia, irracionalidade, do outro, sabiam que o “vácuo espiritual” deveria ser suplantado, então, era necessário *religar* o Homem ao divino, para isso, era preciso reconfigurar os antigos mitos à luz da história, estruturando-os em períodos específicos de tempo e não mais fora do calendário — uma experimento frustrante de racionalizá-los para que fossem percebidos como *reais*, todavia a mitologia já era entendida como real e verdadeira para quem a vivenciasse, pois experimentar a liturgia do mito é ser arrebatado¹³, é a religião original —, isso acabou criando um efeito paradoxal: o mito judaico, enquanto “dá impressão de antagonizar os mitos de outras nações” — buscando sinalizar a existência da única verdade e realidade tangível —, alimentava-se de “histórias estrangeiras para mostrar a visão judaica” da gênese do mundo, do ser humano, das coisas, organizando, desse modo, a hierarquia social do povo judeu, mas mantendo velhos ritos para a transcendência com o mundo superior como, por exemplo, o já conhecido sacrifício. Então, da mesma forma que o mito grego inspirou o mito romano, o sumério inspirou o judeu, logo, o judaísmo inspiraria outros mitos: “um deles foi o cristianismo” (ARMSTRONG, 2005, p. 90).

¹³ “Se um mito deixa de fazer isso, ele já morreu e sobrevive sem utilidade” (ARMSTRONG, 2005, p. 13).



A CRUCIFICAÇÃO

Albrecht Dürer

2.1 Do evidente nada ao satisfatório tudo

No princípio era a Mãe, o Verbo veio depois.

MARILYN FRENCH

Em **As máscaras de Deus: mitologia ocidental** (2004), de Joseph Campbell, os mitos de criação foram delimitados em quatro grandes grupos e estão associados às eras cronológicas da história humana, nossa trajetória da fase Deusa Mãe para a etapa Deus Pai. Na fase inicial, o mundo é criado por uma deusa mãe sem a assistência de ninguém — na mitologia grega, por exemplo, Gaia, a Mãe Terra, é a criadora primária dos primeiros deuses; no mito nagô, Nanã Buruquê dá à luz todos os orixás. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador — no mito chinês, o feminino e o masculino governam juntos; no mito hindu, um deus andrógino gera todos os deuses. Na terceira, um deus macho tira o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial — na mitologia suméria, a deusa Siduri reina em um jardim de delícias, mas tem seu poder usurpado por um deus solar; no mito asteca, Xoxiquetzl, a Mãe Terra, governa um jardim paradisíaco, porém perde o trono para um dos filhos. E, por fim, na quarta fase, um deus macho cria tudo sozinho — no mito judaico, Javé é o deus único Todo-Poderoso, que cria sozinho o mundo e controla os seres humanos em todos os momentos da vida.

Essa sucessão de eventos ratifica a epígrafe que abre esta subseção e nos leva a pensar sobre o desenvolvimento da gênese do mito, que, como já observamos de maneira introdutória anteriormente, está ligado aos interesses de quem o constrói. Assim sendo, ao ler a sentença oposta¹⁴ fundada no mito cristão pelo **Evangelho segundo João**, garantimos que o mito *dança conforme a música*:

[...] o ser humano habita este planeta há mais de 2 milhões de anos. Nossa espécie passou mais de três quartos desse tempo nas culturas de coleta e caça aos pequenos animais. Nessas sociedades não havia necessidade de força física para a sobrevivência, e nelas as mulheres possuíam um lugar central [...] Nas sociedades de caça aos grandes animais, que sucederam a essas mais primitivas, nas quais a força física era essencial, iniciou-se a supremacia masculina [...] [mas, nos dois modelos de sociedade] a mulher era considerada um ser sagrado, [...] [uma vez que] possuía o privilégio dado pelos deuses de reproduzir a espécie. Os homens se sentiam marginalizados nesse processo e as invejavam. Essa primitiva “inveja do útero” dos homens é a antepassada da moderna “inveja do pênis”, que sentem as mulheres nas culturas patriarcais

¹⁴ “No princípio era o verbo” (LOURENÇO, 2017, P. 321).

recentes. A inveja do útero deu origem a dois ritos universalmente encontrados nas sociedades de caça pelos antropólogos e observados em partes opostas do mundo, como Brasil e Oceania. O primeiro é o fenômeno da *couvade*, em que a mulher começa a trabalhar dois dias depois de parir e o homem fica de resguardo com o recém-nascido, recebendo visitas e presentes. O segundo é a iniciação dos homens. Na adolescência, a mulher tem sinais exteriores que marcam o limiar da sua entrada no mundo adulto. A menstruação a torna apta à maternidade e representa um novo patamar em sua vida. Mas os adolescentes homens não possuem esse sinal tão óbvio. Por isso, na puberdade, eles são arrancados de suas mães pelos homens, para serem iniciados na “casa dos homens”. Em quase todas essas iniciações, o ritual é semelhante: é a imitação cerimonial do parto com objetos de madeira e instrumentos musicais. [...] Daí em diante, o homem pode “parir” ritualmente e, portanto, tomar seu lugar na cadeia das gerações. Ao contrário da mulher, que possuía o “poder biológico”, o homem foi desenvolvendo o “poder cultural” à medida que a tecnologia foi avançando (MURARO, 2016, p. 9-10).

Quando o homem percebe sua função na reprodução humana, ocorre a mudança repentina de papéis, na qual a mulher transforma-se em sua propriedade. A mitologia judaica, através de uma *narrativa* de criação, *explicará* esse comportamento como uma punição provocada pela desobediência da mulher às regras de *Adonai*: “teus desejos te arrastarão para teu marido, e ele te dominará” (BIBLIA SAGRADA, 2011, p. 17-18), *revelando* o modelo ideal de mulher. De modo curioso, na mesma narrativa, aos homens, castigados a cultivar solos hostis em busca de alimento, não lhe são negados a autoridade sobre a terra, os animais e a companheira, ou seja, oficialmente, a mitologia judaica estava *organizando* uma ordem social: “as sociedades, então, se tornam *patriarcais*, isto é, os portadores dos valores e da sua transmissão são os homens” (MURARO, 2016, p. 11, grifo nosso). Caso uma mulher tivesse a oportunidade de *questionar* essa subalternidade, a invocação deste mito por qualquer autoridade *responderia* à questão de forma decisiva: *Adonai* cria primeiro o homem, só depois a mulher, e mesmo assim é a partir do homem — é a hierarquia exemplar.

Querendo ou não, o judaísmo mantém todas as funções do mito em suas bases, e limitá-lo à história real é um equívoco, uma vez que remove seu poder inspirador de transformar a vida das pessoas — o mito até pode ser um fato que ocorreu uma única vez, mas é necessário que ele venha a ocorrer o tempo inteiro, ou seja, a ocorrência deve ser libertada dos possíveis confinamentos históricos para que, através de um rito, seja facilmente introduzida na vida de crentes contemporâneos sempre que necessário, como conta Armstrong (2006, p. 91):

Não sabemos o que na verdade aconteceu quando o povo de Israel escapou do Egito e cruzou o mar vermelho, pois o relato foi escrito miticamente. Os rituais da Páscoa [...] tornaram a história fundamental para a vida espiritual dos judeus, que ensinam que cada um deve se considerar parte da geração que escapou do Egito. O mito não pode ser corretamente compreendido sem um

ritual transformador capaz de introduzi-lo nas vidas e nos corações das sucessivas gerações de crentes. Um mito impõe ação: o mito do Êxodo exige que os judeus cultivem a liberdade como valor sagrado e se recusem tanto a ser escravos quanto a oprimir os outros. Pela prática ritual e pela resposta ética, a história deixou de ser um evento passado distante e se tornou uma realidade viva.

Dizemos tudo isso, não só porque já asseguramos anteriormente que o judaísmo inspirou o cristianismo, mas também porque foi em um mundo baseado na mitologia judaica que Jesus e seus primeiros discípulos habitaram — eles “eram judeus e profundamente envolvidos com a espiritualidade judaica” (ARMSTRONG, 2005, p. 90). A mitologia cristã é a consumação plena de elementos que já existiam na mitologia judaica. Observemos que as narrativas que compõem sua tradição são manifestadas no Velho Testamento (mito judaico) e no Novo Testamento (mito cristão), a antiga e a nova aliança, já que o próprio Jesus teria dito: “Não julgueis que vim para anular a lei ou os profetas. *Não vim para anular, mas sim para cumprir*” (LOURENÇO, 2017, p. 74, grifo nosso). Notemos que, nos escritos judaicos, já se discorria sobre o amor ao próximo, a remissão dos pecados através de sacrifícios, da justiça de Deus, da ressurreição dos corpos, do Juízo Final, da vinda de um Messias. O problema era que, naquela época, o judaísmo não vivenciava esses elementos de forma plena, na verdade, tratava-se de uma religião exercida por meio de várias regras e leis humanas anexadas à Lei, uma conduta repreendida por Jesus a todo momento:

Então aproximaram-se de Jesus, vindos de Jerusalém, alguns fariseus e escribas, dizendo: “Por que razão transgridem os teus discípulos a tradição dos antigos? Pois não lavam as mãos antes de comerem o pão”. Jesus, respondendo, disse-lhes: “Por que razão transgredis vós o mandamento de Deus por causa de vossa tradição? [...]. Hipócritas! Muito bem profetizou Isaías a vosso respeito, ao dizer: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. É em vão que me veneram, ensinando doutrinas que são preceitos humanos”. E chamando a multidão, Jesus disse-lhes: “Escutai e compreendei. Não é aquilo que entra pela boca que torna a pessoa impura; o que sai da boca é o que torna a pessoa impura”. Os discípulos, aproximando-se dele, disseram-lhe: “Sabes que os fariseus, ouvindo o que disseste, ficaram escandalizados?” Ele respondeu: “Toda planta que não tenha sido plantada pelo meu Pai, o celeste, será arrancada. Deixai-os: são cegos a conduzir outros cegos. Se um cego guiar outro cego, ambos cairão em alguma cova” (LOURENÇO, 2017, p. 109).

Em uma época conturbada para os habitantes das terras que circundavam o Mediterrâneo, Jesus defendeu regras básicas como o amor e a misericórdia; ele encarnou a alma do mito de criação judaico, tornando possível a aproximação do Homem com Deus, um Deus como pai do ser humano, de toda a humanidade, não só dos judeus; um Deus que perdoava “o mal interior”

e desejava a harmonia entre tudo e todos. Ao falar sobre um reino de Deus — um novo Éden? — aberto a todos que *mudassem de mentalidade*¹⁵, Jesus atualizou todo o código mítico judaico para a época vigente: era um momento de crise e de desesperança, no qual o povo ansiava por justiça, desejava-se libertar da opressão romana. No entanto, para Jesus, o problema não era só o Império Romano, tudo estava muito errado e precisava ser corrigido com urgência:

As multidões que iam à frente e os que vinham atrás gritavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas! E entrando ele em Jerusalém, ficou alvoroçada a cidade inteira. Diziam: “Quem é este?”. As multidões diziam: “Este é o Profeta Jesus, o que vem de Nazaré na Galileia”. E Jesus entrou no templo e expulsou todos os que vendiam e compravam no tempo e revirou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam as pombas; e disse-lhes: “Ficou escrito: A minha casa será chamada casa de orações; vós, porém, fazem-na um antro de ladrões” (LOURENÇO, 2017, p. 126-127).

Em toda a mitologia judaica, era algo comum viver à espera de um Messias, alguém que viria instaurar o reino de Israel, alguém que salvaria o povo de Deus. Nos tempos de opressão, a esperança messiânica tornava-se ainda mais forte. Contudo, Jesus não foi visto como Messias pela comunidade judaica, porque, primeiro, ele falava de um reino que não era deste mundo — ideia que não interessa à maioria dos judeus —, segundo, devido a sua origem humilde, Jesus de Nazaré não aparentava nem de longe ser o agente político que expulsaria Roma do ambiente judaico. Curiosamente, na Palestina do século I E.C., a população estava dividida em fariseus, saduceus, essênios e zelotes — grupos que surgiram como resultado das diversas interpretações sobre as fontes e os modos de viver o mito judaico — e Jesus não convergiu de forma completa com nenhum deles¹⁶, já que ele não veio “para lançar paz, mas sim uma espada” (LOURENÇO, 2017, p. 94), uma espada da persuasão e da religião como meio de transformação do mundo.

A doutrina de Jesus é toda baseada nos escritos e tradições do judaísmo, conforme revela o sermão na montanha — “súmula magnífica da pregação de Jesus” (LOURENÇO, 2017, p. 73), que, em partes, expomos agora:

Vendo as multidões, Jesus subiu à montanha e, sentando-se, vieram encontrá-lo os seus discípulos. E abrindo a sua boca, ensinou-os, dizendo: “Bem-

¹⁵ O batismo, um dos ritos do mito cristão, concretiza gestualmente a “mudança de mentalidade”, isto é, em sentido moral, “arrepender-se” (LOURENÇO, 2017, p. 68). Por sua vez, no mito judaico, a imersão nas águas era um ritual de limpeza e purificação — os rabinos se valiam da saída do povo de Israel do Egito, que atravessaram às águas na direção orientada por *Adonai* através de Moisés; passar pelas águas era purificar o corpo para encontrar o Eterno.

¹⁶ Jesus criticava a hipocrisia dos fariseus e divergia da crença dos saduceus. Ele foi iniciado no movimento essênio (João Batista), porém começou o seu ministério longe dos desertos. A defesa ao mito judaico e ao povo judeu, cooptou seguidores de vertente zelote para seu movimento, mas a espada que Jesus empunhava era outra.

aventurados os mendigos pelo espírito, porque deles é o reino dos céus; [...] Bem-aventurados os gentis, porque eles herdarão a terra; Bem-aventurados os esfomeados e os sedentos por justiça, porque eles serão saciados; Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles serão alvo de misericórdia; [...] Bem-aventurados os que fazem a paz, porque eles serão chamados filhos de Deus; Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus [...]. Pois vos digo que, a não ser que a vossa justiça exceda a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus. *Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás.* Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu vos digo que todo que se zanga com seu irmão estará sujeito a julgamento [...]. *Ouvistes que foi dito: não cometerás adultério.* Mas eu vos digo que todo aquele que olha para uma mulher com a intenção de a desejar já cometeu adultério com ela em seu coração. Se o teu olho direito te escandaliza, arranca-o e atira-o para longe de ti. Pois é-te benéfico que pereça um dos teus membros e que não seja o teu corpo inteiro atirado para a geena [...]. *Foi dito: quem divorciar a sua mulher, que lhe dê carta de divórcio.* Mas eu vos digo que todo aquele que se divorcia da sua mulher [...], faz dela uma adúltera; e quem casar com uma divorciada comete adultério. *Ouvistes que foi dito aos antigos: não perjurarás, mas restituirás ao Senhor os teus juramentos.* Mas eu vos digo: não jureis de todo [...]. *Ouvistes que foi dito: olho por olho e dente por dente.* Mas eu vos digo que não vos oponhais a quem vos faz mal. [A] quem te bater na face direita, vira-lhe também a outra [...]. *Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo.* Mas eu vos digo: amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para vos tornardes filhos do Pai vosso [...]. Não julgueis, para que não sejais julgados [...]. Pedi e ser-vos-á dado; procurai e encontrareis; batei [à porta] e ela ser-vos-á aberta [...]. Tende cuidado com os falsos profetas, eles que se aproxima de vós vestidos como ovelhas, mas por dentro são lobos rapaces [...]. Todo aquele que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será assemelhado a um homem sensato, que construiu a sua casa em cima da rocha; E caiu a chuva e vieram os rios e sopraram os ventos e desabaram contra aquela casa, mas ela não ruiu, pois tinha sido fundada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as põe em prática será assemelhado ao homem imbecil, que construiu a sua casa sobre a areia. E caiu a chuva e vieram os rios e sopraram os ventos e embateram contra aquela casa; ela ruiu e grande foi a ruína. ” E aconteceu que, quando Jesus terminou essas palavras, as multidões se espantaram com seu ensinamento. Pois ele os ensinara como tendo autoridade — e não como os escribas (LOURENÇO, 2017, p. 73-84, grifos nossos).

O movimento que Jesus iniciou era aberto a todos “os puros de coração” que reconheciam os seus pecados e aceitavam a exigência radical do amor e as reivindicações do Pai celestial. Sua mensagem espiritual colocava de lado as expectativas das massas judaicas, pois recusava-se a servir-se de métodos políticos e egocêntricos — o que despertou oposição ao movimento. Jesus acolhia todos que o procuravam, conversava com mulheres e estrangeiros publicamente, e ajudava todos aqueles considerados párias pela comunidade judaica, algo que não era comum há anos, ou seja, com essas ações, Jesus perturbava a ordem preestabelecida. Em pouco tempo, os seguidores e colaboradores do movimento de Jesus — entre eles, a chamada Madalena — aumentaram exponencialmente e as abordagens para conter esse forte séquito religioso ficavam

cada vez mais astutas, chegando ao ponto de dois grupos divergentes se unirem, como veremos nesta passagem:

Então os fariseus foram reunir-se em conselho para lhe criarem uma armadilha no seu próprio discurso. E mandaram-lhe os discípulos deles, juntamente com os partidários de Herodes, dizendo: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus na verdade e não te preocupas com [a opinião de] ninguém, pois não olhas para o aspecto das pessoas. Diz-nos, pois, o que te parece: devemos ou não devemos pagar tributo a César?” Sabendo Jesus da malícia deles, disse: “Por que me pondeis à prova, hipócritas? Mostrai-me a moeda do imposto”. Eles levaram-lhe um denário. E Jesus diz-lhes: “De quem é esta efígie e esta inscrição?”. Dizem-lhe: “De César”. Então ele diz-lhes: “Pagai as coisas de César a César; e as coisas de Deus a Deus. E eles ficaram espantados ao ouvir [isto] e, deixando-o, foram-se embora. Naquele mesmo dia, saduceus, que dizem não haver ressurreição, vieram encontrar com ele e interrogaram-no, dizendo: “Mestre, Moisés disse que se alguém morrer sem ter filhos, o seu irmão casará com a viúva e fará levantar sementes ao seu irmão. Nós tínhamos sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu; e não tendo semente, deixou a mulher ao seu irmão. Nas mesmas circunstâncias, também o segundo e o terceiro — e assim até o sétimo. Depois de todos eles, morreu a mulher. Então, na ressurreição, de qual dos sete será ela mulher, pois todos eles a possuíram?”. Jesus, respondendo, disse-lhes: “Equivocai-vos por não conhecerdes as Escrituras nem o poder de Deus. Na ressurreição, nem os homens terão as mulheres; nem as mulheres, maridos; [...] A respeito da ressurreição dos mortos, não lestes o que vos foi dito por Deus, ao dizer: Eu sou o Deus de Abraão e o Deus de Isaac e o Deus de Jacó? Não é Deus de gente morta, mas de gente viva”. E as multidões, ouvindo [isto], maravilhavam-se com a sua doutrina. Tendo os fariseus ouvido que Jesus calara os saduceus, juntaram-se para o mesmo, e um deles, para pôr Jesus à prova, perguntou: “Mestre, qual é o maior mandamento da lei?”. Jesus disse-lhe: “Amarás o Senhor teu Deus em todo o teu coração e em toda a tua alma e em todo o teu entendimento. Este é o grande, o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: amarás o teu próximo como a ti mesmo. Nesses dois mandamentos está suspensa toda a lei e os profetas” (LOURENÇO, 2017, p. 130-132).

O destino trágico de Jesus foi traçado no momento de sua entrada em Jerusalém, quando o povo o recebeu como *Rei dos Judeus* ou *Filho de Deus* — esse alvoroço das pessoas despertou atenção de Pôncio Pilatos, que governou a cidade por dez anos (26 a 36 E.C.), e dos conhecidos opositores de Jesus, que só estavam esperando uma ocasião sensível para prendê-lo e acusá-lo de blasfêmia, pois, para os judeus, aquele que se diz Deus merecia a morte — mesmo que, como já notamos, o interesse na morte de Jesus fosse muito mais político do que religioso — e, para os romanos, aquele que se diz rei ou é chamado como tal pelo povo merece a pena capital por ter cometido crime de sedição, porque, para o Império Romano, só há um *rei* ou um *deus entre homens* e esse sujeito é o Imperador, que, na época, era Tibério Cláudio Nero César. Portanto,

por volta de 30 E.C., com a ajuda do sinédrio¹⁷, Jesus foi crucificado por Roma. Curiosamente, até onde sabemos, a cruz deveria ser o fim de qualquerpositor hostil ao Império e o término de qualquer agitação rebelde, porém, uma reviravolta aconteceria em breve:

É estranho que o “acontecimento Jesus” não tenha terminado na cruz e que os discípulos de Jesus não tenham desaparecido do palco da história como foi o caso de tantos outros rebeldes, pregadores, apologetas, reformadores, insurretos, opositoristas e revolucionários, todos vítimas dos interesses do poder, que pretendiam fazer reinar a ordem e a paz no país [...] como pois, nessas condições, puderam os discípulos de Jesus — e em particular o grupo de Pedro — superar suas terríveis desilusões e o “escândalo da cruz” para passar à ofensiva, uma ofensiva vitoriosa? Como pôde um profeta, cujas predições não se realizarem, ser o ponto de partida da maior religião do mundo? (MACHOVEC, 1989, p.156-157)

Até aqui, podemos assegurar a dimensão histórica de Jesus, também conscientes de que, depois de sua morte, seu irmão Tiago tentou dar continuidade ao movimento, no entanto, será apedrejado por um grupo de judeus por blasfêmia, um pouco antes da revolta judaica contra Roma¹⁸. Portanto, a partir do evento da crucificação tudo entrará na dimensão mitológica — o pontapé inicial para essa dimensão pode ter sido dado por Maria Madalena, como a segunda seção desta dissertação mostrará adiante, entretanto, nesta subseção, ficaremos com Paulo de Tarso, uma intensa voz evangelizadora no cristianismo primitivo¹⁹, responsável não apenas por institucionalizar a seita revelada pelos proto-discípulos de Jesus como também por transformar “Jesus em uma figura mítica”²⁰ (ARMSTRONG, 2005, p. 90).

É inegável que: “o cristianismo contém efetivamente traços tipicamente mitológicos que não podemos conciliar com a concepção científica do mundo e nos quais não é possível crer sem certas correções” (MACHOVEC, 1989, p. 30). Notemos que, por exemplo, as narrativas do nascimento do Cristo, nos capítulos iniciais do **Evangelho segundo Mateus** e do **Evangelho segundo Lucas**, não resistem ao crivo histórico, pois são puramente míticas. Elas flertam com aspectos padrões da mitologia: a origem do herói é divina ou sobrenatural, seu nascimento não é desejado por alguns e seu destino é premeditado — os primeiros discípulos de Jesus já tinham

¹⁷ Tribunal judaico, que, sob julgo romano, não tinha autoridade para a pena capital.

¹⁸ Cf. **Antiguidades judaicas**, de Flávio Josefo, escrita por volta do ano 90 E.C, que narra a história hebraica desde seu mito de criação até a Grande Revolta Judaica.

¹⁹ Tanto Madalena (Jo 20:11-18) quanto Paulo (1 Cor 9: 1) afirmam terem tido uma visão do Jesus ressuscitado. A tradição parece acolher a autoridade de Paulo e fechar os olhos para a de Madalena. Todavia, os Pais da Igreja esquecem de um dado importante, Paulo nem chegou a conviver com Jesus (2 Cor 5: 16).

²⁰ “Cristo Jesus ou Jesus Cristo” — do grego, *Khristós*, que significa Ungido — “Jesus, o Ungido”. O título grego, por sua vez, é uma tradução de um termo hebraico, transliterado para o português como Messias (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1538).

visões particulares a respeito da figura mítica do Cristo e muitas dessas crenças foram expressas de forma oral até chegarem à escrita dos evangelhos: nascer em Belém legitimava Jesus como o Cristo para algumas comunidades cristãs, para outras, como também para Paulo de Tarso, era um dado irrelevante na construção de sua biografia mítica.

A atitude de Paulo de Tarso em “mitologizar” Jesus não será com finalidade pejorativa, pelo contrário, será motivada pelo fato de ser necessária, pois, lembremos que Paulo não esteve com o Nazareno durante seu movimento, mas os boatos sobre a morte desse jovem galileu, que fora crucificado pelo Império Romano há alguns anos, em Jerusalém, começavam a ficar cada vez mais presentes no cotidiano dos judeus e gentios — a ideia de um túmulo vazio conquistava adeptos de forma rápida. Curiosamente, a narrativa de sua conversão aos fortes boatos será tão mítica quanto a figura do Cristo que ele vai conceber, afinal, “a não ser que um evento histórico se tenha mitologizado, ele não serve como fonte de inspiração religiosa” (ARMSTRONG, 2005, p. 91). Como já notamos, é imprescindível libertar o mito dos confinamentos históricos, para que seja possível introduzi-lo na vida dos crentes: a queda no caminho de Damasco²¹ impõe os adeptos daquela fé a desejarem ver o Cristo e, a partir disso, testemunharem em Seu nome. Mas, e quanto a Jesus? Bem verdade que, para Paulo, a doutrina de Jesus e os eventos de sua existência histórica não estavam em sua linha principal de interesse, o mais importante, para ele:

[...] era o “mistério” (palavra que possui a mesma raiz etimológica do termo grego *mythos*) de sua morte e ressurreição. Paulo transformou Jesus no herói mítico intemporal que morre e volta para uma nova vida. Após a crucificação, Deus o exaltou a uma condição única, e Jesus “ascendeu” a um modo de ser superior (ARMSTRONG, 2005, p. 92)

Para explicar tudo isso, porque todo mito explica alguma coisa, Paulo unirá o termo Cristo ao nome de Jesus, pois isso não é simplesmente um título, é a essência dele: Cristo era o Senhor, o agente divino da criação, a plena manifestação do amor de Deus — no ano 60 E.C., Paulo escreve aos colossenses: “[...] nele habita corporalmente toda plenitude da divindade” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1450). Descreve-o como o *Filho de Deus* que veio a terra como homem para cumprir uma difícil missão e, uma vez realizada, recebe a grande recompensa, como Paulo, em meados de 50 E.C., contará aos filipenses: “Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que, em Nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor” (BÍBLIA SAGRADA, 2011,

²¹ Por outro lado, retirando as lentes míticas, essa narrativa não deixa de ser uma necessária *carta branca* para que Paulo de Tarso possa falar como um apóstolo às comunidades, quando sua autoridade fosse questionada.

p. 1445). Nas mãos de Paulo de Tarso, Jesus corporifica-se no agente do poder redentor de Deus que, por amor a humanidade, desce do céu, morre pelos nossos pecados e ressuscita para uma vida plena e imortal.

Em sintonia, a comunidade cristã, que daria origem ao **Evangelho segundo João**, uns 50 anos depois, acreditava na preexistência e na atividade criadora do Cristo: Jesus “era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo [...] todas as coisas existiram por ação dele [...] o verbo fez-se carne e habitou entre nós” (LOURENÇO, 2017, p. 319-320). Mesmo que o mito do Cristo possua aspectos de outros mitos em sua estrutura, há um elemento original sobre sua existência mitológica, ou seja, a Encarnação, que ocorreu num tempo histórico e não num tempo fora do calendário; Cristo não nasceu, viveu, morreu e ressuscitou no Olimpo, no Jardim do Éden ou no Espaço Sideral, mas no antigo Oriente Médio, em pleno Império Romano.

O fato de Paulo de Tarso fazer o que fez com a figura histórica de Jesus é porque, como ele conta no quinto capítulo da segunda carta aos coríntios, os novos adeptos daquela fé — e Paulo estava incluso nisso — não conheciam Jesus à maneira humana, isto é, não viveram nem comeram com ele, não viram sua morte nem sua ressurreição, então, só havia uma forma de conhecê-lo agora, através dos ritos: “[...] todos que passassem pela iniciação do batismo [...] mergulhariam na morte de Jesus e passariam a compartilhar sua nova vida” (ARMSTRONG, 2005, p. 92). Jesus de Nazaré agora não era somente uma figura histórica, a partir de Paulo, também era uma realidade espiritual na vida das pessoas — alcançada através “do ritual e da disciplina ética de viver da mesma maneira altruísta que Jesus vivera” (p. 92) —, pois, naquele momento, elas sabiam que o mito da morte e ressurreição de Jesus era verdadeiro, não por causa de possíveis evidências históricas, mas apenas porque haviam experimentado a transformação: “[...] se alguém está em Cristo, é criatura nova” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1421).

O mito do Cristo estava instituído. E, como todo mito, o episódio da morte e ressurreição ocorrera uma vez a Jesus, mas aconteceria o tempo inteiro na vida dos crentes sempre que fosse necessário. Isso não só expressava que Jesus estaria presente todas as vezes que os cristãos se reunissem para realizar o rito do Batismo²² ou da Eucaristia²³, mas denotava também que o mito cristão instalaria o pilar da salvação/redenção em todo lugar que fosse invocado:

Para os cristãos [...], o centro da vida religiosa é constituído pelo drama de Jesus Cristo [...] esse drama tornou possível a salvação; portanto só existe um único meio de obter a salvação: repetir ritualmente esse drama exemplar e

²² Cf. **Evangelho segundo Mateus**, 28: 28-29

²³ Cf. **Evangelho segundo Lucas**, 24: 13-35

imitar o modelo supremo, revelado pela vida e pelos ensinamentos de Jesus (ELIADE, 1963, p. 142).

E mais: “Esse poderosíssimo mito de salvação [...] foi a principal matriz estruturante da chamada civilização ocidental, dentro da qual se desenvolveu a ciência moderna e se forjou a identidade das nações europeias e americanas” (BYINGTON, 2016, p. 25). Uma vez ligado à crença de uma vida plena e imortal após a morte, o mito cristão representava entrega, renúncia, sofrimento e desafios, as pessoas morreriam em seu nome e viveriam em função dele, pois, para elas, como escreve Paulo: “o viver é Cristo e o morrer, lucro” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1444) — um *oxigênio* e tanto para sobreviver às intempéries do desconhecido.

Todavia, com o passar dos anos e a estimulação bélica, não demoraria para que as pessoas matassem ou vilipendiassem em seu nome, no intuito de proteger a existência dele, já que o mesmo as consolava em todos os momentos. Ao longo dos séculos, sob às rédeas dos homens, o mito cristão, que tem como essência o amor²⁴ e a solidariedade²⁵, foi sendo redesenhado de ponta-a-ponta, uma reconfiguração que autorizou opressão e censura sistemáticas, causando atrocidades insonháveis ao bem comum — asfixiando com *dióxido de carbono* o mundo de pessoas do sexo feminino, canhotas, negras e tantas outras.

²⁴ Cf. **Evangelho segundo Mateus**, 22: 37-39.

²⁵ Cf. **Evangelho segundo João**, 14: 18-21.



VISÃO DE AFONSO HENRIQUES NA BATALHA DE OURIQUE

Frei Manuel dos Reis

2.2 Panorama português: temor e tremor, ascensão e demolição

*E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é português.*

*E a Cruz ao alto diz que o que me há na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.*

FERNANDO PESSOA

Por cerca de dez anos, em uma versão minimalista da expansão romana, Paulo de Tarso percorreu os cantos da terra até então conhecidos e acessíveis, espalhando a biografia mítica de Jesus, como exigia seu papel *autodeclarado* de apóstolo, e criando, desse modo, comunidades religiosas sob a insígnia do Cristo nos maiores centros populacionais de sua época — principais províncias do Império Romano — e, com a missiva de salvação estabelecida em cidades-chave, as zonas rurais eram atingidas também²⁶. Com a atmosfera do período composta por aspirações bélicas²⁷, a figura de apóstolo de Cristo seria reconfigurada para a de soldado de Cristo, já que, aos olhos dos cristãos, a luta contra o mal²⁸ — sobretudo, contra os algozes que tentavam coibir essa fé — ficava cada vez mais intensa, como descreve a homília de Paulo aos efésios (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1442):

Ficai, pois, de prontidão, tendo a verdade como cinturão, a justiça como couraça e os pés calçados com o zelo em anunciar a Boa-Nova da paz. Em todas as circunstâncias, empunhai o escudo da fé, com o qual podereis apagar todas as flechas incendiadas do Maligno. Enfim, ponde o capacete da salvação e empunhai a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.

Jesus Cristo tornou-se um símbolo de força, a armadura divina, uma resistência às ciladas do diabo, ou seja, a arma e a defesa contra tudo que se convencionou chamar de mal — tudo

²⁶ Cf. **Atos dos Apóstolos**, 14: 21-23

²⁷ Revoltas eclodiam constantemente pela Palestina, seguidas por repressões do Império Romano. Entre as mais conhecidas, citamos duas: Em 70, o maior símbolo do judaísmo foi destruído — da estrutura original sobrou uma muralha externa, que hoje é o local mais sagrado do judaísmo, o Muro das Lamentações. Entre os anos 132 e 135, ocorreu a maior coação romana contra os judeus, 50 fortalezas e 985 vilas judaicas foram queimadas, centenas de milhares de judeus morreram e outros tantos foram desterrados (SZKLARZ, 2008, p. 64).

²⁸ Cf. **Carta aos Efésios**, 6: 10-12

que viesse a prejudicar esse mito de salvação. Por isso, objetivando fortificar a doutrina contra os inimigos, era necessário censurar qualquer tipo de heresia à Cristo, estabelecer regras para uma nova vida em Cristo e combater fielmente “os dominadores deste mundo” em seu nome (p. 1442) — não devemos esquecer que, desde o arranjo da redação final do Novo Testamento, passando pelos códigos de conduta e as contínuas *guerras santas*²⁹, esse projeto de cristandade resultaria em um dos maiores flagelos do mundo ocidental: a Inquisição³⁰ — notemos, no texto a seguir, o escabroso *alvará divino*:

Desejando, na mais sincera apreensão, como bem requer o Nosso Apostolado, que a Fé Católica, mormente em Nossos dias, cresça e floresça por todas as partes, e que toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos fiéis, é como enorme satisfação que proclamamos e inclusive reafirmamos os meios e métodos particulares pelos quais Nosso desejo piedoso poderá surtir os efeitos almejados, já que quando todos os erros forem erradicados pela Nossa dissuasão diligente, como pela enxada do agricultor previdente, um maior zelo e uma observância mais regular de Nossa Santa Fé venham a ficar firmemente impressos no coração dos fiéis. De fato, chegou-nos recentemente aos ouvidos, não sem que nos afligíssemos na mais profunda amargura, que em certas regiões da Alemanha do Norte, e também nas províncias, nas aldeias, nos territórios e nas dioceses de Mainz, de Colônia, de Trêves, de Salzburgo e de Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, ao negligenciar a própria salvação e ao se desgarrarem da Fé Católica, entregaram-se a Demônios, a íncubos e a súcubos, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades e ofensas hórridas [...] Pelo que Nós, no cumprimento de Nossas obrigações, mostrando-Nos absolutamente desejosos de remover todos os empecilhos e obstáculos que tornam morosa e difícil a boa obra dos Inquisidores, e também desejosos de aplicar remédios potentes a fim de prevenir a doença da heresia e de outras torpezas que difundem o seu veneno para a destruição de muitas almas inocentes, já que Nosso zelo pela fé é o que nos incita especialmente, para que as províncias, as aldeias, as dioceses e os distritos e territórios da Alemanha, que já especificamos, não se vejam privados dos benefícios do Santo Ofício para esse fim firmado, pelo teor das presentes letras, em virtude de Nossa autoridade apostólica, decretamos e estabelecemos que os [...] Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis [...] corrigindo-as, multando-as, prendendo-as, punindo-as, na proporção dos seus crimes [...] [e caso qualquer poder tentasse coibir a ação da Igreja, cabia aos líderes oficiais] ameaçar a todos os que vierem a dificultar ou impedir a ação dos Inquisidores, a todos os que se lhes opuserem, a todos os rebeldes, de qualquer categoria, estado, posição proeminência, dignidade ou de

²⁹ Período em que a Igreja alcança seu maior poder temporal (MURORO, 2016, p. 17).

³⁰ Curiosamente, a Inquisição julgava-se maniacamente purificadora, sendo capaz de distorcer “o pensamento dos maiores santos e doutores da Igreja, como, por exemplo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, para racionalizar sua própria conduta patológica” — notemos que seu lema jamais foi queima e mata, mas sim misericórdia e justiça. “Ao torturar e matar, os Inquisidores diziam lutar contra o Demônio para salvar a alma de volta para Cristo. Tudo isso faziam como especialistas no estudo dos Evangelhos e no seu conteúdo humanista” (BYINGTON, 2016, p. 26).

qualquer condição que seja — não importando o privilégio de que disponha — [...] ameaçá-los com a excomunhão, a suspensão, a interdição e, inclusive, com as mais terríveis penas, as piores censuras e castigos, [...] sem qualquer direito de apelação [...], recorrendo, se assim convier, ao auxílio do braço secular [...] *Non obstantibus...* Que ninguém portanto... Mas se alguém assim ousar agir — que Deus o proíba —, saiba que sobre si recairá a ira de Deus Todo-Poderoso e a dos bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo [...] (BULA DE INOCÊNCIO VIII *apud* KRAMER e SPREGER, 2016, p. 49-52).

Naturalmente, expomos isso porque, aos adeptos deste *oxigênio*, a salvação em Cristo era realizada “com temor e tremor” — uma vigilância constante não só de si, mas também do outro —, denotando obediência ao poder divino, pois, como escreveu Paulo aos filipenses, é “Deus que produz em vós tanto o querer como o fazer, conforme o seu agrado” — na Terra, a mão de Deus era o Cristo, por conseguinte, seus apóstolos e, por extensão, a Igreja, que seria a senhora do Ocidente: “Fazei tudo sem murmurar nem questionar, para que sejais [...] filhos de Deus sem defeito, no meio de uma geração má e perversa, na qual brilhais como luzeiros no mundo, apegados firmemente” à Igreja (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1445). No começo do século II da E.C., ainda como seita perseguida, a mitologia cristã estabeleceria seu *slogan*: Cristo era o caminho e a verdade e, só através dele, haveria a vida — aqueles que ficassem de fora do projeto de cristandade, viveriam o abismo e a mentira e, longe dele, apenas existiria a morte:

Eu vos digo, pois, e vos conjuro no Senhor, que não vos comporteis mais como se comportam os pagãos, por sua mentalidade fútil. Eles têm inteligência obscurecida e são alheios à vida de Deus, por causa da ignorância produzida neles pela dureza de seus corações. Com sua consciência embotada, entregaram-se à devassidão, praticando avidamente toda sorte de impureza. Quanto a vós, não foi assim que o Cristo vos foi ensinado, se é que ouvistes falar dele e nele fostes instruídos, conforme a verdade que há nele — em Jesus. Precisais deixar a vossa antiga maneira de viver e despojar-vos do homem velho, que vai se corrompendo ao sabor das paixões enganadoras. Precisais renovar-vos, pela transformação espiritual de vossa mente, e vestir-vos do homem novo, criado à imagem de Deus, na verdadeira justiça e santidade (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1440).

A crença no Cristo foi ligada às constantes vitórias sobre o mal e, caso houvesse derrota, alimentava uma esperança de triunfo no porvir — Cristo venceu a morte, os cristãos venceriam qualquer batalha hoje e sempre. Em Cristo, não havia medo da morte³¹ e histórias de constantes sucessos em combates avançavam pela terra como fogo em palha seca, já que Jesus Cristo era maior do que qualquer outro deus rival e, por meio dele, a morte era um evento superável, como orientou Paulo, na segunda carta a Timóteo: morrer com Cristo, equivale a viver com ele; lutar

³¹ Cf. **1 Tessalonicenses**, 4: 13-18; **1 Coríntios**, 15: 12-58

com Cristo, possibilita reinar com ele (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1467). Cristo tornou-se sinônimo de coragem e vitória³² — por exemplo, a tradição cristã mitifica um evento histórico conhecido como a Batalha da Ponte Mílvia, ocorrida no ano 312 E.C.: na época, Constantino, que entraria para o acervo folclórico da Igreja como o primeiro imperador romano a professar a fé cristã, lutava contra o rival Maxêncio pelo trono:

Nesse tempo, um império podia cair por intervenção dos deuses ou dos homens, mas nunca só por vontade destes últimos. Por isso, em qualquer caso, havia que manter-se pio e não provocar a *pax deorum*. Também por isso, o acontecimento da Ponte Mílvia (*sic*) é apresentado e interpretado pelas fontes (cristãs) mais antigas como o episódio culminante de uma guerra de religião entre Constantino inspirado pelo Deus dos cristãos e Maxêncio movido pela *pietas* pagã. Nesta interpretação “religiosa” do facto político foi fundamental a visão que terá decidido o desfecho da batalha e a “conversão” do imperador que combatera em nome do “sumus deus” (LAMELAS, 2013, p. 198-199).

Antes da batalha derradeira contra Maxêncio, Constantino, no caminho para a luta, teria visto uma cruz brilhando intensamente mais do que o próprio sol no céu e nela estava inscrito: com este sinal vencerás³³, isto é, sob Cristo, alcançará a vitória — inspirados na narrativa mítica de Paulo no caminho de Damasco, escritores cristãos, como, por exemplo, Lactâncio e Eusébio, acreditavam que o sucesso de Constantino significava inspiração divina, pois ele testemunhara o sinal do Cristo e, como todo imperador, assumia-se como instrumento à serviço de um poder superior, naquele caso, o deus cristão, o que ajudava a mitologia cristã a sair da ilegalidade e, automaticamente, retirava o aspecto de *escândalo* do símbolo da cruz e articulava os primeiros passos para a fundação de uma nação cristã:

O sucedido naquele tempo é entendido como um evento sobrenatural e miraculoso: Constantino é tocado por uma luz e uma voz celeste, como sucedera com Paulo no caminho de Damasco. Tanto Eusébio como Lactâncio, ao relatar os factos, tecem a narrativa já entremeada com as linhas da história e os fios do sagrado. Ambos conheceram pessoalmente o imperador: Lactâncio como preceptor de seu filho Crispo; Eusébio lidou mais com ele nos últimos anos da sua vida (324-337), antes de escrever a **Vida de Constantino** [...]. Foi, pois, Eusébio quem deu o primeiro e maior passo para a consagração do mito constantiniano ao acentuar a ligação e intervenção divina na história e vida do imperador, tendendo a transformar em milagres todas as vitórias do imperador. O pai da historiografia eclesiástica quer, de facto, demonstrar na biografia panegírica de Constantino (uma antologia de atos piedosos) que a *felicitas* do imperador se deve à sua *pietas*. Multiplica, por isso, as revelações diretamente recebidas de Deus e os factos extraordinários que asseguram a vitória de Constantino querida por Deus. O sistema simbólico eusebiano serve

³² Cf. Romanos, 8: 31; Evangelho segundo João, 5: 4

³³ *In hoc signo vinces*

assim para afirmar a nova ideologia imperial, concebida esta como organização política da fé cristã (LAMELAS, 2013, p. 203-207).

Com a Batalha da Ponte Mílvia transformada em um mito fundador, Constantino tornou-se modelo ideal de governante para monarcas cristãos, e sua mítica biografia inspiraria muito mais conquistas da fé cristã pelo mundo como também narrativas similares — o que nos leva a nação portuguesa e seu mito fundador (ver figura 2).

Primeiro, lembremos que, como escreveu Saraiva (1994, p. 112), esses “mitos históricos são uma forma de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo” — ou seja, toda nação tem um mito de origem, o qual fornece a identidade dela, a sua singularidade diante das outras nações. É impossível compreender porque Portugal fez isso ou aquilo ao longo dos anos, sem conhecer a narrativa que a nação portuguesa fez sobre o seu próprio passado. De modo curioso, antes da figura heroica do Cristo *tomar as rédeas* e ampliar, de forma definitiva, o olhar português além do horizonte, a terra lusitana jazia nos braços do heroico Ulisses:

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.
(PESSOA, 1986, p. 23)

Ulisses, versão romana de Odisseu, é o protagonista da **Odisseia**, de Homero, e representa o fundador mítico de Portugal, o primeiro a aportar em solo lusitano e a fundar uma cidade³⁴, como mostra o trecho acima. Ele seria a pedra angular da nação portuguesa, seguido de outras tantas figuras lendárias, predestinando o povo português a continuar/seguir os feitos grandiosos desses ancestrais — historicamente, a conexão com Ulisses advém do fato do Império Romano ter governado os territórios da península ibérica por quase 500 anos, como ratifica os vestígios arqueológicos. Sendo navegador errante, após a Guerra de Tróia, Ulisses era o mito necessário para explicar o desejo português por desbravar os mares, porém, a coragem e a força derradeiras para tal ato seriam dadas por outro herói mítico, o Cristo. Consequentemente, de um “pequeno reino de fronteiras ganhas no séc. XIII, transformou-se, *em nome da cruz e na ponta da espada*, no senhor dos mares quinhentistas” (ANTUNES, 1980, p. 13, grifo nosso).

Como já observamos, anteriormente, a Batalha da Ponte Mílvia serviu de plano de fundo para a fundação de uma Roma cristã, no caso de Portugal, a Batalha de Ourique, ocorrida no

³⁴ Olissipo, antigo nome de Lisboa, deriva de *Ulyssis + pona*, a cidade de Ulisses.

século XII, instituiria as fortes bases da nação portuguesa, que, como a romana, rumou do muito pouco³⁵ “até agregar sob a sua bandeira as linhas incontáveis de um fabuloso império” (Ibid., p. 14). Transformada em mito fundador, a Batalha de Ourique expressava, aos olhos do mundo, que Portugal era um reino instituído por meio do desejo divino, e a sua fortuna e independência eterna, frutos de um direito superior, no caso, concedido pelo deus cristão. Em **Os Lusíadas** — canto de louvor ao povo lusitano — escrito no apogeu português, em 1572, podemos localizar o relato canônico³⁶ do episódio:

Mas já o Príncipe Afonso aparelhava
O Lusitano exército ditoso,
Contra o Mouro que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoso;
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e belicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força e gente tão pequeno,

Em nenhũa outra cousa confiado,
Senão no sumo Deus que o Céu regia,
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que, pera um só, cem Mouros haveria.
Julga qualquer júizo sossegado
Por mais temeridade que ousadia
Cometer um tamanho ajuntamento,
Que pera um cavaleiro houvesse cento.

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quais o principal Ismar se chama;
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a ilustre fama.
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa e forte Dama
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Termodonte já gostaram.

A matutina luz, serena e fria,
As Estrelas do Pólo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Afonso, o animava.

³⁵ As bases econômicas do reino de Portugal “eram a pesca e agricultura de subsistência”, no entanto, “sua pobreza era igualada apenas por suas aspirações” (CROWLEY, 2016, p. 17).

³⁶ O milagre de Ourique é narrado pela primeira vez na **Crônica de Portugal de 1419** (GANDRA, 2002, p. 86-92) e já apresentava Afonso Henriques como uma figura épica, relatando uma batalha ao sul do Tejo contra vários reis “mouros”, entre eles um enigmático rei “Ismar” — esses elementos escapam à verossimilhança histórica.

Ele, adorando Quem lhe aparecia,
 Na Fé todo inflamado assi gritava:
 – “Aos Infiéis, Senhor, aos Infiéis,
 E não a mi, que creio o que podeis!”

Com tal milagre os ânimos da gente
 Portuguesa inflamados, levantavam
 Por seu Rei natural este excelente
 Príncipe, que do peito tanto amavam;
 E diante do exército potente
 Dos imigos, gritando, o céu tocavam,
 Dizendo em alta voz: – “Real, real,
 Por Afonso, alto Rei de Portugal!”

[...]

Destarte o Mouro, atónito e torvado,
 Toma sem tento as armas mui depressa;
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belígero arremessa.
 O Português o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
 Uns caem meios mortos e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

[...]

Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas, sem dono e sem sentido,
 E doutros as entranhas palpitando,
 Pálida a cor, o cesto amortecido.
 Já perde o campo o exército nefando;
 Correm rios do sangue desparzido,
 Com que também do campo a cor se perde,
 Tornando carmesi, de branco e verde.

Já fica vencedor o Lusitano,
 Recolhendo os troféus e presa rica;
 Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
 Três dias o grão Rei no campo fica.
 Aqui pinta no branco escudo ufano,
 Que agora esta vitória certifica,
 Cinco escudos azuis esclarecidos,
 Em sinal destes cinco Reis vencidos.
 (CAMÕES, 2000, p. 109-112)

Conforme a citação, é possível observarmos que, a visão e a vitória de Afonso Henriques, na Batalha de Ourique, são metonímias das de Constantino, na Batalha da Ponte Mílvia: Roma surge como Ourique; Ismar parece ser o novo Maxêncio; os mouros, os novos pagãos; o Império Romano volta como o reino de Portugal, que aspira assumir a posição de Quinto Império. Além do mais, na perspectiva camoniana, a Batalha de Ourique denota uma compreensão de Portugal

como um povo destinado ao combate e a propagação da fé cristã, conquistador de novos mundos e instrumento de Cristo contra seus inimigos, vulgo, os muçulmanos — essa passagem mítica guiaria as ações lusitanas, pois, a partir dela, a cruz passaria a ser uma marca constante na simbologia nacional dentro das fronteiras ou além-mar:

Em agosto de 1483, um grupo de marinheiros castigados pelo tempo estava puxando um pilar de pedra para a posição vertical em um promontório na costa do que hoje é Angola. Ele tinha cerca de um metro e meio de altura e era encimado por uma cruz de ferro fixada a um pedestal com chumbo derretido. Sua haste cilíndrica tinha o topo modelado em forma de cubo, em cujas faces estavam gravados o escudo português e uma inscrição: *Na era de 6681 anos da criação do mundo, há 1482 anos do nascimento de Nosso Senhor Jesus, o mais Alto e Excelente e Poderoso príncipe, rei d. João II de Portugal, enviou Diogo Cão, escudeiro desta Casa, para descobrir esta terra e plantar estes pilares.* O monumento, um minúsculo furo de alfinete na imensidão da África [...], proclamava suas próprias mitologias a respeito do tempo, identidade e missão religiosa (CROWLEY, 2016, p 25-26, grifo nosso).

Com a experiência mítica de Ulisses na genealogia portuguesa e, sem o terrificante medo da morte, pois, viajavam com Cristo e, obviamente, em nome dele, “Portugal entrou em África como um leão” (ANTUNES, 1980, p. 13) — e tudo começou,

Em 1415, [quando] uma frota portuguesa navegou pelo estreito de Gibraltar e atacou o porto muçulmano de Ceuta, no Marrocos, um dos baluartes mais bem fortificados e estratégicos de todo o mediterrâneo. Sua captura deixou a Europa pasma [...]. O ataque a Ceuta tinha o propósito de absorver as energias inquietas da nobreza em uma campanha que combinava a bravura medieval com as paixões das cruzadas. Os portugueses tinham chegado para lavar as mãos no sangue infiel. Seguiram o contrato à risca. Três dias de pilhagem e massacres saquearam um lugar descrito antes como “a flor de todas as cidades da África [...] sua porta de saída e sua chave”. Esse golpe assombroso chamou a atenção dos rivais europeus para o fato de que o pequeno reino era autoconfiante, energético — e se movimentava (CROWLEY, 2016, p. 17).

A ascensão começou sem magnificência. Os navios de Vasco da Gama eram minúsculos, porém, guiados pelo oxigênio sagrado do mito, os portugueses anunciavam “suas intenções com cruces vermelhas pintadas nas velas e canhões de bronze” (Ibid., p. 21). O projeto nacional em curso era a conquista — o que começou em Ceuta como uma tentativa de acesso às fontes do ouro africano, receberia da Igreja, quase quarenta décadas depois, “concessões espirituais e financeiras, além de direitos territoriais sobre as terras exploradas em nome de Cristo” (Ibid., p. 23), uma vez que a queda de Constantinopla, em 1453, transformara o islã em inimigo mor

da Europa e os portugueses em guerreiros de Cristo, autorizados³⁷ a “invadir, buscar, capturar, vencer e subjugar todos os sarracenos e pagãos e outros inimigos de Cristo, [...] e reduzir suas pessoas à escravidão perpétua” (Ibid., p. 28).

Em meados de 1500, “a superstição medieval de que para lá do mar tenebroso não havia mais mundo” (ANTUNES, 1980, p. 14) estava totalmente suplantada e o horizonte pertencia aos portugueses:

O Senegal foi alcançado em 1444 e Cabo Verde em 1456. Diego Cão chegou à embocadura do Congo em 1485; e em 1487 Bartolomeu Dias dobrou o cabo da Boa Esperança. Vasco da Gama desembarcou na Índia no ano seguinte; e em 1500 Álvares Cabral aportou no Brasil. Entre o primeiro quartel do século XV e o segundo quartel do século XVI, ao cabo de porfiadas viagens seladas pelo fulgor quanto pelo drama, os navegadores portugueses legaram à Europa as geografias ignoradas do planeta. Um feito descomunal para um tão débil país (Ibid. p. 15).

Nessa época, com um novo rei no trono português, o minúsculo Portugal justificava seus grandes feitos no ditado bíblico “os últimos serão os primeiros” (LOURENÇO, 2017, p. 123). Com o novo rei “nascido no dia da festa de Corpus Christi e batizado com o nome luminoso de Emmanuel, ‘Deus conosco’”, sua coroação estava marcada por uma mística singular, na qual ele “acreditava, e era encorajado a acreditar, que estava predestinado a coisas extraordinárias: a exterminação do islã e a disseminação da cristandade pelo mundo todo” (CROWLEY, 2016, p. 55). Não por acaso era representado como *o monarca universal* e o seu lema foi: “[Voltamos] para Deus no céu, mas para Vós na terra” (Ibid., p. 56). Por coincidência ou não, o mundo muçulmano viria ao colapso durante seu reinado e o papa até pensou “em conceder-lhe o título de Supremo Rei Cristão” (Ibid., p 203), porém, mesmo não realizando tal ato,

a Santa Sé consagrou o império português com um rol de bulas, doações e favores papais [...]. D. Manuel podia intitular-se, em 1501, “senhor da conquista, navegação e comercio da Etiópia, Índia, Arábia e Pérsia”, sem que na verdade, nota C. Boxer, as frotas portuguesas tivessem conquistado essas terras. O direito à grandiloquência e à pompa advinha a D. Manuel pura e simplesmente das bulas papais (ANTUNES, 1980, p. 18).

Com uma aspiração ardente e o aval de Cristo, Portugal, conforme avançava pelos mares, deixava um rastro de sangue e de fogo para sempre permanentes, ou seja, “a avidez dos tesouros e a paixão por Deus fundiram-se sem remorso” (p. 16) — os portugueses eram os civilizados,

³⁷ Cf. A bula **Romanus Pontifex** (Nicolau V), de 8 de janeiro de 1455.

a barbárie pertencia ao outro³⁸. Portugal, em meados do século XVI, experimentou o apogeu do seu brilho expansionista: “Lisboa tornava-se o cais do mundo e a mais próspera cidade” (p. 19). Nutrida pelo lucro das conquistas — pura rapina com zelo religioso —, a Coroa portuguesa enriqueceu e ostentou para Deus e o mundo seu império global, era “a hora portuguesa” (p. 20), o momento tão esperado, que, para Portugal, de forma assustadora, seria efêmera.

Na mesma celeridade da ascensão, a demolição chegou:

O império português desmoronou-se no seu brilho efêmero [...] em 1580 o país perdia a soberania e a Holanda palmava-lhe sem apelo o império da pimenta. Sobravam Angola, Moçambique, Guiné, Brasil, Goa, Macau e Timor: mas como estilhas de uma barca em pleno naufrágio. Lisboa perdia o ceptro dos mares em favor de Amesterdão e de Londres (p. 22).

Nessa época, Holanda e Inglaterra começam a controlar o tráfico de especiarias. Sem criar uma reserva particular de emergência, Portugal manteve seu débil sistema de troca de produtos, enquanto realizava malabarismos financeiros para sustentar as espetaculosas regalias da Coroa e encantar a Igreja com itens do novo mundo ou construções faraônicas:

A Corte entorpecia-se nos gastos para a manutenção do império, nos festins que a transitória opulência tornara necessidade e nos esforços para deslumbrar o Papa com uma magnificente embaixada em Roma. Para cobrir dívidas ou adquirir armamento necessário à defesa das praças africanas, o Estado pedia dinheiro emprestado [...]. Com a soberania nas tenazes filipinas, e o império das especiarias na esfera holandesa, agravou-se seriamente a dependência e cresceu a humilhação (p. 26-27).

A má administração dos negócios coloniais — as *novas terras* eram ambientes de saques, não territórios para investimento futuro — sepultaria em passo acelerado a aspiração de Quinto Império, imergindo Portugal, até o século XVIII, em um transe coletivo, um limbo governado pela esperança do retorno de figuras lendárias para guiar o país ao seu *século de ouro*. Antunes (1980, p. 29) arremata:

Sumidos os tempos da grandeza na arca da História, a exploração do Ultramar tornou-se inerte. As terras desvendadas com bravura e sangue jaziam como cascos velhíssimos ao sol tropical. Ultrapassado e moribundo, Portugal, ficou avarento como um velho solitário [...]. Não descolonizou por vontade própria. O Brasil ascendeu por si, Goa foi-lhe tirada pela Índia e as colônias de África só ao cabo de muitas tormentas.

³⁸ Para a Grécia, o bárbaro era aquele que não falava grego; para Roma, quem estivesse fora do mundo romano.

A nação portuguesa agarrou-se ao passado para sonhar o futuro (LOURENÇO, 2005, p. 29). O mito de Cristo, premeditava a ressurreição do império. **Os Lusíadas** — a ficção do ideal português — acabaria por ser o sudário de Portugal. A pequena nação, que chegou a construir um império, erguida pelo direito divino de ser *grande*, aguardava seu retorno ao *hall dos eleitos*. As madrugadas de domingo passavam e, ungido por bálsamos idílicos, o cadáver do império português jazia no sepulcro — e quando chegava a se levantar, mantinha as marcas da morte, já que parte de Portugal continua presa ao passado, a uma particular ficção gloriosa, que não iria retornar, pois:

Essa grandeza era, concretamente, uma ficção. Nós éramos grandes, dessa grandeza que os outros percebem de fora e por isso integra ou representa a mais vasta consciência da aventura humana, mas éramos grandes de longe, fora de nós, no Oriente de um sonho ou num Ocidente impensado ainda (LOURENÇO, 2005, P. 26).

Acreditar nesse retorno suntuoso é a forma que os portugueses encontraram para negar o seu estado de fragilidade no mundo e recusar o destino de pequena nação. E nesse vale da morte, Cristo ainda os guiava. Ao realizar homilias que remetiam à Batalha de Ourique, episódio em que Cristo escolhe o povo português para realizar grandes feitos, a Igreja continuaria a proteger essa crença. Mesmo na queda, Portugal continuou ligado à Igreja e aos seus textos sagrados — a salvação portuguesa viria através de temor e tremor.

Curiosamente, em 1755, com a ocorrência de um terremoto e quase destruição de Lisboa, a mentalidade portuguesa ficara mais abalada que a cidade e os seus edifícios, já que o fato do sismo ocorrer no primeiro dia de novembro — Festa de Todos-os-Santos —, significava nada mais nada menos do que a manifestação da ira divina. O culto a Cristo edificou as estruturas da nação portuguesa e essa continuava fiel ao símbolo da cruz, então, como Deus foi capaz de castigar os portugueses daquela maneira? A mentalidade religiosa do século XVIII tentaria responder essa difícil questão, mas, não chegaria a um consenso. No entanto, o que estava fora da visão nublada dos portugueses, era que Deus nada tinha a ver com o ocorrido — não passou de uma coincidência infeliz o terremoto ter sido em uma tradicional data religiosa; a festividade levou milhares de portugueses aos prédios eclesiais, que, como temos ciência, são edificações colossais (ver figura 3), logo, mais suscetíveis a causar danos.

De todo modo, as ações portuguesas seriam norteadas pela vontade de Deus — conhecido poder superior, que governa os Homens — como foi no princípio, agora e, como ambicionavam acreditar, sempre. A laicidade do Estado não seria capaz de suavizar o véu que adorna a face portuguesa há séculos, o cristianismo-católico é intrínseco a Portugal. Não por acaso, o escritor

português José Saramago — cidadão preocupado com o presente e o futuro do seu país —, ao olhar para as ruínas do passado a fim de explorar a História lusitana e instalar a necessidade de senso autocrítico nos portugueses pós-25 de abril de 1974, tenha se prestado a compor um novo evangelho.



RUÍNAS DO CONVENTO DO CARMO, LISBOA
Vestígios do grande terremoto de 1 de novembro de 1755

2.3 José Saramago e sua reconstrução desassossegada

Não faço força para ser cristão, mas, ao contrário de outras pessoas, não digo que a marca do cristianismo desapareceu do meu cérebro. Não omito minha formação, como prova O Evangelho segundo Jesus Cristo. Nele está presente o cristianismo na sua expressão católica. Posso estar fora da Igreja, mas não do mundo que a Igreja criou.

JOSÉ SARAMAGO

Em síntese biográfica, José Saramago (ver figura 4) não foi apenas um sujeito indignado, — com opiniões marcadas por constante interrogação³⁹ —, também foi, como escreve Aguilera (2010, p. 30-31),

disciplinado, tenaz, ateu, cosmopolita, [...], melancólico, reservado, militante, coerente, firme em suas convicções, sério, severo, [...], racionalista, áspero, cético, tímido, terno, antipedante, implacável, pessimista, polêmico, [...], leal, sincero, generoso, duro por fora e frágil por dentro, [...], frugal, compassivo, [...], trabalhador, independente, [...], ético, imaginativo, comunista, solidário, orgulhoso, reflexivo, possuidor de um acentuado senso da dignidade, irônico [...], relativista, português, [...] sensível, honesto, incômodo, sarcástico, [...]... Um homem possuído, desde a juventude, por uma insaciável curiosidade cartográfica, que defendia com firmeza suas opiniões sem medir as consequências, acostumado a dizer o que pensava e a meditar o que dizia.

Em 2001, o crítico literário Harold Bloom (*apud* AGUILERA, 2010, p. 12) diria:

Saramago é extraordinário, quase um Shakespeare entre os romancistas. Não há nenhum ficcionista vivo nos Estados unidos, na América do Sul ou na Europa que tenha sua versatilidade. Dir-se-ia tão divertido quanto pungente. Sei que é marxista, mas não escreve como um comissário e opõe-se aos impostores da Igreja católica

É curioso notarmos que, ainda em vida, o escritor português atingiu a dimensão canônica (REIS *apud* ARNAUT, 2008, p. 11) — a explicação passa tanto pelo estilo saramaguiano, que é sua marca inconfundível, quanto por aquilo que afirmava Tchekhov (*apud* AGUILERA, 2010, p. 18): “a originalidade de um autor se apoia não só em seu estilo, mas também em sua maneira de pensar”. Isto é, os sonhos e ideais de José Saramago estão imortalizados nas personagens criadas, transformando o escritor português em uma personagem — aprendiz das criaturas que

³⁹ <http://saramago90anos.wordpress.com/dia-do-desassossego-manifesto/>

acabara criando ao longo dos anos —, uma figura ímpar, quase mítica: “Era uma vez um homem que nasceu numa azinhaga e se fez serralheiro, jornalista, escritor e cavaleiro. Era uma vez a gente que o amou e odiou [...]. Era uma vez um homem que tinha um sonho [...]. Era uma vez. Saramago” (JACOBETTY *apud* ARNAUT, 2008, p. 15).

Antes de voltarmos ao tópico do cânone, cabe aqui um adendo, aos leitores mais curiosos. Era uma vez Saramago? Certa vez, o escritor português parafraseou Pessoa: “o nome é o nada que é tudo” (*apud* AGUILERA, 2010, p. 33). Contamos isso, pois o escritor-personagem levou ao pé da letra o significado do seu epíteto — conhecer seu sentido, revela um pouco do pensar de José Saramago. Era uma vez um José, em novembro de 1922. Era uma vez um Saramago, em dezembro daquele mesmo ano. Em pormenores, sigamos: Em dezesseis de novembro de 1922, na rua da Lagoa, situada na aldeia de Azinhaga, conselho ribatejano da Golegã, o Prêmio Nobel (1998) “nasceu como todos os filhos dos homens, sujo do sangue de sua mãe, viscoso das suas mucosidades e sofrendo em silêncio. Chorou porque o fizeram chorar, e chorará por esse mesmo e único motivo” (SARAMAGO, 1991, p. 83). Filho de uma família de camponeses sem terra, o menino só foi oficialmente registrado, em meados de dezembro, tendo nascido em dezoito de novembro — fraude imprescindível para que a humilde família se livrasse do pagamento da multa por falta de declaração do nascimento no prazo legal. Sete anos depois, já vivendo em Lisboa com a família, que buscava ali uma vida melhor, houve o famoso incidente onomástico — o menino José de Souza descobriu que, na verdade, chamava-se José de Souza Saramago. Ninguém tinha tomado conhecimento de tal equívoco até a apresentação obrigatória da certidão de nascimento para a matrícula do garoto na escola primária. Além de aludir a uma espécie de erva ruim, incômoda por nascer facilmente nos campos⁴⁰, esta alcunha jocosa era utilizada entre os vizinhos da aldeia natal para aviltar a família, apelidada de “os Saramagos”. Com a publicação do livro **As pequenas memórias** (2006), o próprio José Saramago (*apud* LOPES, 2010, p. 18) esclareceu o caso:

[...] esse Saramago não era um apelido do lado paterno, mas sim a alcunha por que a família era conhecida na aldeia. Que indo o meu pai a declarar no Registo Civil da Golegã o nascimento do seu segundo filho, sucedeu que o funcionário (chamado ele Silvino) estava bêbado (por despeito, disse o acusaria sempre meu pai) e que, sob os efeitos do álcool e sem que ninguém se tivesse apercebido da onomástica fraude, decidiu por conta e risco acrescentar Saramago ao lacônico José de Souza que meu pai pretendia que eu fosse.

⁴⁰ *Saramago* é uma planta herbácea espontânea, cujas folhas, naqueles tempos, em épocas de carência, serviam como alimento na cozinha dos pobres.

É bem verdade que o funcionário do cartório poderia até estar bêbado, porém, nessa piada de mau-gosto, acabava — sem saber — por *profetizar* o futuro do franzino garoto português: José não só seria uma erva incômoda na planície portuguesa, mas, inesperadamente, quando sua obra literária cruzasse os mares, no mundo todo, porque, na vida adulta, Saramago, como indiscutível sujeito político que foi, não iria se abster de debater questões tabus e de incitar as consciências para os caminhos hostis que Portugal — e o mundo ocidental — continuava por enveredar e acreditava pertencer. Sendo um escritor-cidadão⁴¹, sua missão era desassossegar os leitores, já que, achegado a fortes convicções políticas e ao humanismo, José Saramago estava “mais disposto a derramar vinagre e sal na ferida do que colocar emplastos e passar pomadas” (AGUILERA, 2010, p. 97) — por isso, para quem olha de longe, sem conhecimento de causa, é de surpreender que, após a leitura de um de seus romances, o leitor ainda respire com aparente normalidade. É a bela contradição, tecida pela arte das palavras, a erva amarga não envenena, desperta o leitor para algo ainda não pensado, não visto, confere a chance de enxergar as feridas abertas, como o próprio Saramago (*apud* AGUILERA, 2010, p. 328) exporia:

Penso que o que caracteriza o meu leitor é a sensibilidade. É como se as pessoas percebessem que estavam a precisar e não tinham encontrado antes o que eu estou escrevendo [...]. Não acredito nessas reações do tipo “o seu livro mudou minha vida”. Mas, para voltar a isso das portas, é como se uma portinhola do leitor precisasse de uma chave e essa chave a leitura de um livro meu a tivesse dado. Talvez tenha se tratado de uma portinhola muito pequena, que não tem muita importância, mas estava fechada, e o livro a abriu. E o que expressa é essa sensibilidade: “O senhor tocou em algo que me chegou”.

Aliada ao pensar saramaguiano, uma vez que, a “escrita literária é quase sempre escrita de si” (MARTINS, 2014, p. 37), e ao estilo literário particular do autor, a obra de José Saramago deixa marcas, algumas, na maioria das vezes, inomináveis — o que nos leva de volta ao assunto do cânone e a entrada, sem muitas resistências, do escritor português. O ato justifica-se, segundo Arnaut (2008, p. 15), porque José Saramago contribuiu para a instauração e afirmação do pós-modernismo⁴² na literatura portuguesa — esse movimento sociocultural e estético, em suma de análise, que, ao se instalar nas artes, pretende desemaranhar uma imensa linha de antíteses limitadoras propostas pelo modernismo (COMPAGNON, 2010, p. 108-117); nele, nada mais é

⁴¹ José Saramago costumava reiterar, resolutivo, desfazendo qualquer dúvida eventual sobre seu compromisso civil: “Aonde vai o escritor, vai o cidadão” (AGUILERA, 2010, p. 11).

⁴² O prefixo “pós” não é posto no sentido linguístico do termo, como algo que vem depois, mas na condição de análise crítica da modernidade.

certo/correto, tudo é relativo e impreciso, isto é, este processo *anárquico* funciona como um sepulcro de todas as justificativas e assertivas imperativas; é a contestação “da razão moderna desde as Luzes” (LYOTARD, 1986, p. 109).

A Revolução dos Cravos — 25 de abril de 1974 —, que marca o fim da ditadura salazarista e o início da descolonização na África, provoca na mentalidade artística portuguesa uma busca por “novas formas de ver/pensar o país e suas componentes sociais” (NETO, 2012, p. 22). Além do mais, é no pós-25 de abril que:

a literatura portuguesa incorpora com maior grau de evidência temas inerentes à diversidade dos estratos sociais. Desencadeia-se uma profusão de narrativas em que a mulher e outra leva de sujeitos marginais, vítimas de um arcabouço social, passam a construir elementos significativos no cenário literário português (Ibid., p. 22-23).

Nessa perspectiva, na década de 1980, a literatura de José Saramago levantou do chão os explorados — “[...] Sendo o livro como é – um livro sobre o Alentejo – e querendo eu contar a situação de uma parte da nossa população [...] o que vi foi que todo o esforço dessa gente [...] é no fundo o de alguém que pretende levantar-se” (AGUILERA, 2010, p. 277-278); apresentou memoriais dos excluídos — “Penso que [**Memorial do convento**] reflete o povo que somos [os portugueses] e as preocupações que ainda temos” (Ibid., p. 278); expôs, através dos olhos de Ricardo Reis, a atmosfera cinza da sociedade portuguesa — “Se este livro tivesse que levar um subtítulo poderia ser ‘Contribuição para o diagnóstico da doença portuguesa’” (Ibid., p. 282); respondeu ao desdém da Europa, ao transformar a Península Ibérica em uma jangada lançada à ermo — “Já que vocês não nos querem, então vamos embora” (Ibid., p. 392); demoliu os cercos da História para discutir fato e ficção — “Qual é a verdadeira **História do cerco de Lisboa?** Nenhuma” (Ibid., p. 290).

José Saramago, munido da ousada atitude de “entretecer dados históricos [...] num tecido ficcional” (*apud* ARNAUT, 2008, p. 83), não só reconstruía a História lusitana, como tinha um estilo singular para fazer isso:

Um dia compreendi [...] que só poderia escrever o livro [**Levantado do chão**] se o contasse, isto é, transformando-me eu em narrador multiplicado, de fora e dentro, próximo e distanciado, grave e irônico, terno e brutal, ingênuo e experiente, um narrador que ao dizer a realidade, e para a dizer, fosse capaz de a inventar em cada momento. Percebi que isto só poderia ser feito se reconstituísse a oralidade na escrita, se fizesse da escrita discurso próprio no sentido próprio (AGUILERA, 2010, p. 276).

Sobre aquilo que se habituou chamar de “estilo saramaguiano”, que surgiu em **Levantado do chão**, no início da década de 1980, e seguiu o escritor português até a última obra publicada, Lopes (2010, p. 96) arremata que “foi a forma de contar que marcou a diferença de Saramago no panorama literário nacional”, pois, com a escrita oralizada, o narrador surge “como se estivesse de viva voz em uma roda de companheiros”. Em vista disso, José Saramago acabou por adotar regras próprias de escrita:

Se usasse constantemente sinais gráficos de pontuação, seria como se estivesse a introduzir obstáculos ao livre fluir desse grande rio que é a linguagem do romance, como se estivesse a trava o seu curso. No fundo, é como se escrever fosse narrar. Claro que tudo isto é sempre subjetivo e podem ser encontradas muitas outras razões para justificar esta técnica. Estas, no entanto, são as minhas e não me parecem de todo más (AGUILERA, 2010, p. 229-230).

Através de estilo inconfundível, em seus romances da década de 1980⁴³, José Saramago propõe ao leitor um diálogo crítico com o passado, com as bases que estruturaram a sociedade portuguesa, principalmente, com o poder que ainda o governa/doma, dessacralizando o discurso historiográfico oficial e andando por diferentes percursos político-ideológicos. Nessa proposta, o escritor português demonstra que “o mundo das verdades históricas e o mundo das verdades ficcionais, à primeira vista inconciliáveis, podem vir a ser harmonizados na instância narradora” (*apud* ARNAUT, 2008, p. 83) — a reavaliação da História é um artifício importante na primeira fase da literatura de José Saramago.

Quanto a isso, Lima (*apud* ARNAUT, 2008, p. 154) esclarece que:

A evocação da História no romance pós-moderno, [...] implica, não uma fuga ou uma visão iconoclasta da História, como pretendia o modernismo, mas uma autoconsciência histórica e ficcional que sabe que o acesso à História está sempre condicionado pela textualidade. A história que conhecemos é uma narrativa canônica, uma verdade, contada do ponto de vista oficial, dos vencedores e dos heróis; é uma versão que pode [...] ser contada de outro ponto de vista, originando outras verdades. E se o ponto de vista adotado for dos humilhados, dos vencidos, dos esquecidos da História? [...] A História é, seria, será outra; outros mundos poder-se-iam ter construído, poder-se-ão construir.

É o que acontecerá com a obra **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991). Além de pôr em foco a voz e a vez dos marginalizados, numa narrativa desassossegadora — reconstrução

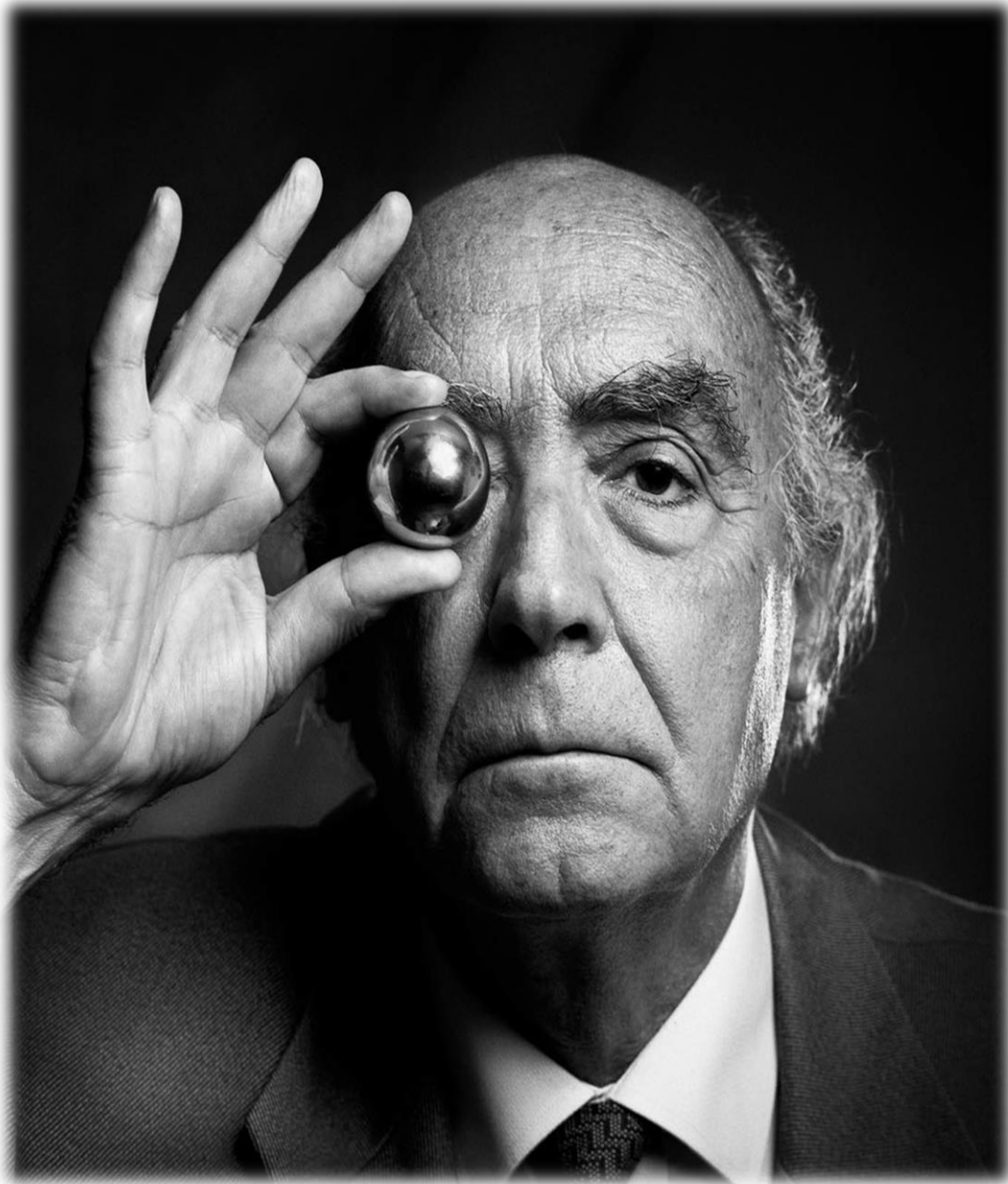
⁴³ De **Levantado do chão** (1980) ao **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991), conclui-se a primeira fase da literatura saramaguiana — fase que nos interessa neste estudo. A título de curiosidade, a segunda fase, por sua vez, começa a partir de **Ensaio sobre a cegueira** (1995). Para mais informações, cf. **Da estátua a pedra e discursos de Estocolmo** (2013).

de um mundo arquiconhecido do imaginário português/ocidental —, José Saramago apresenta um novo ponto de vista não só para Jesus de Nazaré como também para Maria Madalena.

De modo curioso, a ideia do livro veio por meio de uma visão. José Saramago não estava em Ourique, como Afonso Henriques, nem em Roma, como Constantino, sequer em Damasco, como Paulo de Tarso, no entanto, em visita a Sevilha, no ano de 1987, teve também uma visão do Cristo — na verdade, uma ilusão de ótica —, que não fulgurava nos céus, mas sim em uma manchete de jornal sobre a descoberta de um novo evangelho, um evangelho segundo Jesus Cristo. Essa visão ficaria germinando na mente do autor e, dois anos depois, ele escreveria (*apud* LOPES, 2010, p. 120):

[...] a história encontrou os seus pontos de apoio e ligação. [...] Jesus tem um encontro com Jeová que lhe revelará o futuro, não apenas o seu próprio, mas também o da religião que será fundada na morte necessária do mártir. Jesus recusa esse papel e foge. A história a contar será então de uma longa mas não interminável fuga.

É nessa tentativa de fuga da autoridade de Deus que Jesus encontrará Maria de Magdala, por isso, para lá, devemos seguir agora a fim de encontrá-la também.



JOSÉ SARAMAGO (1922-2010)

3 Maria Madalena não mais proscrita: José Saramago e seu *contraevangelho*

É necessário examinar cuidadosamente o absurdo e a hostilidade que têm caracterizado o pensamento e os textos sobre Maria Madalena para encontrar algumas imagens, cacos e fragmentos brilhando no entulho.

MARY GORDON

Hoje, já com pouca surpresa, visitando uma livraria, encontraremos, seja na seção-tema Religião ou, possivelmente, Esoterismo — onde, em uma típica piada mórbida de livreiros, um exemplar do afamado romance **O código Da Vinci** (2006), de Dan Brown, também será achado —, uma quantidade significativa de livros destinados a revelar algo sobre a vida e obra de Maria Madalena. Através da lombada e da capa dos livros, notaremos que os títulos ou subtítulos associam seu nome a termos atrativos como *verdade* e *segredo* e, em grande parte das edições, uma pintura famosa da *pecadora santa* jaz em destaque. Na leitura das sinopses, sobretudo de obras mais volumosas, veremos desde teorias sobre sua participação no começo do Cristianismo — com desdobramentos polêmicos para uma relação íntima com Jesus — até os detalhes sobre a sua labiríntica transformação em *prostituta-arrepentida*, perpetrada pelos Pais da Igreja que, na direção oposta a primitiva tradição (Mc 15: 40-41), eclipsaram a liderança de mulheres no movimento e consolidaram na mulher de Magdala o perfil do arquétipo feminino tradicional⁴⁴: a descendente de Eva, a pecadora que precisa ser redimida pelo Cristo para, em seguida, viver em penitência e arrependimento. Além disso, como se já não fosse perturbador notar a alteração do papel de Maria Madalena no séquito de Jesus, motivados pela curiosidade de saber como isso veio a ocorrer, ficaremos em choque ao vasculhar com o olhar alguns parágrafos — porque, seja para vilipendiar ou admirar, ninguém sai dessa seção-tema sem abrir pelo menos um ou dois livros — e encarar um dos casos “mais escabrosos de erro exegético, teológico e histórico” (FERRAZ, 2008, p. 131-154): a fusão de três personagens bíblicas.

Deve-se atribuir a Gregório Magno [Papa entre 590 e 604 E.C.] a responsabilidade definitiva da identificação de Maria de Magdala com a pecadora de Lc 7 e com a irmã de Lázaro. Gregório [...] codifica-a e a consagra com o peso da sua grande autoridade de teólogo e de organizador [...]. As homilias 25 e 33, em particular,

⁴⁴ Entre os principais arquétipos femininos, há o oposto do arquétipo da Virgem/Musa que é o da Prostituta/Cadela, que traz a sexualidade não domesticada, uma ameaça aos homens. É a mulher fatal. Normalmente, essa mulher provoca resultados desastrosos. Eva, por exemplo, provocou a expulsão do casal do Paraíso (RANDAZZO, 1997, p. 119).

resultam determinantes para fins da fusão das três mulheres evangélicas (SEBASTIANI, 1995, p. 79, grifos nossos).

Ressaltamos que, do ponto de vista biográfico, este controverso episódio de amalgamação de três personagens bíblicas, ao produzir uma figura tríplice que durou quase quinze séculos no Ocidente⁴⁵, sentenciou a autêntica dimensão histórica e pessoal de Maria Madalena às sombras da imprecisão e, por isso, há quem diga que está perdida para sempre. Porém, longe dessa linha pessimista, podemos encontrar algum fragmento perdido da mulher de Magdala tendo ciência de que, primeiro, por causa da má interpretação de textos, “[...] uma das mais importantes figuras femininas dos Evangelhos teve seu papel adulterado, o significado de sua presença e de sua obra inteiramente modificados” (MORO, 2005, p. 54) e, segundo, encontrar nuances críveis deste vulto do séc. I E.C. só será possível se localizarmos uma ou outra fissura neste fenômeno religioso que é Maria Madalena a partir do séc. VI, fomentado principalmente pelo imaginário cristão medieval. E, como já pudemos notar no parágrafo anterior, a maior fenda é esta fusão de biografias, um grande falso histórico-teológico que alimentou uma literatura de conspirações sobre a religião cristã, frutificando *best-sellers*⁴⁶ mundo afora.

A confusão exegética, “a síntese de três biografias, formando o tríplice rosto de Madalena — endemoninhada, pecadora e prostituta — que perdurou durante séculos entre leigos no assunto” (FERRAZ, 2011, p. 25), não seria ignorada para sempre, porque, como lembra o evangelho mais antigo, o de Marcos: “[...] não há coisa escondida que não venha a manifestar-se, nem coisa oculta que não venha à luz” (LOURENÇO, 2017, p. 173). A teóloga Sebastiani (1995, p. 13) relata que, “no findar do século XIX, a distinção das três mulheres já era um dado adquirido, no âmbito protestante” e, apesar de não poderem ignorar a dúvida que se insinuava ao longo de uma secular indefinição, os católicos mantinham-se “indecisos e relutantes a colocá-la em discussão”. Sebastiani (1995, p. 13) ainda acrescenta que:

Os estudiosos católicos somente a partir dos primeiros decênios do século XX começaram a adquirir uma ideia clara da distinção das “três Marias” — e mesmo assim com muita lentidão, hesitações e incoerências — e a restituir a Maria de Magdala sua fisionomia originária conforme o Evangelho. A distinção, no entanto, que entrou tardiamente na liturgia, não foi acolhida totalmente pela homilética, e menos ainda pela mentalidade corrente.

⁴⁵ Curiosamente, as Igrejas do Oriente sempre distinguiram as três figuras evangélicas. Após o concílio Vaticano II, a Igreja Católica revisou o papel de Maria Madalena.

⁴⁶ **O código Da Vinci** (2003) ficou na lista de *best-sellers* da *Time* por quase três anos, por exemplo (ACOCELLA, 2006, p 53).

É compreensível que “discípula” e “apóstola dos apóstolos” ainda sejam imagens ariscas para um imaginário cristão que se acostumou com uma Madalena ligada à luxúria, à perdição, à mulher adúltera salva por Jesus (Jó 8: 1-11), à pecadora anônima que unge seus pés (Lc 7: 37-50). De fato, aquilo que estava escondido veio à luz, contudo, os olhos fatigados com as sombras medievais ainda precisam de mais tempo para habituar-se com esse novo mundo, na verdade, nem tão novo assim, apenas esquecido, eclipsado oficialmente no séc. VI. Mas por quê? Por que de uma discípula predileta, de uma apóstola, acabaram fazendo uma meretriz? Como é que uma mulher, que começou poderosa ao lado de Jesus, foi transformada na prostituta redimida e modelo de arrependimento do cristianismo?

De início, Sebastiani (1995, p. 14) nos apresenta algumas pistas:

As mulheres da Bíblia, que já não são mulheres ao estado puro — por terem sido interpretadas, filtradas, lembradas, esquecidas pelos homens —, foram pela tradição progressivamente despidas de sua originalidade pessoal e transformadas em símbolos, ou modelos edificantes, no negativo ou no positivo, em função da imagem de mulher que se visava inculcar. Transformar uma mulher em símbolo torna-se ainda mais fácil para o ser masculino; pois, se torna mais fácil de compreender, representar, enquadrar; em suma, menos incômoda (grifos nossos).

É importante lembrarmos agora que a atitude masculina em relação ao “segundo sexo” sempre foi conflitante, oscilando do fascínio à aversão, da admiração à hostilidade. Em uma rápida checagem, por exemplo, é possível percebermos que o judaísmo bíblico e o classicismo grego manifestaram alternadamente esses sentimentos antagônicos e que, mesmo com essa alternância, não deixaram de outorgar à mulher a culpa por todos os males. Delumrau (1989, p. 314) discorre sobre essa questão:

Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido. O homem procurou um responsável para o sofrimento, para o malogro, para o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher.

Afinal, a mulher permanece, ininterruptamente, para o homem como um enigma, ou seja, o desconhecido gera desconfiança, gera medo, que motiva vigília e, sobretudo, em sociedades de estruturas patriarcais, estabelece controle. Marie-Odile Métral (*apud* DELUMRAU, 1989, p. 314) sintetiza: “[...] sujeitar a mulher é dominar o caráter perigoso que se atribui à sua impureza fundamental e à sua força misteriosa”.

O conteúdo das estreitas prateleiras da seção-tema, onde, inicialmente, fizemos paragem, evidenciam o equívoco do Papa Gregório, *O Grande*, conectando-o com uma velha política de ascetismo contra as mulheres, que começa com os romanos, passa pelos discípulos judeus de Jesus, vira pauta nos debates entre os Pais da Igreja e, no séc. III da E.C., solidifica-se através de Tertuliano que, com suas influentes glosas apologéticas, ordena o encobrimento do rosto da mulher, exige uma vida voltada para a penitência, e sentencia o corpo feminino a ser visto como uma porta direta para o inferno, porque “foste tu [mulher] que tocastes a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violastes a lei divina” (TERTULIANO *apud* DELUMRAU, 1989, p. 316). Em síntese, a ênfase na sexualidade como a origem de todo o mal serviu para subordinar todas as mulheres, que foram reduzidas ao sexo, porque, se de um lado, tínhamos o fechamento desta porta através da exaltação da virgindade, que teve como estandarte mor a imagem medieval da Virgem Santíssima, do outro, a porta poderia ficar entreaberta se fosse limpa pelo *remedium concupiscentiae*, também chamado de matrimônio — seja qual for o polo, o controle desta porta era somente masculino, um domínio viabilizado com as mulheres da Bíblia sendo restringidas à sexualidade, tornando-as manipuláveis e de fácil controle; modelos exemplares para uma vida de pureza ou redenção, não deixando de ser também arma e instrumento eficazes de propaganda contra seu próprio sexo.

Curiosamente, essas mulheres-símbolo não resistem ao escrutínio, pois as fissuras estão por todos os lados desta iconografia cristã da Idade Média. Por isso, abrimos aqui um adendo: uma breve consulta aos Evangelhos desmonta a virgindade perpétua da mãe de Jesus e remove de Maria Madalena a alcunha de ex-prostituta. A *Virgem* e a *Prostituta arrependida* funcionam, excepcionalmente, como fenômenos religiosos, de grande devoção e impacto visual, porém instituídos por homens. Podemos até aproximar um pouco mais a lupa daquele que é nosso objeto de estudo e, desse modo, notar que a sua transformação em *Madalena arrependida* — alcunha muito comum no Brasil — atinge níveis escabrosos: de uma mulher ex-possessa, sobra a imagem de ex-prostituta em compunção. Estar possuída por “espíritos malignos”, conforme descreve o **Evangelho segundo Lucas**, é sinônimo de prostituição? E outra, arrependida de quê? Leloup (*apud* FERRAZ, 2011, p. 21) nos avisa que a possuída não pode pecar, pois não é dona de si. Ela não foi uma prostituta para se arrepender e, se estava endemoninhada, não era responsável por nada que tenha feito.

Entretanto, como já vimos, a tendência era ligar as mulheres e a sexualidade à esfera da tentação, a origem de toda a desonra humana. E, de fato, se observarmos que, nos Evangelhos, quando o termo pecado aparece adjetivando uma mulher, a tradição, imediatamente, liga isso à

conduta sexual. Se for pecadora⁴⁷, como ocorre com as mulheres anônimas em Lc 7: 36-50 ou em Jo 8: 1-11, prontamente será taxada de adúltera ou prostituta. Mas, o mais curioso nessa leitura androcêntrica, praticada por distintos escritores cristãos e Doutores da Igreja, é quando homens pecadores surgem pelos Evangelhos e, de forma nenhuma, testemunharemos eles sendo classificados de adúlteros ou prostitutas.

É desconfortante constatar que a igualdade preconizada pelo *euangélion* cedeu diante dos entraves nascidos do contexto cultural no qual o cristianismo nasceu. Carroll (2006, p. 48) nos lembra que o mundo romano antigo era abarrotado de espiritualidades que execravam a concupiscência — o estoicismo, o maniqueísmo, o neoplatonismo —, e elas influenciaram o pensamento cristão exatamente quando ele estava se cristalizando em doutrina. Então, o impulso para desacreditar as mulheres de modo geral, combinou-se com a necessidade de despojar de poder a figura de Maria Madalena, evitando, desse modo, que suas irmãs subsequentes na Igreja competissem com os homens pelo poder. O caminho para o erro do Papa Gregório estava traçado, isto é, o contexto sócio-histórico não permitiria o desabrochar de figuras femininas para a liderança da Igreja. Em detalhes, Ricca (2013, *on-line*⁴⁸) esclarece o seguinte:

A Grande Igreja, que se propunha a combater as heresias gnóstica e montanista, que reconheciam à mulher um papel importante, devia necessariamente marginalizar a mulher, justamente porque o gnosticismo e o montanismo a valorizavam. [Ligado a isso, tinha] o peso de algumas tradições que remontam em parte à Bíblia, em parte à cultura greco-romana, em parte à filosofia, que desprezavam a mulher, considerando-a espiritual e moralmente inferior ao homem, não idônea para revestir qualquer responsabilidade ou ministério de tipo eclesiástico. [Além disso,] essa visão negativa da mulher foi ainda mais reforçada na consciência cristã comum por antigos tabus judeus e pagãos, que viam toda a esfera da sexualidade como algo sujo e pecaminoso, e a mulher, como aquela que encarna a sexualidade (grifos nossos).

Antes de seguirmos, recapitulemos que, por meio dos homens, Maria Madalena teve sua autoridade destituída e, por ser mulher, foi isolada teologicamente, servindo de instrumento, seja na Idade Média ou no apogeu da Revolução Industrial, para controlar “as pessoas de má conduta” ou, em outras palavras, “as perdas” (BURSTEIN e KEIJZER, 2006, p. 12). Afinal, “desde épocas remotas, os homens têm manipulado as mulheres para resolver seus problemas

⁴⁷ Cabe esclarecer que, no século I E.C., se uma mulher conversasse com outro homem que não fosse seu marido, ela já era considerada *pecadora*. Para os fariseus, mulheres que não seguiam os princípios do farisaísmo, ou seja, as pagãs, também eram *pecadoras*.

⁴⁸ <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/538183-a-mulher-nas-igrejas-artigo-de-paolo-ricca>

políticos, econômicos, sociais e emocionais” (PIRES, 2008, p. 9). Por quase dois milênios, o jazigo da mulher de Magdala permaneceu sob um epitáfio contraproducente. A correção só foi feita 1.378 anos após o axioma do Papa Gregório, em uma tentativa de localizar a “verdadeira” Madalena. Em 1969, a Igreja admitiu o erro e aboliu o relato de Maria Madalena como prostituta arrependida das leituras da missa, devendo ser lembrada na liturgia pela narrativa da ressurreição. Todavia, a imagem da *pecadora santa*, consolidada pela arte cristã clássica e sermões ortodoxos, não desapareceu do imaginário cristão e acaba habitando ao lado de novas representações, pois, foram tantos séculos cerceada que, ao estar livre dos pesados grilhões teológicos, testemunhamos um insurgir de figuras dos escombros do começo do cristianismo que nos levam a vislumbrar uma Maria Madalena caleidoscópica. Welborn (2006, p. 9) explica:

Hoje, Maria Madalena está passando por um renascimento, não partindo tanto do Cristianismo institucional, mas surgindo entre as pessoas, mulheres em sua maioria, algumas cristãs, muitas não, que a adotaram como inspiradora e padroeira de suas próprias manias, caminhos e fantasias espirituais (grifo nosso).

Tal renascimento — Esposa de Jesus? Deusa? — está em sintonia com muitas publicações recentes, pois a “a literatura reflete e refrata o mundo real” (VALVERDE, 2014, p. 41). E isso nos faz voltar à seção-tema. É bastante provável que, diante de tal ajuntamento de livros, um ou outro visitante desta livraria hipotética questione, de forma descompromissada, sobre a gênese do *boom* Madaleno. De forma nítida, nas últimas 7 décadas, Maria Madalena virou “a garota ‘cheia de charme’ da teologia moderna” (CHILTON, 2006, p. 71). Só em 2003, tendo a ficção de Brown como mote, mais de 20 livros foram lançados. “Nunca se debateu tanto sobre Maria Madalena como agora” (FERRAZ, 2011, p. 239). Curiosamente, se para os quatro Evangelhos canônicos, Madalena é um vulto quase que liliputiano, os romances emergentes da segunda metade do séc. XX e do começo do XXI aproveitam-se das descobertas de textos apócrifos/evangelhos alternativos e progressos nas pesquisas históricas/arqueológicas a respeito do movimento cristão, dos vazios nas narrativas oficiais, dos equívocos dos patronos da Igreja e, claro, de descrições imaginativas, em uma necessidade de questionar padrões e reconstruir conceitos, trazendo à tona uma Madalena dantesca.

Entre tantos romances, alguns só faíscas na vastidão das prateleiras desta livraria onírica, há um que merece nossa atenção e análise, pois, além de ser do âmbito lusófono, destaca-se por reconstruir, de forma ironicamente ácida, o *euangélion* e convocar Maria Madalena ao palco da fé cristã, que lhe foi negado há séculos, corroborando com nossa hipótese sobre ela não ser mais proscrita. Com uma interpretação livre e profana da vida do Cristo, a vinda do **Evangelho**

segundo Jesus Cristo (1991), de José Saramago, descortinou antigas cicatrizes da ditadura salazarista, mas cumpriu com os objetivos do seu autor em desenterrar todos os sujeitos soterrados pela História oficial e relatar a história apócrifa dos oprimidos. O livro do escritor português entrou para o *hall de livros explosivos*, porque, primeiro, o espectro da heresia perpassa-o do início ao fim, “desconstruindo as verdades canonizadas por sucessivos concílios” (LOPES, 2010, p. 121) e, segundo, por expor uma boa-nova às avessas, “um evangelho *EM NOME DO HOMEM* e não mais *EM NOME DE DEUS*” (FERRAZ, 1998, p. 15, grifos da autora). Diante desse estopim, para apaziguar as contendidas, José Saramago (*apud* AGUILERA, 2010, p. 290-291) chegaria a afirmar:

A Igreja não cairá com este Evangelho. Este Evangelho é um romance, nada mais. Um romance que se atreve muito, um livro honesto, um livro limpo, que vai com certeza confundir muita gente, que vai indignar também não pouca gente. Há pessoas que vão sentir-se chocadas porque fui longe demais ou que nem sequer me devia ter atrevido. De Cristo, de Deus e de Maria não se pode fazer nada que não seja pura edificação — não é nesse plano que eu me coloco, é evidente, é noutro.

Cabe ressaltarmos que, José Saramago nunca quis reescrever os evangelhos cristãos nem ridicularizar o seu conteúdo teológico, todos os dispositivos utilizados (humor, ironia, paródia) pelo escritor português para escrever esse novo *euangélion* estão acima de tudo ao serviço de uma finalidade literária, de um projeto ideológico, como afirmou Tamayo (*apud* Martins, 2014, p. 82), após a morte do autor português: “A luta contra os fundamentalistas, os religiosos e os políticos, é o melhor antídoto contra o Deus violento e contra a violência em nome de Deus. Nessa luta não violenta, Saramago esteve comprometido de pensamento, palavra e obra”. Nesse livro, José Saramago apresenta sua oposição às prédicas canônicas, isto é, às “boas-novas” que os Pais da Igreja difundiram pelos quatro cantos do mundo, convertendo gentios à ferro e fogo; “boas-novas” que não produziam vida e não proclamavam a libertação dos oprimidos; “boas-novas” que, em vez de acolherem o diferente, renunciavam, encarceravam e/ou eliminavam; “boas-novas” desligadas de qualquer envolvimento com a experiência de Jesus de Nazaré⁴⁹. E é por colocar à disposição do mundo um *Evangelho segundo Saramago*, um evangelho que tenta dizer não “a um Deus que sacrifica seu próprio filho e deixa que, em seu nome, corram

⁴⁹ Lendo os Evangelhos podemos notar, como assegura Beauvoir (2016, p. 134), “um sopro de caridade que se estende tanto às mulheres quanto aos leprosos”, e sobretudo a exigência revolucionária de uma igualdade fundamental entre o homem e a mulher.

rios de sangue através dos séculos” (PERRONE-MOISES, 1999, p. 106), que denominamos as “boas-novas-saramaguianas” de *contraevangelho*⁵⁰.

Saramago estava ciente de que seu oitavo livro era: “poderoso e suficientemente polêmico para desatar reações de extremo desagrado em setores mais conservadores do catolicismo” (LOPES, 2010, p. 124), já que, Portugal é, por natureza, um país católico. O que José Saramago não poderia imaginar era que, numa sociedade que já transpirava uma mínima maturidade democrática, um livro de ficção fosse alvo de restrição. Sousa Lara, na época, subsecretário de Estado, tendo o apoio do governo, de setores clericais tradicionalistas e da imprensa da extrema direita, justificaria — ao estilo do antigo *Index Librorum Prohibitorum* — o banimento da obra da lista do Prêmio Literário Europeu por ser “profundamente polêmica, pois ataca os princípios que têm a ver com o patrimônio religioso dos cristãos e, portanto, longe de unir os Portugueses, desunia-os naquilo que é seu patrimônio espiritual” (LARA *apud* LOPES, 2010, p. 126).

De todo modo, em pouco tempo, ficou nítido que era uma censura de caráter inquisitório, pois o escritor português acabou por trazer à público a perseguição que sofria, relatando mais situações de discriminação perpetradas por Sousa Lara⁵¹. O caso ganhou contornos de escândalo nacional e repercutiu internacionalmente, porque lembrava a tão controversa perseguição dos fundamentalistas islâmicos contra o livro **Os versos satânicos** (1998), de Salma Rushdie. Nos dois casos, tudo não passava de um ato estatal contra a liberdade de criação artística em nome de valores religiosos particulares. Em poucos meses, com o apoio de inúmeros artistas, escritores e líderes políticos a José Saramago, ficaria claro que o tiro disparado por Sousa Lara saíra pela culatra, trazendo grandes tensões ao governo português, e, de maneira inesperada, o retorno do *contraevangelho* a lista do Prêmio Literário Europeu. No entanto, Saramago, já desgastado com as reviravoltas do caso, recusaria peremptoriamente a indicação e, exilando-se, respiraria novos ares na ilha mais oriental do arquipélago das Canárias, Lanzarote. Com o autoexílio, simbolizando o rompimento com o Governo, que o desrespeitou, e não com Portugal, seu livro recebeu atenção mundial, tornando-se o mais conhecido e controverso do escritor.

Efetivamente, a repercussão em torno do *contraevangelho* foi — e continua sendo — estrondosa. A Santa Sé até tentou evitar recriar mais um mártir cultural, como foi o caso do diretor Martin Scorsese, que adaptou para o cinema o romance **A última tentação de Cristo**

⁵⁰ A partir daqui, ao mencionarmos a obra, utilizaremos o termo *contraevangelho*.

⁵¹ Antes do veto ao *contraevangelho*, o subsecretário de Estado negou duas vezes subsídios às viagens do escritor, que fora convidado a palestrar na *Expolangues* e na Universidade de Clermont-Ferrand. No caso da Universidade, além de negar, Souza Lara chegou até a sugerir outro escritor, mas a proposta foi recusada. (LOPES, 2010, p. 126-127).

(1988), de Nikos Kazantzakis, autor condenado como herético pelo Papa Pio XII e que quase foi banido da Grécia pela Igreja Ortodoxa de Atenas, mas, em mais um caso embaraçoso para o mundo eclesiástico, o arcebispo de Braga resolveu falar em nome da Santa Sé, que se habituou a ser discreta após o Vaticano II⁵², e excomungou a obra em uma homilia pública, chamando-a de blasfema e também aviltando o escritor. Em seu mais novo escritório, na Lanzarote, José Saramago receberia muitas notícias similares e as divulgaria posteriormente, muitas outras permaneceriam invisíveis do público geral como, por exemplo, “a recusa da tradutora sueca a verter para a sua língua obra contrária às crenças que sustentava” (LOPES, 2010, p. 136). O incômodo generalizado não surpreende, pois o *contraevangelho* parece ser o livro dos livros de José Saramago, afinal, lê-lo é ler o âmago do escritor português⁵³, é experimentar a erva amarga da inquietação, pois, em suas 445 páginas, não há respostas, tudo é interrogação, uma oposição perene aos conceitos pré-definidos às boas-novas, desde o dito ao não-dito, tudo ali é Saramago. O jornalista português Torcato Sepúlveda (1991, *on-line*⁵⁴) esclarece a questão:

Saramago tem consciência de que este livro, se tivesse sido escrito até ao terceiro quartel do século XVIII, levaria o autor à fogueira. Porquê? *Porque lá estão todas as inquietações que sempre afligiram o homem: Quem sou eu? Quem é Deus? Porque tenho de morrer? O que é o bem e o mal? [...]. Nele se concentram todas as obsessões do autor, a principal das quais é a do livre arbítrio do homem perante as forças que o oprimem.* Por isso o romance incomoda ainda de forma suplementar: o Deus de Israel é um político desabusado e um tanto cínico que pretende aumentar o seu poder e que para esse fim utiliza os homens, todos os homens, incluindo o próprio filho (grifo nosso).

O *contraevangelho* saramaguiano propõe uma paródia — conhecida como “uma forma de imitação” marcada por “uma inversão irônica, nem sempre às custas do texto parodiado” (HUTCHEON *apud* ARNAUT, 2008, p. 207) —, onde não há o aspecto do riso ridicularizador, mas sim um efeito de distanciamento crítico, permitindo “transformar o exercício da imitação de um texto por outro texto *numa verdadeira arma ideológica*” (*idem*, p. 208, grifo nosso). O escritor português utiliza essa ferramenta estética em seu escrito literário para reconstruir o mito cristão sem refutá-lo completamente, apropriando-se da história canônica e, de modo irônico, enquanto preenche as lacunas da narrativa oficial com componentes apócrifos, ele a subverte, dando voz e imagem a personagens, tempos e espaço olvidados nos 4 evangelhos canônicos,

⁵² Este concílio ecumênico (1961-1965), convocado pelo Papa João XXIII, pretendia atualizar a Igreja.

⁵³ Por várias vezes, José Saramago afirmaria que “a obra é o romancista” (AGUILERA, 2010, p. 219), ou seja, ler o romance é ler o romancista.

⁵⁴ <http://static.publico.pt/docs/cm/atores/joseSaramago/entrevistaEvangelho.htm>

concebendo o humanismo como única boa-nova e Maria Madalena como sua mediadora, como indica Ferraz (1998, p. 15): “Após [José Saramago] negar o sentido das ‘boas-novas’ presentes nos evangelhos [...], ele, a partir daí, construirá uma outra história, um outro evangelho, segundo Jesus Cristo, não o mito, mas o homem, um evangelho antropocêntrico”.



MADALENA PENITENTE

El Greco

3.1 O evangelho às avessas

Uma vez que muitos já lançaram mãos à obra de compor uma narrativa sobre os assuntos que se cumpriram entre nós, em conformidade com o que nos transmitiram aqueles que, desde o início, foram testemunhas oculares e servidores da palavra, também a mim (que investiguei tudo com exatidão desde o princípio) me aprouve escrever ordenadamente [uma narrativa] para ti, excelentíssimo Teófilo, para que conheças a certeza dos assuntos em que foste instruído.

LUCAS, 1, 1-4⁵⁵

Nesta subseção, antes de analisarmos algumas minúcias literárias do *contraevangelho* — essa rica missiva de caráter opositor —, e para que o leitor não-familiarizado com as narrativas tradicionais sobre o Cristo perceba o contraste provocado pelo texto saramaguiano, precisamos improvisar uma retrospectiva da origem dos quatro evangelhos oficiais, delineando suas características básicas. Como o escritor português também se serve de narrativas excluídas do cânon neotestamentário para compor seu evangelho, neste retrospecto, que mira a celeridade, preferimos sinalizar os passos que levaram à supressão de tais textos, uma vez que tal expedição esclarecerá de maneira panorâmica o conteúdo dos apócrifos. Essa retrospectiva nos levará aos escombros do cristianismo, à polifonia de vozes que foi o começo da fé cristã, ficaremos frente a frente com as águas agitadas que, regidas a partir do séc. IV E.C., irrigarão o Ocidente e parte do Oriente. Então, sem mais delongas, naveguemos:

Quando Jesus morreu, ele não deixou atrás de si uma Igreja estabelecida, com uma clara estrutura organizacional. A liderança patriarcal e hierárquica da Igreja desenvolveu-se de forma muito lenta, com o passar do tempo, e a partir de uma variedade de possibilidades. Os cristãos primitivos experimentaram vários sistemas [...]. Em algumas congregações, a liderança era dividida entre homens e mulheres, de acordo com a ação do Espírito na inspiração dos dons de profecia, ensinamento, cura, dispensações e serviço. Outras eram chefiadas por anciões, bispos, diáconos e viúvas. Algumas tinham cargos formais; outras atribuíam os deveres segundo a capacidade e a inclinação num discipulado de iguais. Em muitas, mulheres e escravos eram líderes importantes; outras resistiam a essa inversão da ordem social dominante e esforçavam-se para excluí-los (KING, 2006, p. 120).

⁵⁵ José Saramago utiliza esse fragmento do **Evangelho segundo Lucas** (LOURENÇO, 2017, p. 221) como epígrafe do seu *contraevangelho* para reafirmar ironicamente a importância e veracidade do que será apresentado.

Primeiramente, podemos imaginar o seguinte: numa remota comunidade, logo após a vida apostólica⁵⁶ de Paulo de Tarso, um escriba pegou uma varinha de caniço, mergulhou-a em tinta preta e, limpando o excesso, preparou o pergaminho, recordou alguns acontecimentos que lhe foram confiados e colocou-se, de maneira altruísta, na arriscada tarefa de escrever a história de um jovem galileu, líder de um séquito religioso proibido nas províncias do Império Romano, que fora crucificado em Jerusalém e inspirara uma legião de judeus e gentios a constituírem uma nova fé. É crucial destacarmos agora, para que o leitor tenha uma mínima compreensão do penoso conflito de perspectivas que se chocariam num futuro próximo, que essa cena se repetiu muitas vezes, mudaram-se o local, o escriba, a ideologia, os informantes, as razões e, diga-se de passagem, as nuances teológicas, mas esses manuscritos acabariam por ter o mesmo nome: Evangelho.

Este processo, iniciado por volta do ano 70 da Era Cristã, no intuito de dar veracidade à nova crença que se expandia pelas províncias romanas de forma oral, produziu uma dúzia de manuscritos, cada um com suas peculiaridades e ensinamentos a depender da comunidade cristã de origem. Não será exagero ponderar que a diversidade dos manuscritos sobre quem era Jesus e o que significava ser cristão era realmente assombrosa durante os três primeiros séculos depois do nascimento do líder nazareno. Para se ter uma momentânea noção daquele momento, Lopes (2013, p. 13) relata que:

Era possível se dizer seguidor de Cristo e achar que ele tinha sido um ser humano adotado por Deus, acreditar que o corpo pregado na cruz pelos romanos não tinha sido o do verdadeiro Nazareno ou mesmo afirmar que o mundo havia sido criado por uma divindade malévola, a qual não tinha nada a ver com o bondoso Pai anunciado por Jesus.

No começo do segundo século, um escriba escreveria: “No princípio era a Palavra”. Ora, qual Palavra, afinal de contas? Ou melhor, qual Cristo estava no princípio? Os quatro séculos iniciais do cristianismo resumem-se a um intenso e nada amistoso debate sobre qual Palavra deveria ser considerada divinamente inspirada e, a partir de uma escolha peremptória, difundida pelos quatro cantos do mundo. Já sabemos que o *euangélion*, antes de pertencer ao âmbito do papel e da escrita, residia na oralidade e, através da memória auditiva e visual, comunidades cristãs dispersas ao redor do mar mediterrâneo, baseadas em suas indiossocrasias, registraram e transmitaram os emblemáticos acontecimentos sobre a vida e morte de um jovem galileu às futuras gerações. Logo, no princípio não havia uma só Palavra e, na verdade, era um caos:

⁵⁶ Cabe ressaltar que, durante a vida apostólica de Paulo, o *euangélion* ainda pertencia à oralidade.

À medida que a história de Jesus foi contada e recontada naquelas primeiras décadas, ajustes narrativos no evento e nas personagens foram inevitáveis [...]. [Os cristãos] recebiam suas tradições por meio de um complexo trabalho de lembrança e interpretação [...]. A explosiva difusão das boas-novas de Jesus pelo mundo mediterrâneo significou que comunidades cristãs distintas estavam surgindo em toda a região. Existia uma vivida diversidade de crença e prática, o que se refletiu nas tradições orais e, mais tarde, nos textos que aquelas comunidades utilizaram (CARROL, 2006, p. 43-46).

Marvin Meyer (2006, p. 125), professor de estudos bíblicos e cristãos da Universidade de Chapman, na Califórnia-EUA, ao ser questionado sobre o tumultuoso começo do cristianismo, assegura que, no princípio, havia diversidade teológica. Por exemplo, há evangelhos, como no **Evangelho segundo Judas**, que Jesus não morre pelos pecados de ninguém, não deixa um túmulo vazio e nem ressuscita fisicamente, e isso não significa que esse texto deixe de ser um “evangelho cristão”, apenas “indica uma abordagem diferente de quem Jesus era e de qual era o seu valor” (p. 130) para a comunidade que o produziu.

O movimento cristão [...] é definido por uma ampla variedade de pessoas e grupos diferentes, todos em sua própria busca do que significa seguir Jesus, caminhar com ele, acreditar nele, e acreditar em Deus. Portanto, de certo modo, estou situando essa diversidade no contexto de um único movimento. O Evangelho segundo Judas é um Evangelho cristão. O evangelho segundo Maria Madalena é um Evangelho cristão. O Evangelho segundo Filipe é um Evangelho cristão. Tudo isso é parte do cristianismo (*ibid.*, p. 130).

Para Meyer (*ibid.*, p. 123-126), existiam grupos distintos naquele período, erguendo bandeiras associadas aos discípulos de Jesus que eles reconheciam como autoridades, como, por exemplo, o séquito de Madalena, a comitiva de Pedro e, quiçá, também a confraria de Judas, ou seja, cada um desses grupos apresentava formas diferentes de compreender o que as boas-novas de Jesus acarretavam e o que significava segui-lo, além, é claro, do debate sobre a presença e o papel das mulheres nesses grupos — quanto a isso, observemos três evangelhos escritos no século I: o **Evangelho segundo Marcos** menciona que Jesus tinha seguidores do sexo feminino só nos dois últimos capítulos; o **Evangelho segundo Lucas** apresenta essa informação perto do início, por causa do seu estilo literário, mas tenta extirpar a ideia de que essas mulheres, que seguiam Jesus, pudessem ser suas discípulas; em uma cena do **Evangelho segundo Tomé**, Pedro não aceita a presença de mulheres entre os discípulos do nazareno e opõe-se, dizendo a Jesus, de maneira concisa, que Maria Madalena deveria deixá-los, pois as mulheres não seriam dignas da vida (espiritual), Jesus, por sua vez, não a manda embora, censura Pedro e pondera que fará dela um espírito vivo, para que possa, como destaca Pagels

(2006, p. 18), “tornar-se tão capaz de vida espiritual quanto qualquer homem teria sido capaz na tradição judaica do século I”.

Para além da questão cristológica, é perceptível que os evangelhos citados debatem entre si quando o tema é a participação de mulheres no movimento que daria início ao cristianismo. De forma clara, aquele que proporciona espaço ao feminino será tido como apócrifo e os outros, que segregam ou omitem, os canônicos. Mas, por quê? Mesmo pulando um presumível debate sexista⁵⁷, a resposta ainda não seria tão simples, pois, antes, é preciso compreender que a história humana sempre foi narrada e creditada pelos vencedores, e quanto a história da Igreja cristã não poderia ser diferente. Cabia a alguém ou, neste caso, a um grupo, a escolha do que poderia ser o “verdadeiro” evangelho.

Por volta de 313, Roma, até então pior opositora dos cristãos, ia se rendendo à nova fé: “a religião do Carpiteiro”. O imperador Constantino pretendia aproveitar o ânimo crescente da revolucionária crença para fortalecer o Império e sobrepujar, *In Nomine Dei*, as forças hostis. Para isso, porém, o imperador precisava de uma fé unificada e sólida. A coação de Constantino para unificar a casa de Deus num único dogma, induziu os mais influentes bispos cristãos a se congregarem no Concílio de Niceia⁵⁸, em 325, e colocar ordem no caos⁵⁹. Ali, além de delimitar os primeiros pilares dessa fé, começou a surgir um cânone da religião cristã: a lista oficial de livros que, segundo a Igreja, realmente haviam sido inspirados por Deus. Foi nesse momento,

que uma facção (*sic*) de alguns homens se encarregou de traçar, contra as facções (*sic*) de outros homens, nada menos nada mais que a “verdadeira” natureza de Deus, Criador do Universo, promovendo Jesus de profeta de Israel a filho de Deus e identificando com toda a “certeza” típica dos humanos a centelha divina que existiria nos crentes (MARTINS, 2014, p. 21).

Conseqüentemente, aquele que, sendo cristão, não adotasse a “boa-nova”, unificada por aquele grupo majoritário como verdade absoluta, era considerado um “herege”. Dezenas de Evangelhos foram banidos ou queimados, comunidades “heréticas” oprimidas por um anseio ortodoxo para assegurar a verdade deliberada e apenas quatro evangelhos entraram para o Novo Testamento. Era, claramente, uma questão político-ideológica. Um grupo hegemônico declarou

⁵⁷ Um indício importante das lutas de poder entre homens e mulheres na Igreja primitiva são as chamadas Epístolas Pastorais (endereçadas a Timóteo e a Tito) do Novo Testamento.

⁵⁸ O primeiro concílio ecumênico e o seu principal feito foi o estabelecimento da questão cristológica entre Jesus e Deus, o Pai; a construção da primeira parte do Credo Niceno; a fixação da data da Páscoa; e a promulgação da lei canônica. (Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/01_10_0325-0325-_Concilium_Nicaenum_I.html).

⁵⁹ É preciso ressaltar que o processo de conversão foi árduo e o cristianismo só se tornou religião oficial do Império Romano em 380 E.C., com o imperador Teodósio I.

seu poder e autoridade sobre os outros. Esse grupo era o dos cristãos-apostólicos (um flanco baseado em ideias de Paulo, quiçá, Pedro) que recebeu poder ao se aliar ao Império Romano. Assim, os cristãos-apostólicos, ao terem o apoio de Constantino, definiram o que iria entrar, ou ser eliminado, nas Escrituras — esse grupo tornou-se detentor do controle e da interpretação dos textos do cânone cristão⁶⁰. Com essa reviravolta política:

[...] a Igreja começou a impor a “ortodoxia” do que é considerado Escritura e seu credo doutrinariamente definido, [e] os textos rejeitados – e às vezes as pessoas que os prezavam, também conhedidas como hereges – foram destruídas. Essa foi, em parte, uma questão de disputa teológica – se Jesus era divino, de que forma? (CARROLL, 2006, p.46-47).

Apenas quatro evangelhos foram escolhidos para compor esse cânone cristão e o bispo de Lyon, Irineu, morto no ano 202, foi um dos principais defensores dessa lista de quatro textos que os cristãos deveriam ler sobre a vida e morte Jesus. O argumento de defesa utilizado por Irineu pode até parecer frágil, de forte caráter simbólico⁶¹ apenas, mas revela que, já no século II, as comunidades cristãs estavam lendo muito mais do que quatro textos, levando Irineu a colocar-se em cruzada contra elas para extirpar ideias sobre Jesus que ele acreditava serem fantasias vulgares. Essa lista de Irineu acabou se tornando a política oficial dos cristãos-apostólicos e perdura até hoje (Mc, Mt, Lc e Jo). A Igreja Católica declara oficialmente que somente esses evangelhos “transmitem fielmente o que Jesus, o Filho de Deus, vivendo entre os homens, fez e ensinou”⁶². Esses quatro evangelhos teriam “origem apostólica, pois aquilo que os apóstolos pregaram por mandato de Cristo, e portanto sob a inspiração do Espírito Santo, eles mesmos e os varões apostólicos o transmitiram por escrito, como fundamento da fé”⁶³. Portanto, os outros textos, denominados apócrifos, seriam heresias ou, na melhor das hipóteses, fantasias. Ledo engano. Vejamos:

Essa é a visão linear da história da Igreja. E a história é pessima. Dá a entender que existe apenas uma forma de pensar sobre como Deus opera, quando, no começo, há diversidade, e a diversidade, do ponto de vista moral, não é especificamente boa ou má, ortodoxa ou herética. Não existe ortodoxia ou heresia *per se*. Existem condições políticas. E quem fala mais alto, quem tem

⁶⁰ A formação do cânone tem como função específica preservar uma estrutura de valores considerada fundamental para o grupo que o compõe; esses valores constituem uma norma, um guia a ser seguido pelo grupo. (CORRÊA, 1995, p. 324).

⁶¹ Ligado ao número quatro. A Igreja deveria ter quatro pilares, porque havia quatro regiões no mundo; quatro são os ventos cardeais, por isso quatro devem ser os sopros do vento divino; quatro são as formas dos querubins, etc.

⁶² Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática Dei Verbum, n.º 19.

⁶³ Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática Dei Verbum, n.º 18.

mais votos, quem finalmente leva a melhor consegue chamar a si mesmo de ortodoxo. Os hereges são aqueles que simplesmente não têm os grupos seletos. (MEYER, 2006, p.125-126).

Como ainda há quem diga que a exclusão dos evangelhos apócrifos foi determinada pela forma diversa que eles viam Jesus ou porque foram escritos muito tempo depois da morte dele, cabe observarmos como os quatro evangelhos canônicos versam sobre a questão da cristologia: o **Evangelho segundo Marcos** apresenta Jesus como o Cristo no momento do batismo de Jesus realizado por João Batista (Mc 1: 9-11). Os evangelhos segundo **Mateus** e **Lucas** posicionam isso para o nascimento (Mt 1: 23; Lc 1: 35), enquanto o **Evangelho segundo João** vê o Cristo como preexistente ao próprio mundo (Jo 1: 1-14). Só nesse ínterim, temos quatro cristologias díspares escritas num curto espaço de tempo após a morte de Jesus de Nazaré. Em síntese, esses evangelhos foram escritos em grego, em ocasiões e lugares distintos, tendo cada um público específico e perspectivas diferentes para abordar a saga de Jesus.

Para além da cristologia, do debate sobre a autenticidade dos evangelhos ou participação de mulheres no movimento, havia um motivo maior para que, desde Irineu, a Igreja primitiva estabelecesse esses quatro textos como oficiais: “a maioria dos cristãos era quase analfabeta” (CARROLL, 2006, p. 43). Os líderes da Igreja primitiva queriam que o cânone cristão fosse claramente um guia do que os fiéis deveriam aprender e seguir. Por isso, os evangelhos oficiais são livros, de certa forma, óbvios, lineares, em outras palavras, sinóticos. Por sua vez, os evangelhos apócrifos são inesperados, paradoxais, próximos à cabala judaica⁶⁴, adotados por iniciados que queriam se aprofundar na fé; textos ligados aos gnósticos, um grupo que via o conhecimento interior (a *gnose*) como salvação.

Quanto à veracidade dos evangelhos apócrifos, findando nossa restropectiva, Faria (2004, p. 13-15) pondera que a afirmação costumeira de que os apócrifos são meras fantasias religiosas não convence mais, afinal, a literatura apócrifa é muito vasta — existem 112 livros apócrifos, sendo 52 em relação ao Velho Testamento e 60 em relação ao Novo Testamento — e em alguns pontos é análoga à canônica, e, às vezes, complementam o sentido dos evangelhos canônicos, pois as narrativas apócrifas servem para lembrar que pode haver diferentes interpretações de um mesmo evento.

Desse modo, salientamos que, como nem tudo que há nos canônicos deve ser levado “ao pé da letra”, o mesmo cabe aos apócrifos, devido à linguagem metafórica e repleta de mistérios que os perpetra a cada página. É preciso compreender que, quando lemos esses textos que falam

⁶⁴ Trata-se de uma revelação feita por Deus aos homens, capaz de esclarecer todos os mistérios que rondam a humanidade. (Disponível em: <http://super.abril.com.br/religiao/cabala-misticismo-judaico-revelado-622423.shtml>).

de Jesus, de Maria Madalena ou de outras tantas figuras daquele período, sejam canônicos ou apócrifos, não estamos obtendo fatos incontestáveis, mas sim memória e, diga-se de passagem, ela está embaçada pelo tempo, moldada por nuances teológicas e, principalmente, ideológicas, a partir das tradições orais em comunidades cristãs dispersas. É dessa memória, construída por meio de um *telefone-sem-fio* ao longo dos anos no cristianismo primitivo, seja ela canonizada ou tida como apócrifa⁶⁵, que José Saramago se serve para compor um novo evangelho, o seu *contraevangelho*, que:

[...] não se trata de uma simples retomada de um enunciado antigo numa enunciação nova, mas de uma voluntária apropriação da enunciação anterior que vem transformada, travestida, violada, quer pela inversão da fórmula consagrada, quer pelo humor que corrói a citação literal, quer pelo deslocamento que impõe ao discurso anterior uma relação outra com o seu novo contexto (SILVA, 1994, p. 187).

O *contraevangelho*, oitavo romance publicado por José Saramago, representa, em seus vinte e quatro capítulos não numerados e em suas 445 páginas, uma paródia que convida o leitor para uma releitura do mito cristão, ao expor o *euangélion* às avessas. Se as boas-novas retratam a jornada triunfal do Cristo entre os homens, a referida obra de José Saramago traz à tona um Jesus *humano* que demora a perceber que é só mais uma “cobaia de Deus”, num projeto divino “sanguinário”, e, focando no que nos compete analisar, uma Maria Madalena capaz de enfrentar a divindade em nome do que será mais sagrado: os Homens. Na obra saramaguiana, as famosas personagens cristãs — que adornam altares de santuários católicos pelo mundo todo ou, mais precisamente, jazem divinais no imaginário ocidental — aparecem despidas de louvores, são carnavalizadas e, assim, rebaixadas à *praça pública*, afinal, por meio da carnavalização, abole-se a hierarquia (BAKHTIN, 1981, p. 105), sendo possível observar, por exemplo, neste mundo às avessas, *Deus* e o *Diabo* sentados lado a lado por quarenta dias em uma barca, onde, em certo momento, ficam espantados e trocam olhares, pois “o medo comum é assim, une facilmente as diferenças” (SARAMAGO, 1991, p. 390).

Ao lançar uma nova visão sobre a história oficial, e também preencher lacunas e comentar alguns aspectos olvidados pelo discurso canônico, a paródia cumpre seu papel artístico-social de análise e reflexão da temática levada aos holofotes. Nesta paródia, o passado é reorganizado e reavaliado, isto é, reconstruído. Cabe lembrarmos que, paradoxalmente, a paródia não só nega a fonte, mas também conserva um elo com o conteúdo parodiado, pois, além de seu conceito

⁶⁵ Para preencher os vazios da vida de Jesus deixados pelos textos canônicos, José Saramago utiliza os apócrifos: **Evangelho segundo Tiago, Evangelho segundo Tomé, Evangelho segundo Felipe, Evangelho segundo Nicodemos, Evangelho árabe da infância** (FERRAZ, 1998, p. 35).

mais comum, “contracanto”, Linda Hutcheon (1989, p. 47-48) nos informa que a paródia também pode ser entendida como uma “repetição com diferença”; em vez de manter apenas um contraste com o texto parodiado, há uma intimidade, já que, o termo grego *para* pode significar tanto “oposição” quanto “ao longo de”. Dessa forma, ao desconstruir a história arqui-conhecida de Jesus Cristo, o escritor português não destrói as boas-novas, só reestrutura o discurso, servindo-se do caráter transformador da paródia, afinal, mesmo sendo considerada uma repetição do tema que parodia, mantém uma distância crítica, marcando a diferença e a inversão irônica. Na maioria das vezes, será preciso trair a tradição, uma vez que “não se trata de uma questão de imitação nostálgica de modelos passados: é a confrontação estilística, uma recodificação moderna” (HUTCHEON, 1989, p. 19). Em sintonia, Valverde (2006, p. 87) esclarece:

O texto paródico não será mera repetição de um modelo existente, mas a releitura crítica e nada ingênua dos fatos históricos e ideológicos, bem como dos míticos. Para desconstruir algo é necessário trazer de volta, mencioná-lo novamente, só que agora com outra roupagem, um novo olhar e entendimento a respeito do assunto (grifo nosso).

Através da paródia — *locus* da cumplicidade e coerência, pois reafirma o seu objeto de crítica, como também da distância e desestruturação, quando lhe lança um novo olhar —, José Saramago pode falar a linguagem dos evangelistas e dos Pais da Igreja, revestindo-a de uma orientação semântica oposta à que estes lhe deram. Assim, uma nova voz é instalada no discurso parodiado, obriga-o a servir a objetivos contrários ao seu significado original, com o qual pode estabelecer uma relação de hostilidade, pois, em alguns casos, a paródia supõe a deformação da palavra fonte e o seu rebaixamento. Todavia, se José Saramago parodia o *euangélion* não é com o fim de ofendê-lo, mas sim, com a conclamação do *espetáculo carnavalesco*, demolir as barreiras entre o oficial e o não-oficial — o sagrado e o profano — a fim de harmonizá-los, permitindo que leitor reavalie o discurso que fomenta a vida e as ações dos cristãos pelo mundo todo e, dessa forma, lança luz aos grilhões enferrujados do absolutismo religioso no Ocidente, como explica o próprio Saramago (*apud* AGUILERA, 2010, p. 119-120):

Os Evangelhos dizem que Deus enviou um anjo para avisar a José da chegada dos soldados de Herodes, [em O Evangelho segundo Jesus Cristo] eu digo que José era carpinteiro do Templo e ouviu sem querer a conversa. *Seja como for, é inacreditável que ninguém até hoje tenha questionado José por ele ter agarrado só seu filho e Maria, e fugir sem avisar a nenhum vizinho. José permitiu a matança dos inocentes e todo mundo achou isso natural.* Ele é um criminoso por omissão, e vai sofrer a vida todo por isso. Até morrer e essa morte está só nos evangelhos apócrifos. Para mim isso é o principal.
[...]

O cristianismo, para além daquilo que trouxe — e trouxe coisas belíssimas, tenho ali a “Paixão segundo s. Mateus”, de J. S. Bach —, deu lugar a uma arte que atingiu as mais excelsas alturas, na pintura, na música, na poesia, na arquitetura, na escultura. Produziu tipos humanos admiráveis, um s. Francisco de Assis. Mas há o outro lado da balança: o sangue, o sofrimento, a angústia, a renúncia, o pecado. É uma religião de onde a alegria está ausente, ou então há um certo tipo de alegria que não passa pelo humano, pelo corpo.

[...]

Esta religião [o cristianismo] foi fundada sobre sangue, sofrimento, renúncia, sacrifício e martírio. *É uma religião de horrores.* [Em O Evangelho segundo Jesus Cristo] o meu diabo até diz “é preciso ser Deus para se gostar tanto de sangue”, o que soa como um soco no estômago. *O próprio diabo diz a Jesus, quando ele sacrifica a ovelha a mando de Deus, “você não aprendeu nada”, quer dizer, não aprendeu a respeitar a vida, a resistir* (grifos nossos).

O *contraevangelho* pode ser compreendido como uma revisão do mito cristão, onde fato e ficção andam pelo tecido narrativo sob constante análise do narrador, que critica o referencial simbólico ocidental e o processo histórico do cristianismo, reinventando-o. Esse exercício de revisão constrói uma outra história “reinventada, desvinculada da história oficial e, talvez, mais verdadeira” (ALVES, 1994, p. 165), já que apresenta muito do que o discurso canônico encobriu, sendo, por isso, classificada como uma narrativa de metaficção historiográfica, pois problematiza o processo de criação literária e de construção historiográfica, questionando o que há de real no texto ficcional e de ficcional nos relatos históricos. Em harmonia com o que foi proposto inicialmente em **Poética do pós-modernismo** (1991), Jacomel (2008, p. 421) elucida:

[A] metaficção historiográfica [...] tem por característica apropriar-se de personagens e/ou acontecimentos históricos sob a perspectiva da problematização dos fatos concebidos como “verdadeiros”. Isto é, *o que diferencia a metaficção historiográfica de um romance histórico é a autorreflexão causada pelo questionamento das “verdades” consideradas históricas e, portanto, inquestionáveis* (grifo nosso)⁶⁶.

Sete anos depois da publicação do seu oitavo livro, em conformidade com as questões teóricas levantadas até aqui, no seu discurso, por ocasião da premiação do Nobel de Literatura, José Saramago relatava suas intenções e o processo de escrita do *contraevangelho*:

não se tratava de olhar por trás das páginas do Novo Testamento à procura de contrários, mas sim de iluminar com uma luz rasante a superfície delas, como se faz a uma pintura, de modo a fazer-lhe ressaltar os relevos, os sinais de passagem, a obscuridade das depressões. Foi assim que o aprendiz, agora rodeado de personagens evangélicas, leu, como se fosse a primeira vez, a descrição da matança dos Inocentes, e, tendo lido, não compreendeu. *Não*

⁶⁶ Neste estudo, compreendemos que, desde Paulo de Tarso, o acesso a figura histórica de Jesus só é possível através da figura mítica, auxiliado por filtros. Note que o título do livro faz referência a Jesus Cristo e não Jesus de Nazaré.

compreendeu que já pudesse haver mártires numa religião que ainda teria de esperar trinta anos para que o seu fundador pronunciasse a primeira palavra, não compreendeu que não tivesse salvado a vida das crianças em Belém precisamente a única pessoa que o poderia ter feito, não compreendeu a ausência, em José, de um sentimento mínimo de responsabilidade, de remorso, de culpa, ou sequer de curiosidade, depois de voltar do Egípto (sic) com a família. Nem se poderá argumentar, em defesa da causa, que foi necessário que as crianças de Belém morressem para que pudesse salvar-se a vida de Jesus: o simples senso comum, que a todas as coisas, tanto às humanas como às divinas, deveria presidir, aí está para nos recordar que Deus não enviaria o seu Filho à terra, de mais a mais com encargo de redimir os pecados da humanidade, para que ele viesse a morrer aos dois anos de idade degolado por um soldado de Herodes... Nesse Evangelho, escrito pelo aprendiz com o respeito que merecem os grandes dramas, José será consciente da sua culpa, aceitará o remorso em castigo da falta que cometeu e deixar-se-á levar à morte quase sem resistência, como se isso lhe faltasse ainda para liquidar as suas contas com o mundo. O Evangelho do aprendiz não é, portanto, mais uma lenda edificante de bem-aventurados e de deuses, mas a história de uns quantos humanos sujeitos a um poder contra o qual lutam, mas que não podem vencer (SARAMAGO apud FERRAZ, 2012, p. 26-27, grifos nossos).

É bem verdade que, com ironia, o narrador saramaguiano apresenta “uma história afinal arquiconhecida”, porém, para este narrador, “não parece que seja a mesma coisa, tanto no que toca ao passado como que no futuro há-de tocar” (SARAMAGO, 1991, p.127). Ao reconstruir essa história *best-seller*, o narrador refere-se ao seu texto como “evangelho” (SARAMAGO, 1991, p. 221) e, mesmo ciente de que esta versão é menos creditada pela tradição, seu conteúdo propõe-se em lugar do quarteto oficial, postulando-se ao lado dos degredados. O leitor está diante de um evangelho repaginado, altamente exegético, uma nova versão que explode do cerne dos quatro evangelhos, na qual só um “inimaginável ser” (SARAMAGO, 1991, p. 15) não distinguiria “a diferença no coração da semelhança” (HUTCHEON, 1989, p. 19). Saramago compôs um romance ou, como o narrador quer alcunhar, um evangelho, “onde a marginalidade ganha voz e inverte o modelo ideológico” (SILVA, 1989, p. 266), ou seja, neste arranjo acanônico, personagens milenarmente rejeitados pela Igreja são elevados à *categoria de santos* e outros personagens, consagrados pelo cristianismo, são rebaixados. Vejamos alguns exemplos disso, através de Ferraz (2012, p. 121-225):

[José é] pai de Jesus e marido de Maria, obcecado pelo temor a Deus, diariamente repete bençãos e louvores ao Senhor por não ter nascido mulher, demonstrando o orgulho de ser varão e macho. O narrador o descreve [...] como um homem inseguro, machista, desconfiado, misógino, indeciso, simples, estúpido, ridículo, ignorante, insensato, incompetente, [...] medroso, que teve sua trajetória marcada pela culpa e pelo remorso.

[Maria] [...] é uma jovem com idade inferior a dezesseis anos, magra, com cabelos e olhos escuros. É descrita ironicamente pelo narrador como uma

rapariguinha frágil, fraca figura que recolhe bostas de gado como um burro de carga, [...] impiedosa e injusta, que come os restos de comida, pois primeiro tem que servir a seu marido José. [...] Ao contrário da Maria [...] pura e virgem, esta mantém relações sexuais com José [...] e gera Jesus. Além de Jesus, gera mais sete filhos e duas filhas. [...] Psicologicamente é descrita [...] como sendo insensível, arrogante, prepotente, ignorante, céptica, desconfiada, cúmplice do marido, medrosa, impaciente, mentirosa, descrente, soberba, [...] nem pura, nem santa.

[O Diabo, que também é o Anjo e o Pastor,] é um homem alto e forte [...]. O narrador cria e alimenta uma certa dúvida proposital no leitor, que fica confundido com as aparições do Pastor e do Anjo e não sabe ao certo onde termina um e começa o outro, quando na realidade são dois lados da mesma personalidade. Não é um enganador do homem, nem um fanático inimigo de Deus, mas, às vezes, um parceiro dele, embora extremamente moderado e sentimental. [...] O Diabo/Pastor não é um mau sujeito, pois se revolta contra as injustiças de Deus em vista dos sacrifícios de animais e muitas mortes sem sentido.

[Deus é] um exigente diretor da trama que não permite que nada se altere e que exige o máximo do protagonista Jesus. Quanto aos aspectos psicológicos de Deus na obra, fica muito marcante sua imagem de um frio estrategista, inflexível, ganancioso, cruel, intolerante, [...], sádico, tirano, sanguinário, manipulador, perverso, irônico, obcecado pelo poder e despótico, ou seja, este Deus é um Deus falho e possui uma personalidade distorcida e sinistra; é, em verdade, o grande vilão do romance.

Utilizando-se do recurso irônico em sua feitura parodística, a obra saramaguiana viabiliza um espaço aberto para questionamentos e reflexão, pois desestrutura as certezas. As intenções do narrador apresentam-se como um enigma a ser desvendado pelo leitor, a quem caberá identificar o alvo da ironia. O texto irônico, portanto, poderá deixar de sê-lo, se o receptor, por limitações diversas, não detectar que está diante de um discurso invertido, então, para que o mecanismo funcione, o narrador saramaguiano fala para um público que está impregnado pelas narrativas, imagens e concepções cristãs católicas. Diante desse leitor, o *contraevangelho* surte um efeito maior e pode criar até um possível mal-estar, pois “o fio da ironia é sempre cortante” (HUTCHEON, 2000, p. 33) e o narrador da referida obra o emprega com frequência:

Ele seduz o leitor, leva-o em suas reflexões, em suas divagações e em suas viagens pelo tempo, conta o que o leitor ainda não sabe e cobra o que já deveria saber. Referindo-se de um modo íntimo ao receptor, ele conduz a narrativa de tal forma que o leitor percebe que a narrativa, apesar de ser diferente da história dos textos canônicos, é tão interessante quanto (LOURENÇO, 2015, p. 175, grifo nosso).

Não obstante, devido à gigantesca versatilidade deste narrador, que absorve os atributos divinos para narrar esta versão às avessas das boas-novas — revelando ao leitor sua onisciência

ao dizer “como Deus, tudo sabemos do tempo que foi, é e há-de ser” (SARAMAGO, 1991, p. 239) —, temos que ser prudentes ao classificá-lo para não limitar seus poderes, pois, lembremos que, para o Deus do *contraevangelho*, ele é o próprio tempo: “[...] para mim, tudo quanto está para acontecer, já aconteceu, tudo quanto aconteceu, está acontecendo todos os dias” (p. 388). Sendo assim, o narrador saramaguiano transita entre passado, presente e futuro, e, mesmo presentificando-se aos fatos que narra, o início da Era Cristã, seus comentários críticos podem ser destinados aos comportamentos da época narrada, como também ao leitor contemporâneo. O narrador parece estar a quase dois mil anos à frente do que é narrado, como, por exemplo, em “[...] basta ver que o próprio Golias só não foi para jogador de futebol por ter nascido antes do tempo [...]” (p. 225) ou “[...] e caiu velozmente como o machado das execuções ou a guilhotina que ainda falta inventar” (p. 264). José Saramago (*apud* AGUILERA, 2010, p. 221) explica:

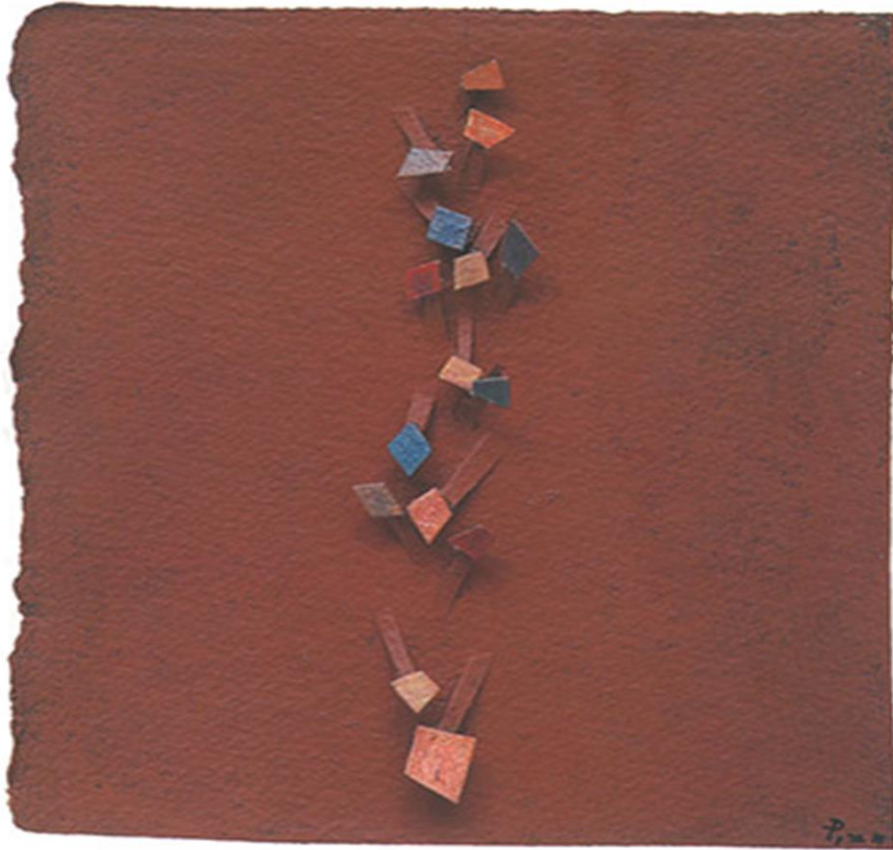
[O meu narrador] adota todos os pontos de vista possíveis, pode estar em todos os lugares e sobretudo habita em todo o tempo. O narrador não prevê o futuro, mas já sabe o que acontecerá no futuro da ação. O narrador narra, joga, organiza todos os fatos da sua fabulação e sabe aquilo que as suas personagens ignoram [...]. Ele usa esse saber de um modo que lhe é exclusivo. Desse conhecimento as personagens não coparticipam, porque não podem. Nos meus romances, aparecem de forma simultânea os comportamentos das personagens e o conhecimento que o narrador já possui do que acontecerá com elas.

O narrador do *contraevangelho* tem ciência de tudo, seja das ocorrências pretéritas ou do futuro das personagens, e “faz questão de avisar o leitor que não é uma voz do tempo de Jesus, e que, portanto, conhece a sociedade e os costumes do presente do leitor” (LOURENÇO, 2015, p. 179). Então, cientes das destrezas divinas deste, optamos por classificá-lo como um narrador heterodiegético de focalização onisciente. Heterodiegético — termo definido por Genette em **Discurso da narrativa** (1980) —, pois ele “relata uma história a que é estranho, porque a não integra nem integrou como personagem” (REIS, 1995, p. 370) e de focalização onisciente, uma vez que “narrador não adota nenhum ponto de vista particular e dá ao leitor uma informação completa” (ADAM, 1997, p. 100), sabendo mais do que os atores da diegese/trama. E, como o leitor parece já conhecer essa história, com ironia, o narrador a inicia pelo fim, primeiro, porque há a busca recorrente pela análise dos reconhecidos eventos do mito cristão ao longo da obra, segundo, porque o que interessa no *contraevangelho* “não é o seu fim, mas sim sua travessia” (FERRAZ, 1998, p. 53), que, ao parodiar, dessacralizar os evangelhos canônicos, expõe os aspectos draconianos do projeto divino das boas-novas:

Jesus morre, morre, e já o vai deixando a vida, quando de súbito o céu por cima da sua cabeça se abre de par em par e Deus aparece, vestido como estivera na barca, e a sua voz ressoa por toda a terra, dizendo, Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência. Então Jesus compreendeu que viera trazido ao engano como se leva o cordeiro ao sacrifício, que a sua vida fora traçada para morrer assim desde o princípio dos princípios, e, subindo-lhe à lembrança o rio de sangue e de sofrimento que do seu lado irá nascer e alagar toda a terra, clamou para o céu aberto onde Deus sorria, Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez (SARAMAGO, 1991, p. 444).

Com isso, o *contraevangelho* apresenta sua cristologia: um Jesus que foi forçado a ser o Cristo, que não conseguiu inverter os poderes e colocar esse Deus violento à sua mercê, que não pôde ser livre, não pode ser homem até o fim da vida, como Maria de Magdala profetizara, ao falar sobre os planos desse Deus para Jesus: “vais ter de ser muito mais que um homem para viveres e morreres como seu eleito” (p. 309).

JOSÉ SARAMAGO



O EVANGELHO
SEGUNDO JESUS CRISTO



CAPA DE **O EVANGELHO SEGUNDO JESUS CRISTO** (1991)

Hélio de Almeida sobre relevo de Arthur Luiz Piza.

3.2 Uma mulher redimida e exaltada

Durante séculos, a mulher teve de pedir licença ao seu marido ou ao seu pai para empreender o que quer que fosse. Como podemos viver tanto tempo a condenar a metade da humanidade à subordinação e à humilhação?

JOSÉ SARAMAGO

Maria, chamada Madalena, não foi a primeira e muito menos a última mulher na face da Terra a ser reprimida e manipulada por uma campanha milenar que enfatiza a importância da masculinidade, a importância de ser homem, renegando a existência do feminino em qualquer instância. Se hoje os homens são criados desde o berço para evitar a feminilidade, seja quando garotos são proibidos de brincar de boneca ou quando são associados à alguma figura feminina por não jogarem bola muito bem, é porque a ideia de ser mulher ainda é concebida socialmente como algo para se envergonhar, juízo fomentado ao longo de séculos e séculos. Observemos que, durante a Idade Média, os textos dos patriarcas estavam cheios de invectivas contra a mulher:

A mulher era representada como a porta do inferno, como a mãe de todas as calamidades humanas. Ela deveria se envergonhar com a própria ideia de ser mulher. Ela deveria se envergonhar de sua roupa, pois era a lembrança da queda [da humanidade, que foi expulsa do paraíso]. Ela devia se envergonhar especialmente de sua beleza, pois esta é o instrumento mais poderoso do demônio. Na verdade, a beleza física era, permanentemente, o tema das acusações eclesíásticas [...]. Por ordem de um Concílio provincial do século VI, as mulheres estavam proibidas, por causa da impureza, de receber a Eucaristia com as mãos nuas (LECKY, 1921, p. 357-8).

A mulher foi mantida numa posição de subalternidade devido à necessidade do homem de dominá-la, e esse domínio foi ascendendo até chegar a barbárie: “A repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de ‘caça às bruxas’” (MURARO, 2016, p. 17). O *big bang* de tudo isso? Quando a cultura humana passa de matricêntrica a patriarcal, em outras palavras, quando “o homem começa a dominar a sua função biológica reprodutora, e, podendo controlá-la, pode também controlar a sexualidade feminina” (MURARO, 2016, p. 11). A partir do momento que a admiração pelo feminino como fonte da origem da vida é extirpada,

o homem torna-se criador de tudo e de todos⁶⁷. Então, com o passar do tempo e instauração de um mundo sob as rédeas do domínio masculino, os homens “empenharam-se em demonstrar que a condição subordinada da mulher era desejada no céu e proveitosa à Terra [...], puseram a filosofia e a teologia a serviço dos seus desígnios” (BEAUVOIR, 2016, p. 19). O mito de Eva, por exemplo, “[...] tem servido ininterruptamente para manter a mulher em seu devido lugar” (MURORO, 2016, p. 16). Vejamos:

Eva é considerada a primeira mulher, a primeira esposa, a mãe de todos os que vivem. Nasceu da costela de Adão e por isso é inferior a ele [...] foi ela quem levou Adão a cometer o pecado original, carregando a culpa pela expulsão do paraíso. Também foi culpada pelos padecimentos humanos, pois a partir daí a mulher passou a parir com dor e o homem precisou obter seu sustento por meio do próprio trabalho. (PIRES, 2008, p. 51).

Concebido no judaísmo “400 anos antes do relato da criação em seis dias” (DROLET, 2008, p. 207), o Éden simbolizava um projeto harmônico de Deus não só para Israel, mas para toda a humanidade: harmonia total com a natureza, sem sofrimento e morte, igualdade entre o homem e a mulher, que não conhecem nenhum desequilíbrio e estão em relação perfeita com o divino, entretanto, esse plano não poderia ser cumprido efetivamente devido ao “mal interior” nos seres humanos. E nessa questão, o problema jamais foi só a mulher. Homens e mulheres dificultavam a implementação desse projeto de harmonia divina, seja por uma violência absurda simbolizada por um “fratricídio” ou “um coração malvado” ou pela ambição de ser como um deus através de “um fruto proibido” ou construindo “uma torre para atravessar os céus”, como sugere as narrativas iniciais do **Livro do Gênesis**. Porém, nas mãos dos patriarcas, que seguiam em sua campanha a fim de consolidar o crescente domínio sobre as mulheres, a narrativa do Éden deu origem à ideia de que Eva era pecadora, e o seu pecado era o sexo. Nessa perspectiva,

a mulher é vista como a tentadora do homem, aquela que perturba a sua relação com a transcendência e também aquela que conflitua as relações entre os homens. Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que devem ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, se transforma no Demônio, no tentador, na fonte de todo pecado. E ao Demônio é alocado o pecado por excelência, o pecado da carne [...] a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana (MURARO, 2016, p. 16).

⁶⁷ Desde o segundo milênio Antes da Era Cristã, os registros de mitos nos quais a divindade primária seja mulher são raros. Na mitologia persa, meda e, principalmente, na judaico-cristã, essas divindades “são substituídas por um deus macho que cria o mundo a partir de si mesmo” (MURARO, 2016, p. 13).

Se Eva legou à humanidade uma existência de sofrimento perpétuo, todas as suas filhas seriam responsabilizadas pelo crime da mãe. Por isso que, no intuito de reforçar essas invectivas e assegurar a perpetuação delas, o cristianismo apresenta a imagem de Maria, mãe de Jesus, como uma virgem, concebendo um filho sem pecado⁶⁸; ela é um símbolo de redenção para todas as *descendentes de Eva* que seguissem o caminho da pureza. Por sua vez, Maria Madalena, ao ser associada ao demônio, surge como uma pecadora; símbolo de mulher decaída, assim como são todas as *filhas de Eva*, que podem ser salvas através da retidão e penitência ao seguirem o caminho do Cristo — o que por extensão, é o caminho ditado pela Igreja.

Todavia, como já averiguamos, o legado que as *descendentes de Eva* carregam há séculos é uma interpretação posterior, pois, como aponta Bogado (2005, p. 33-34), de início, quando o mito de criação — Adão, Eva e a Serpente — foi proposto, a questão ali tratada era a vida do povo de Israel antes (Gênesis, 2) e depois da monarquia (Gênesis, 3), personificada na serpente, que pode ser compreendida como uma representação do poder do faraó, já que este seria capaz de distinguir o bem e o mal (1 Reis, 3: 9). O relato do terceiro capítulo do **Livro do Gênesis** só passou a ser explicado como uma mostra do *pecado original* quando foi reunido com a narrativa *bereshit* (Gênesis, 1). Uma vez culpada pela tomada de consciência e, conseqüentemente, do afastamento entre os Homens e a divindade, a mulher foi inevitavelmente associada à perdição, ao desvio, à tentação, ao desejo, em outras palavras, a principal responsável pela transgressão, como lembrará Paulo de Tarso, na primeira carta a Timóteo:

Durante a instrução, a mulher fique escutando em silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, nem que mande no homem. Ela fique em silêncio. Com efeito, Adão foi formando primeiro; Eva, depois. E não foi Adão que se deixou seduzir, mas a mulher é que foi seduzida e se tornou culpada de transgressão (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1462).

Com a *leitura patriarcal* desse mito, segundo Highwater (1992, p. 31), Eva — arquétipo de todas as mulheres — “tornou-se símbolo da inferioridade feminina e da entrega das mulheres a pensamentos e atos concupiscentes” e, em acordo mútuo com o pensamento grego⁶⁹, o homem acabou se tornando a figura central da sociedade judaica. Além da família ser chamada de “casa do pai”, o homem judeu tinha sob seu domínio as leis, o direito à ciência, as propriedades —

⁶⁸ A crença na virgindade é estabelecida por uma possível profecia no **Livro de Isaías**, 800 anos antes da gravidez de Maria. Um grande mal-entendido: “não só porque ele não se referiu a uma virgem, como também porque as palavras hebraicas de Isaías aludem simplesmente ao filho nascituro do rei Acaz” (LOURENÇO, 2017, p. 29).

⁶⁹ Em **Metafísica**, Aristóteles (1984, p. 48) apresentou a ideia de superioridade do homem.

incluindo-se aí a mulher⁷⁰ —, a autoridade religiosa e a poligamia, como nos lembra Moracho (2002, *passim*). A justificação para esse arranjo social estava ligada à interpretação do texto, que deveria favorecer o homem: Eva foi criada depois de Adão e amaldiçoada ao comando do homem por comer o fruto proibido, condenando assim todas as *filhas de Eva* ao segundo plano e a submissão. Os judeus tinham até uma oração matinal na qual agradeciam a Deus por não terem nascido mulheres⁷¹, ou seja, a tradição judaica ditou severamente o papel de sujeição da mulher e a cerceou de todas as formas. Unterman (1992, p. 184) descreve algumas interdições:

[a mulher] não pode servir como rabino, chazan ou diretor laico de sinagoga, embora as mulheres acendam as luzes do Shabat. Ela também não pode atuar como juiz (daian) ou testemunhar num beit din, e, se tiver irmãos, não herda a propriedade de seu pai. [...] No passado, as mulheres só recebiam uma educação tradicional mínima, pois se acreditava que ensinar a Torá a uma mulher era como ensiná-la a ser enganosa, e um rabino talmúdico afirmou que era melhor queimar as palavras da Torá que transmiti-las a uma mulher.

Em concordância, esta referência do **Dicionário judaico de lendas e tradições** remete ao *contraevangelho* saramaguiano, onde, em uma passagem sobre a mãe de Jesus, o narrador demonstra conhecer muito bem a vida das mulheres judias, afinal, como já vimos na subseção anterior, tudo sabe, e expõe sua aversão a esse regime de dominação masculina:

Maria vai à sinagoga, entra pela porta lateral, que a lei impõe às mulheres, e se, é um supor, lá se encontram ela e trinta companheiras, ou mesmo todas as fêmeas de Nazaré, ou toda a população feminina de Galileia, ainda assim terão de esperar que cheguem ao menos dez homens para que o serviço do culto, em que só como passivas assistentes participarão, possa ser celebrado. Ao contrário de José, seu marido, Maria não é piedosa nem justa, porém não é sua a culpa dessas mazelas morais, a culpa é da língua que fala, senão dos homens que a inventaram, pois nela as palavras justo e piedoso, simplesmente, não têm feminino (SARAMAGO, 1991, p. 31).

Na verdade, pedindo licença ao *todo-poderoso* narrador saramaguiano, esclarecemos que até havia, mas foi afastado com a chegada do *Adonai* — o Deus dos Hebreus —, pois, segundo Bogado (2005, p. 47) é “um Deus masculino, que varre do feminino qualquer possibilidade de conexão com o divino, de acesso ao conhecimento, de participação direta nos eventos sociais, de qualquer autoridade”, ou seja, diferente do começo do período neolítico, que nutriu o

⁷⁰ Cf. **Livro do Êxodo**, 20: 17.

⁷¹ “Bendito seja Deus nosso Senhor e o Senhor de todos os mundos por não me ter feito mulher”, dizem os judeus nas suas preces matinais, enquanto suas esposas murmuram com resignação: ‘Bendito seja o Senhor que me criou segundo a sua vontade’” (BEAUVOIR, 2016, p. 18).

imaginário dos agricultores com o poder da Deusa Mãe, porque “a terra sustentava todas as criaturas — plantas, animais e humanos — como se fosse um útero vivo” (ARMSTRONG, 2005, p. 41), o período histórico dos hebreus era outro, no qual houve uma hegemonia da espada e da cultura guerreira, exaltando a masculinidade⁷² e relegando a um segundo plano tudo que pudesse ser relacionado ao feminino. Com esta reviravolta na forma do homem entender a si e o mundo, o ato sexual, antes compreendido como um rito sagrado para despertar “as energias criativas do solo”, já que, em analogia, “o arado ou a enxada do agricultor era o falo sagrado que abria o útero da terra e o fazia crescer com a semente” (ARMSTRONG, 2005 p. 42), acabou ganhando uma conotação de impureza e de monopólio do homem sobre a mulher, que, uma vez conquistada, tinha como única função fornecer prazer e herdeiros ao marido. Consciente desta questão, o narrador saramaguiano critica o tempo todo essa relação homem-mulher e, tão logo, a superioridade do homem:

Quando já se pusera de todo escuro, Maria vinha também e sentava-se no chão, como o marido, mas do outro lado da porta, e ali ficavam os dois, sem falar, ouvindo os rumores da casa dos vizinhos, a vida das famílias, que eles ainda não eram, faltando os filhos, Praza ao Senhor que seja um rapaz, pensava José algumas vezes ao longo do dia, e Maria pensava, Praza ao Senhor que seja um rapaz, mas as razões por que o pensava não eram as mesmas.

[...]

Por causa desta diferença, atrasa-se às vezes o grupo das mulheres, e, quando tal acontece, os homens, lá adiante, fazem uma paragem e ficam à espera de que elas se aproximem, porém não tanto que cheguem a reunir-se umas e outros, estes vão mesmo ao ponto de fingir que pararam somente para descansar, não há dúvida de que a estrada a todos serve, mas já se sabe que onde cantarem galos não hão-de as galinhas piar, quando muito cacarejem se puseram ovo, assim o tem imposto e proclamado a boa ordenação do mundo em que nos calhou viver.

[...]

Ao cabo, postos primeiramente os burros à manjedoura, sentaram-se os viajantes a comer, principiando pelos homens, que as mulheres já sabemos que em tudo são secundárias, basta lembrar uma vez mais, e não será a última, que Eva foi criada depois de Adão e de uma sua costela, quando será que aprenderemos que há certas coisas que só começaremos a perceber quando nos dispusermos a remontar às fontes.

[...]

[José] Não se atrevera a perguntar à mulher que homem era aquele e se sabia para onde ele fora, que tão depressa se sumira, não queria ouvir a resposta que temia, uma estupefacta pergunta, Homem, que homem, e, se teimasse, o mais certo seria chamar Maria a testemunhar as outras mulheres, Vocês viram algum homem, vinha algum homem no grupo das mulheres, e elas diriam que não e abanariam a cabeça com algum ar de escândalo, e talvez uma delas, mais solta de língua, dissesse, Ainda está para nascer o homem que, sem ser por precisões do corpo, se chegue ao lado das mulheres e com elas fique.

⁷² Curiosamente, a mesma palavra hebraica que designa *arma* serve para designar o órgão sexual masculino.

[...]

Em verdade, em verdade vos digo que muitas coisas neste mundo poderiam saber-se antes de acontecerem outras que delas são fruto, se, um com o outro, fosse costume falarem marido e mulher como marido e mulher.

[...]

Agora com o coração mais desanuviado de preocupações, [José] pensou que estaria bem perguntar a Maria como ia ela de dores, porém não pronunciou a palavra, lembremo-nos de que tudo isto é sujo e impuro, desde a fecundação ao nascimento, aquele terrífico sexo da mulher, vórtice e abismo, sede de todos os males do mundo, o interior labiríntico, o sangue e as humidades, os corrimentos, o rebotar das águas, as repugnantes secundinas, meu Deus, por que quiseste que os teus filhos dilectos, os homens, nascessem da imundície, quando bem melhor fora, para ti e para nós, que os tivesses feito de luz e transparência, ontem, hoje e amanhã, o primeiro, o do meio e o último, e assim igual para todos, sem diferença entre nobres e plebeus, entre reis e carpinteiros, apenas colocarias um sinal assustador naqueles que, crescendo, estivessem destinados a tornar-se, sem remédio, imundos (SARAMAGO, 1991, p. 43-78).

Simone Beauvoir (2016, p. 134) esclarece que “numa religião em que a carne é maldita, a mulher se apresenta como a mais temível tentação do demônio” e, infelizmente, “a ideologia cristã não contribuiu pouco para a opressão da mulher”. De forma curiosa, na Ásia Menor, 25 anos após a crucificação de Jesus, Paulo de Tarso escreveria aos gálatas: “Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só, em Cristo Jesus” (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 1432). Era uma forte afirmativa de igualdade, em concordância com o que Jesus pregava em seu ministério, porém estava projetada em um patamar fora da realidade da época, afinal, ao terminar de escrever esta carta, Paulo de Tarso teria que lidar com famílias greco-romanas e judaicas, onde o *feminismo moderno* jamais conseguiria habitar. Uma possível coação social acabou eclipsando as opiniões de equidade de Paulo⁷³, dando espaço a uma “tradição judaica ferozmente antifeminista” (BEAUVOIR, 2016, p. 134). De fato, Paulo não era um misógino, mas, ao partilhar do androcentrismo de seu tempo — ele era filho e aluno de fariseu ao mesmo tempo que cidadão romano —, contribuiu para colocar a mulher cristã em posição de subordinação na Igreja e no casamento⁷⁴. Em síntese, Paulo reafirmaria o comando masculino sobre as mulheres e, reforçado pelos Pais da Igreja, o cristianismo apresentaria um regime de domínio masculino muito mais duro e inapelável:

[...] Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no Antigo [...] [Testamento], o princípio da subordinação da mulher ao homem. “O homem não foi tirado da mulher, e sim a mulher do homem”. E ainda: “Assim como

⁷³ Teólogos modernos sugerem que Paulo recuou em suas posições “por temer que suas atitudes radicais de solidariedade a mulheres e escravos, provocassem a desaprovação oficial das iniciantes igrejas cristãs” (BLAINEY, 2012, p. 46).

⁷⁴ Cf. 1 Timóteo 2: 11-14; 1 Coríntios 11: 8-9; 1 Coríntios 14: 34-35; Efésios 5:22-24.

a Igreja é submetida a Cristo, em todas as coisas submetam-se as mulheres a seus maridos”. [...] Tertuliano escreve: “Mulher, és a porta do diabo. Persuadiste aquele que o diabo não ousava atacar de frente. É por tua causa que o filho de Deus teve de morrer; deverias andar sempre vestida de luto e de andrajos”. E santo Ambrósio: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que a mulher aceite como soberano aquele que ela conduziu ao pecado”. E são João Crisóstomo: “Em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher”. [...] São Tomás [vai] declarar que a mulher é um ser ocasional e incompleto, uma espécie de homem falhado. “O homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça do homem”, escreve. “É indubitável que a mulher se destina a viver sob o domínio do homem e não tem a mulher por si mesma nenhuma autoridade” (BEAUVOIR, 2016, p. 134-135).

Não obstante, Loes (2010, p. 85) nos lembra que os homens podem até ter dominado a história do cristianismo — “começa por Deus, o Pai, [...] criador e não criadora, passando pelos 12 apóstolos, que não incluíam uma mulher sequer, e culminando com Jesus, Filho e não filha” —, no entanto, através de uma teologia feminina⁷⁵, observamos que “são as mulheres que não só participaram, como protagonizaram boa parte dos momentos cruciais da vida de Jesus” — do nascimento à crucificação, enquanto homens traíam Jesus, elas não se acovardaram diante das dificuldades. Segundo Pires (2008, p. 9), às mulheres “muito tem sido negado ou proibido” e, quanto à marginalização dessas personagens femininas cristãs, comenta que “essa repressão foi oportuna para que a situação de domínio se mantivesse imutável”, até porque não podemos esquecer que a história humana em si, e o cristianismo é só um apêndice dela, é a história dos homens

Pelo fato de os primeiros cientistas a estudarem as origens da humanidade terem sido exclusivamente homens e estarem impregnados da nossa cultura essencialmente masculina, o olhar se concentrou sobre o macho da espécie, que se tornou não apenas referencial para a totalidade, mas passou a designá-la (VON KOSS, 2000, p. 65).

Desde o século XIX, a história das mulheres está sendo resgatada das sombras e recontada sem os filtros patriarcais por historiadores, pesquisadores das ciências sociais e escritores. José Saramago é um deles — um cidadão indignado com toda forma de sujeição que se possa abater sobre os humanos. Certa vez, como descreve n’**Os Cadernos de Lanzarote** (1997), o escritor português ficou chocado ao descobrir, em um diálogo com a professora de filosofia, Ana Hardisson, que, historicamente, o feminino não chegou a participar da formação do conceito de

⁷⁵ Estudo com vistas às revisões do papel da mulher na vida e no legado de Jesus, surgiu através dos movimentos pelos direitos das mulheres na década de 1960.

“ser humano”. Ele desabafou: “Provavelmente o ‘ser humano’ [...] só como ‘hermafrodita’ chegará a realizar-se, isto é, tornar-se real e realmente completo” (p. 397). Nesta declaração, que flerta com o conceito de *androginia* proposto pelo filósofo Platão em **O Banquete** (2010), é perceptível tanto a convicção de Saramago de que não pode existir um ser humano autêntico sem a comunhão do feminino e masculino quanto seu desconforto à exclusão das mulheres na História.

No que toca o protagonismo feminino, a literatura saramaguiana está repleta de mulheres que simbolizam o melhor da condição humana — Blimunda, Lídia, Joana Carda, Maria Sara e Maria de Magdala são alguns exemplos⁷⁶ —, não porque o escritor assim tenha premeditado — apresentar homens débeis/complexados e mulheres fortes/sólidas —, mas sim por acreditar que as atitudes e atributos femininos possam representar a saída para os problemas da humanidade. É bem verdade que as personagens saramaguianas são “mulheres diante de seu destino, em pé com igualdade, [...] responsáveis e imbuídas de coragem, [...] dedicadas, *capazes de encarnar uma maneira mais sensível de entender o mundo*” (AGUILERA, 2010, p. 260, grifo nosso), não por acaso, no *contraevangelho* de Saramago, Maria de Magdala impede um dos grandes milagres da tradição cristã: a ressurreição de Lázaro. Tal obstrução é causada por pura compaixão, e não grandiloquência, afinal, só uma mulher é capaz de compreender que não tem sentido ressuscitar alguém que morrerá de novo. Através dessas sábias personagens femininas, que circundam e/ou guiam as masculinas, livro após livro, o autor tenta projetar uma nova forma de humanidade, na qual a visão feminina pode ser o caminho, como elucida o próprio Saramago (*apud* AGUILERA, 2010, p. 264):

[...] que a mulher se decida a tomar no mundo o papel que não seja o de uma mera competidora do homem. Se é só para ocupar o lugar que o homem tem desempenhado ao longo da História, não vale a pena. O que a humanidade necessita é qualquer coisa de novo, que eu não sei definir, mas ainda tenho a convicção que pode vir da mulher.

Em outra oportunidade, em concordância com o que estamos defendendo, José Saramago comentou:

Suponho que às minhas leitoras lhes agradará que isto seja uma constante [a presença decisiva de personagens femininas nas narrativas saramaguianas], porque verdadeiramente, como personagens, quem sempre salva os meus livros são as mulheres. Não é que os homens não sejam pessoas boas, que o

⁷⁶ Respectivamente, personagens de **Memorial do Convento** (1982), **O ano da morte de Ricardo Reis** (1984), **A Jangada de Pedra** (1986), **História do Cerco de Lisboa** (1989) e **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991).

são e podem sê-lo, mas ao lado delas aparecem sempre como pequenos aprendizes. Quero clarificar algo que já assinalai antes, a propósito do facto de não se encontrarem heróis nos meus romances, apenas gente normal, que vive vidas normais, embora no caso de Baltasar e Blimunda eles assistam com naturalidade a certos prodígios. Reflito e escrevo sobre pessoas comuns porque essa é a gente que conheço. É provável que as mulheres que invento não existam, talvez não sejam mais do que projetos, talvez me seja mais fácil imaginar um projeto de mulher que um projeto de homem. Em qualquer caso, e para não fugir à questão, acrescentarei que o facto de ter sido criado por mulheres, de viver e crescer sempre entre mulheres, pressupôs, em definitivo, ter aprendido com elas o que efetivamente é benéfico, não no sentido utilitário, mas em profundidade e humanismo. Devo isto às mulheres e, por isso, assim fica refletido nos meus livros.⁷⁷

Por isso, sempre haverá uma mulher a sustentar cada um dos romances de José Saramago, pois, dotada de heroísmo, emanção discreta da personalidade feminina, a mulher está disposta ao sacrifício por compaixão. No caso do *contraevangelho*, é Maria de Magdala que o sustenta e, por amor a Jesus, é a única disposta a ir a todos os calvários possíveis. Contudo, é importante ressaltarmos que José Saramago tem ciência da sombra equivocada que acompanha essa mulher desde a páscoa de 591 E.C. O erro de exegese, perpetrado pelo Papa Gregório, *O Grande*, em um sermão, além de adjetivar a pecadora do capítulo sete do **Evangelho segundo Lucas** como prostituta, confundiu-a com Madalena, cuja libertação e conversão estão narradas no capítulo seguinte, unindo sua história a da irmã de Lázaro; acrescentou-se ao emaranhado preliminar a imagem da mulher anônima que quase fora apedrejada por adultério, episódio relatado no capítulo oito do **Evangelho segundo João** — assim, o imaginário cristão medieval, ao misturar, em um só rosto, a face dessas mulheres, criou uma fantasia perturbadora sobre a sexualidade de Maria Madalena que foi perpetuada na arte cristã. A confusão exegética, como já apuramos, só foi corrigida depois de aproximadamente 1400 anos, infelizmente, tempo suficiente para a imagem de pecadora-adúltera-prostituta suplantar a de *santa matronal* e jazer solidificada no imaginário ocidental. É com base nesta herança que o escritor português construirá sua Maria de Magdala.

José Saramago, munido com estas informações, permitirá que seu narrador busque pela “verdadeira” Maria Madalena a fim de possibilitar não só a anistia desta figura feminina, mas, ao estilo saramaguiano, propor um desempenho inovador para esta mulher nos trágicos eventos da fé cristã. A primeira referência à Maria Madalena e a este processo de resgate podem ser encontrados no início do romance. Inicialmente, em conexão com o autor implícito, o narrador surge para investigar um drama muito conhecido do começo do século I E.C.: A Crucificação.

⁷⁷ <http://alice.ces.uc.pt/news/?p=1232>

A primeira parte do romance é uma minuciosa análise e interpretação da gravura homônima de Albrecht Dürer (ver figura 1), como podemos notar neste exemplo:

O sol mostra-se num dos cantos superiores do rectângulo, o que se encontra à esquerda de quem olha, representando, o astro-rei, uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas, tal uma rosa-dos-ventos indecisa sobre a direcção dos lugares para onde quer apontar, e essa cabeça tem um rosto que chora, crispado de uma dor que não remite, lançando pela boca aberta um grito que não poderemos ouvir, pois nenhuma destas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada. Por baixo do sol vemos um homem nu atado a um tronco de árvore, cingidos os rins por um pano que lhe cobre as partes a que chamamos pudendas ou vergonhosas, e os pés tem-nos assentes no que resta de um ramo lateral cortado, porém, por maior firmeza, para que não resvalém desse suporte natural, dois pregos os mantêm, cravados fundo. Pela expressão da cara, que é de inspirado sofrimento, e pela direcção do olhar, erguido para o alto, deve de ser o Bom Ladrão. O cabelo, todo aos caracóis, é outro indício que não engana, sabendo-se que anjos e arcanjos assim o usam, e o criminoso arrependido, pelas mostras, já está no caminho de ascender ao mundo das celestiais criaturas. Não será possível averiguar se este tronco ainda é uma árvore, apenas adaptada, por mutilação selectiva, a instrumento de suplício, mas continuando a alimentar-se da terra pelas raízes, porquanto toda a parte inferior dela está tapada por um homem de barba comprida, vestido de ricas, folgadas e abundantes roupas, que, tendo embora levantada a cabeça, não é para o céu que olha. Esta postura solene, este triste semblante, só podem ser de José de Arimateia, que Simão de Cirene, sem dúvida outra hipótese possível, após o trabalho a que o tinham forçado, ajudando o condenado no transporte do patíbulo, conforme os protocolos destas execuções, fora à sua vida, muito mais preocupado com as consequências do atraso para um negócio que trazia apazado do que com as mortais aflições do infeliz que iam crucificar. Ora, este José de Arimateia é aquele bondoso e abastado homem que ofereceu os préstimos de um túmulo seu para nele ser depositado o corpo principal, mas a generosidade não lhe servirá de muito na hora das santificações, sequer das beatificações, pois não tem, a envolver-lhe a cabeça, mais do que o turbante com que sai à rua todos os dias, ao contrário desta mulher que aqui vemos em plano próximo, de cabelos soltos sobre o dorso curvo e dobrado, mas toucada com a glória suprema duma auréola, no seu caso recortada como um bordado doméstico (SARAMAGO, 1991, p. 13-14).

Pinçando personagem a personagem, ironizando as opiniões edificadas pelas convenções canônicas, o narrador chega a tríade mariana, as Marias, pois “todas quantas aqui vieram juntar-se usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente das outras” (SARAMAGO, 1991, p. 14). É neste momento que, em efeito prolepse⁷⁸, um jogo de comparações entre duas mulheres acontece, afinal, a mãe do crucificado, a senhora entre elas, é visivelmente identificada devido ao tamanho da auréola e ao “lugar central que ocupa na

⁷⁸ “Também denominada antecipação, é uma figura de estilo, mediante a qual se adianta o enunciado de um epíteto, um argumento ou uma ação, como se já tivesse ocorrido a circunstância que lhes diz respeito e que necessariamente os precederia” (MOISÉS, 2013, p. 381). Todavia, mais tarde, perceberemos que será uma falsa prolepse.

região inferior da composição” (SARAMAGO, 1991, p. 15). O narrador tenta localizar Maria Madalena e, de início, apresenta a primeira como sendo ela, porque:

qualquer observador, se conhecedor bastante dos factos elementares da vida, jurará, à primeira vista, que a mencionada Madalena é esta precisamente, porquanto só uma pessoa como ela, de dissoluto passado, teria ousado apresentar-se, na hora trágica, com um decote tão aberto, e um corpete de tal maneira justo que lhe faz subir e altear a redondez dos seios, razão por que, inevitavelmente, está atraindo e retendo a mirada sôfrega dos homens que passam, com grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo (SARAMAGO, 1991, p. 14-15).

Porém, ao perceber a expressão de tristeza no seu rosto diante da tragédia, o narrador saramaguiano afastará o estereótipo de mulher pecadora:

o abandono do corpo não exprime senão a dor de uma alma, é certo que escondida por carnes tentadoras, mas que é nosso dever ter em conta, falamos da alma, claro está, esta mulher poderia até estar inteiramente nua, se em tal preparo tivessem escolhido representá-la, que ainda assim haveríamos de demonstrar-lhe respeito e homenagem (SARAMAGO, 1991, p. 15).

Mesmo não tendo total confiança se Maria Madalena é ela, é curioso percebemos agora como o narrador se afeiçoa facilmente a mulheres arrasadas por uma campanha de difamação masculina devido a sua liberdade sexual e as ergue do chão, belas e fortes. E o jogo segue, no entanto, quanto a outra mulher, também uma possível Madalena, há um pequeno problema. Não podendo “ver nem fantasiar o decote” desta, já que a dama permanece de costas para o observador, o narrador só pode presumir que seja ela a Madalena por causa dos possíveis cabelos loiros:

[...] não pretendemos afirmar que Maria Madalena tivesse sido, de facto, loura, apenas nos estamos conformando com a corrente de opinião maioritária que insiste em ver nas louras, tanto as de natureza como as de tinta, os mais eficazes instrumentos de pecado e perdição. Tendo sido Maria Madalena, como é geralmente sabido, tão pecadora mulher, perdida como as que mais o foram, teria também de ser loura para não desmentir as convicções, em bem e em mal adquiridas, de metade do género humano (SARAMAGO, 1991, p. 16).

Advogando em favor do narrador saramaguiano, Flores (2000, p. 237) relata que, para os poetas maneiristas de Portugal, Madalena era supostamente loira, uma vez que, na literatura portuguesa, as mulheres loiras serem muitas vezes apresentadas como a mulher de má conduta, como Luiza de **O Primo Basílio** (1997), a Maria Monforte e sua filha Maria Eduarda de **Os Maias** (2001), e a Luiza do conto **Singularidades de uma rapariga loira** (2002), para ficarmos

apenas em Eça de Queirós. Em contrapartida, Flores (*idem*) também chama atenção para a tese de as morenas serem vistas “como instrumentos de pecado, haja vista a associação da cor com as trevas”. Nesse percurso, talvez não seja preciso chegarmos às ruivas⁷⁹ — caçadas e execradas como bruxas pela Igreja — para percebemos que as mulheres serão acuadas de todas as formas, sendo a tonalidade do cabelo só mais um pretexto para isso. Então, não nos demoraremos mais nisto, primeiro, porque “o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada” (SARAMAGO, 1991, p. 13), segundo, porque, mais à frente no romance, longe desta investigação da gravura de Dürer, descobriremos que os cabelos de Maria de Magdala são pretos, e terceiro, porque, o narrador faz a derradeira constatação de a mulher de costas para o observador ser realmente Madalena, não pelo modo de se vestir ou a possível cor dos cabelos, mas, categoricamente, pelo modo como ela olha para o crucificado:

[...] para o alto o olhar, e este olhar, que é de autêntico e arrebatado amor, ascende com tal força que parece levar consigo o corpo todo, todo o seu ser carnal, como uma irradiante auréola capaz de fazer empalidecer o halo que já lhe está rodeando a cabeça e reduzindo pensamentos e emoções. *Apenas uma mulher que tivesse amado tanto quanto imaginamos que Maria Madalena amou poderia olhar desta maneira*, com o que, derradeiramente, fica feita a prova de ser ela esta, só esta, e nenhuma outra (SARAMAGO, 1991, p. 16, grifo nosso).

Na abertura do *contraevangelho*, o olhar do leitor é desviado da negatização que cerca Maria Madalena há séculos a fim de elucidar um rosto pouco aceito desta mulher: a mulher que amou Jesus, mas, acima de tudo, a mulher que encontrou em Jesus o amor que ela tanto buscava nos Homens, acompanhando-o até o calvário. Bem verdade que não poderia ser diferente, pois, historicamente, Maria Madalena, como grande parte das outras mulheres daquele período, era dominada por uma sociedade patriarcal, diretamente controlada pelo governo romano e pela doutrina judaica que, como já sabemos, considerava as mulheres como impuras e portadoras do *pecado original* (descendentes de Eva), então, ouvir da boca de um homem judeu sentenças como “Bem-aventurados os que estão de luto, porque eles serão reconfortados” ou “Bem-aventurados os esfomeados e os sedentos de justiça, porque eles serão saciados” ou “Não julgueis, para que não sejais julgados” ou “Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem”⁸⁰ convida os oprimidos e, conseqüentemente, os opressores, a se juntarem a este

⁷⁹ Curiosamente, houve equidade na Idade Média quanto aos cabelos vermelhos conotarem a ideia de maldade. Da mesma forma que Lilith e Maria Madalena, Caim e Judas eram retratados como ruivos, nas obras de arte.

⁸⁰ Todas as sentenças apresentadas são descritas no **Evangelho segundo Matheus** (LOURENÇO, 2017, p. 73-82).

homem para refletirem sobre seus *status quo* na comunidade judaica, em busca de mudança de mentalidade, afinal, como sugeriam os profetas apocalípticos, o reino dos céus estava próximo.

Convém ressaltarmos que o narrador localiza a “*verdadeira*” Madalena nesta mulher, que olha de um modo peculiar — não por acaso, o olhar de quem ama. A gravura de Dürer parece ilustrar uma figura feminina que o narrador saramaguiano reconhece, e o leitor em breve conhecerá, na qual está afeiçoado. Notadamente, a maneira como ela contempla o crucificado faz o narrador elegê-la como a autêntica Madalena, a discípula fiel, a amante, a guia do Cristo. Para não haver dúvidas, Morris (2005, p. 69) esclarece:

Um olhar fixo e prolongado [...] só ocorre em momentos de intenso amor [...]. Entre amantes, a confiança é tanta que eles se olham sem o menor temor. Quando olham nos olhos do ser amado, estão verificando inconscientemente o grau de dilatação da pupila. Se enxergam profundos poços escuros, sabem intuitivamente que seus sentimentos são correspondidos.

Após essa primeira aparição de Maria Madalena, a mulher de Magdala só voltará a ser mencionada no romance já no último terço deste, quando Jesus a encontra pela primeira vez. Esse encontro tanto reverte as narrativas bíblicas quanto as interpretações criadas em torno delas. No *contraevangelho*, após quatro anos de vida pastoril, Jesus resolve voltar para Nazaré quando é dispensado pelo pastor: “Não aprendeste nada, vai” (SARAMAGO, 1991, p. 265). A caminhada de volta a sua casa é dolorosa, pois seus pés estão feridos. Ao passar pela cidade de Magdala, uma das feridas se agrava, e Jesus não vê outra solução a não ser pedir ajuda na casa mais próxima. Uma mulher aparece, quando ouve Jesus chamando pelo morador da casa. Essa mulher, como nos informa o narrador, exibe um ar de surpresa, já que está habituada a que um homem lhe entre na casa sem bater: “pois esta mulher é uma prostituta e o respeito que deve à sua profissão manda-lhe que feche a porta de casa quando recebe um cliente” (SARAMAGO, 1991, p. 277). Não há da parte de Jesus indicação de preconceito ou aversão explícita a esta mulher pelo fato de ser ela uma prostituta, como seria esperado de um homem da sua época:

Entre os estereótipos femininos construídos dentro de um contexto patriarcal, no qual a mulher é colocada em posição de submissão e inferioridade ao homem em todos os níveis, o da prostituta é um dos mais marcantes e perenes. Sua forte carga negativa segue até os dias atuais, estigmatizando as mulheres que são a ele associadas, sempre polarizando e perpetrando a divisão mulher boa e pura - mulher má e pecadora. Na Bíblia, por exemplo, livro sagrado das religiões judaica e cristã — culturas nitidamente patriarcais — essa divisão é claramente definida e a figura da prostituta, sempre avaliada negativamente: ela é a mulher pecadora e demonizada, sua sexualidade é a causa dos males dos homens e da humanidade (LARANJEIRA *apud* FERRAZ, 2011, p. 49).

Longe desta negatização, cabe lembrarmos que “as primeiras prostitutas da história” eram as prostitutas sagradas (ROBERTS, 1998, p. 23). Como já mencionamos, antes do Deus dos Hebreus, nas sociedades que cultuavam a Deusa Mãe, o sexo era visto como algo sagrado e as sacerdotisas xamânicas encarregavam-se de orientar os rituais sexuais. Logo, naquela época, as mulheres controlavam sua própria sexualidade e fertilidade, de acordo com o período menstrual, uma vez que a “unidade básica da vida social era matrifocal, centralizada nas mães e seus filhos” (ROBERTS, 1998, p. 18). No século VI Antes da Era Cristã, *Adonai* entra em cena com força total e, através de profetas, como Oséias e Ezequiel, ordena a suspensão de cerimônias em honra de Asherah — a deusa da fertilidade de Canaã⁸¹ —, e a destruição de uma casa de prostitutas sagradas⁸². Em síntese, Russell (2015, p. 114-115) nos conta que:

No início a prostituta era uma sacerdotisa dedicada a um deus ou uma deusa, e, quando satisfazia o estrangeiro que estava de passagem, ela estava realizando um ato de adoração. Naquela época ela era tratada com respeito e, embora a usassem, os homens a reverenciavam. Os patriarcas [...] escreveram páginas e páginas criticando o sistema, que, segundo eles, revelava a sensualidade do culto pagão e sua origem nas artimanhas de Satanás. Os templos foram fechados e a prostituição se tornou por toda parte o que já havia se tornado em inúmeros lugares, uma instituição comercial baseada no lucro.

Com o aumento da força patriarcal, o poder feminino, que emanava da Deusa Mãe, tanto humano quanto divino, foi suprimido, e as prostitutas sagradas perderam pouco a pouco o seu papel religioso e ritualístico⁸³. O narrador saramaguiano retoma a veneração e a força do *status* da prostituta para apresentar ao leitor a mulher que guiará o Cristo pelo mundo do corpo e do espírito. Além disso, no *contraevangelho*, Maria de Magdala é prostituta porque deseja ser livre dos padrões judaicos, livre de um Deus que parece odiar as mulheres. É um ato de rebeldia, e não concupiscência. Para ela, era preferível viver à margem dessa sociedade judaica, sendo uma mulher desprezada e estigmatizada como prostituta, mas a salvo da opressão que aniquilava a mulher judia como indivíduo. Então, voltemos ao encontro dos dois:

Jesus, que estava sentado no chão, comprimindo a desatada ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava, *Ajuda-me*, disse, e, tendo segurado a mão que ela lhe estendia, conseguiu pôr-se de pé e dar uns passos, coxeando.

⁸¹ Ela é chamada de Rainha do Céu (Cf. **Jeremias** 7, 18-19). Em tradições antigas do século IX Antes da Era Cristã, o deus Javé tinha a deusa Asherah como esposa, mas, através de Josias, rei de Judá, Javé assumiria o posto de único deus, o *Adonai* (LOPES, 2010, p. 24).

⁸² Cf. **Oséias** 4, 11-19; **Ezequiel** 8, 2-18; **2 Reis** 23, 4-7.

⁸³ Na Índia, a transição da prostituição religiosa para a prostituição comercial ainda não se completou inteiramente (RUSSELL, 2015, P.115).

Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato-te dessa ferida. (SARAMAGO, 1991, p. 277-278, grifos nossos).

Esta é a primeira inversão da tradicional ideia cristã, que acredita que Jesus tenha ajudado Maria Madalena, e não o contrário, como José Saramago expõe:

A mulher ajudou-o a entrar para o pátio, trancou a porta e fê-lo sentar-se, Espera, disse. Foi dentro e voltou com uma bacia de barro e um pano branco. Encheu de água a bacia, molhou o pano e, ajoelhando-se aos pés de Jesus, sustendo na palma da mão esquerda o pé ferido, lavou-o cuidadosamente, limpando-o da terra, amaciando a crosta estalada através da qual surdia, com o sangue, uma matéria amarela, purulenta, de mau aspecto. Disse a mulher, Não vai ser com água que te curarás, e Jesus disse, Só te peço que me ates a ferida de modo a poder chegar a Nazaré, depois lá me trato [...]. Daqui a Nazaré ainda tens muito que andar, mas se é assim que queres, espera só que te ponha um unguento, disse a mulher, e entrou em casa, onde iria demorar-se um pouco mais que antes (SARAMAGO, 1991, p. 278).

Diferente daquilo que o **Evangelho segundo Lucas**⁸⁴ possa indicar, relatando um *status* de ex-possessa, o *contraevangelho* sugere que é Maria de Magdala que cura Jesus. No romance, é Jesus que está enfermo, e será ela que aliviará o Cristo de seus males, tornando-se a mediadora do sofrimento dos Homens, pois, é também neste momento que, ao lavar os pés de Jesus, Maria de Magdala demonstra sua humildade e sua capacidade de doar-se totalmente aos que carecem de amparo. Curiosamente, o rito do lava-pés foi instituído pela Igreja como um *mandatum*⁸⁵, isto é, um mandamento do amor fraternal que compromete todos aqueles que são discípulos de Jesus, então, essa cena não só inscreve Maria de Magdala como a primeira discípula, disposta a ajudar esse Jesus desesperado, como também já situa o leitor sobre a força desse amor que os unirá até a cruz. Porém, não nos adiantemos nesses temas, voltemos a esmiuçar o primeiro encontro dos dois.

Enquanto aguarda o retorno de Maria de Magdala, Jesus olha ao redor e fica surpreso com a limpeza e arrumação do lugar, pois os pensamentos judaicos de sujeira e impureza de uma mulher *sexualmente ativa* vem à tona, fazendo-o lembrar dos ditames dados aos homens judeus no que se refere ao contato com prostitutas: “Foge do encontro duma mulher leviana, para não caíres nas suas ciladas [...] Nunca te entregues às prostitutas, para não perderes a ti e aos seus

⁸⁴ “[...] os doze iam com ele, assim como algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e de doenças: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios [...]” (LOURENÇO, 2017, p. 252).

⁸⁵ Nas cerimônias de lava-pés, entoa-se: “*Mandatum novum do vobis, ut diligatis invicem, sicut dilexi vos, dicit Dominus*” em referência ao capítulo 13, do **Evangelho segundo João**: “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, tal como eu vos amei [...]. Nisso se reconhecerão todos que sois meus discípulos, se amor tiverdes entre vós” (LOURENÇO, 2017, p. 384).

haveres” (SARAMAGO, 1991, p. 279). Afinal, certo era que aquela mulher fosse prostituta: “Não havia dúvida, a túnica, mesmo para um leigo, era de prostituta, o corpo de bailarina, o riso de mulher leviana” (SARAMAGO, 1991, p. 279). Mesmo assim, nada indicava que houvesse nela algo de sujo. Quando a mulher retorna ao pátio, Jesus percebe que está fascinado por ela:

A mulher reapareceu com um pequeno boião e vinha a sorrir como se alguém, dentro de casa, lhe tivesse contado uma história divertida. Jesus via-a aproximar-se, mas, se os olhos o não estavam enganando, ela vinha muito devagar, como acontece às vezes nos sonhos, a túnica movia-se, ondulava, modelando ao andar o balanço rítmico das coxas, e os cabelos pretos da mulher, soltos, dançavam-lhe sobre os ombros como o vento faz às espigas da seara (SARAMAGO, 1991, p. 279).

No mesmo momento em que ela cobria a ferida do pé dele com unguento, perguntou seu nome: “Jesus, foi o que respondeu, e não disse de Nazaré, porque já antes o tinha declarado, como ela, por ser aqui que vivia, não disse de Magdala, quando, ao perguntar-lhe ele por sua vez o nome, respondeu que Maria” (SARAMAGO, 1991, p. 280). E, antes de seguirmos, é pertinente fazer um adendo sobre essa troca de nomes, pois, curiosamente, no mundo semita⁸⁶, considera-se que a pessoa é o seu nome, isto é, dizer o nome de alguém significa elucidar a sua identidade: Jesus é a versão em português do grego *Iesous*, que é a forma contraída do hebraico *Yehoshu'a*, que se traduz no Português como “Josué”, equivalente a Jesus em significado — “deus é salvação”, refletindo uma aproximação do homem com o divino, algo muito comum na comunidade judaica. Por sua vez, Maria pode ser um derivado aramaico de *mara*, que significa “mulher”, “dama”, mas que teria origem egípcia na partícula *mry*, que é “amar”; em hebraico, o equivalente é *Myriam* — “senhora soberana”. No *contraevangelho*, Jesus é curado por Maria, o que nos leva a pensar que a salvação dele veio através do amor desta mulher, não de um deus, mas de uma senhora soberana de si. Na próxima subseção, voltaremos a averiguar etimologias, por isso fechamos aqui esse desvio pretensioso para darmos continuidade à análise do encontro, já que,

Com tantos movimentos e observações, acabou Maria de Magdala de fazer o penso ao dorido pé de Jesus, rematando-o com uma sólida e pertinente atadura, Aí tens, disse ela, Como te devo agradecer, perguntou Jesus, e pela primeira vez os seus olhos tocaram os olhos dela, negros, brilhantes como carvões de pedra, mas onde perpassava, como uma água que sobre água corresse, uma espécie de voluptuosa velatura que atingiu em cheio o corpo secreto de Jesus.

⁸⁶ Relativo ao grupo étnico e linguístico ao qual se atribui a personagem Sem como ancestral, e que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes.

A mulher não respondeu logo, olhava-o, por sua vez, como se o avaliasse, a pessoa que era, que de dinheiros bem se via que não estava provido o pobre moço, e por fim disse, Guarda-me na tua lembrança, nada mais, e Jesus, Não esquecerei a tua bondade, e depois, enchendo-se de ânimo, Nem te esquecerei a ti, Porquê, sorriu a mulher, Porque és bela, Não me conhecestes no tempo da minha beleza, Conheço-te na beleza desta hora. O sorriso dela esmoreceu, extinguiu-se, Sabes quem sou, o que faço, de que vivo, Sei, Não tiveste mais que olhar para mim e ficaste a saber tudo, Não sei nada, Que sou prostituta, Isso sei, Que me deito com homens por dinheiro, Sim, Então é o que eu digo, sabes tudo de mim, Sei só isso. A mulher sentou-se junto dele, passou-lhe suavemente a mão pela cabeça, tocou-lhe na boca com a ponta dos dedos, Se queres agradecer-me, fica este dia comigo, Não posso, Porquê, Não tenho com que pagar-te, Grande novidade, Não te rias de mim, Talvez não creias, mas olha que mais facilmente me riria de um homem com a bolsa cheia, Não é só a questão do dinheiro, Que é, então. Jesus calou-se e voltou a cara para o lado. (SARAMAGO, p. 280-281).

Um silêncio toma conta do recinto, pois Jesus não conhecia mulher, e isso o envergonha, porém, com o coração pulsando forte e rápido, ele recita as únicas palavras belas que conhecia sobre as mulheres⁸⁷: “Os teus cabelos são como um rebanho de cabras descendo das vertentes pelas montanhas de Galaad [...] Os teus olhos são como as fontes de Hesebon, junto à porta de Bat-Rabim” (SARAMAGO, 1991, p. 281). Maria de Magdala apenas sorri diante das palavras de Jesus. É notável que ela se sente atraída pelo rapaz de Nazaré e está consciente do efeito que exerce sobre ele, mas aguarda. Por fim, voltando o rosto para Maria, Jesus afirma não conhecer mulher. Com isso,

Maria segurou-lhe as mãos, Assim temos de começar todos, homens que não conheciam mulher, mulheres que não conheciam homem, um dia o que sabia ensinou, o que não sabia aprendeu, Queres tu ensinar-me, Para que tenhas de agradecer-me outra vez, Dessa maneira, nunca acabarei de agradecer-te, E eu nunca acabarei de ensinar-te (SARAMAGO, 1991, p. 281).

É perceptível que Maria de Magdala guiará o Cristo pelos caminhos do corpo — mestra e aprendiz —, não havendo um contrato entre profissional e cliente, haverá só sentimento. Ela será paciente e carinhosa, já que Jesus estará dependente dos cuidados dela mais uma vez. Como no evento da cura, ela assumirá uma posição de superioridade e, no aspecto sexual, conduzirá tudo, ensinando a Jesus o que fazer e como fazer:

Maria parou ao lado da cama, olhou-o com uma expressão que era, ao mesmo tempo, ardente e suave, e disse, És belo, mas para seres perfeito, tens de abrir os olhos. Hesitando, Jesus abriu-os, imediatamente os fechou, deslumbrado, tornou a abri-los e nesse instante soube o que em verdade queriam dizer

⁸⁷ **Cântico dos Cânticos** é uma pequena coleção de hinos nupciais eróticos, atribuída ao rei Salomão.

aquelas palavras do rei Salomão, As curvas dos teus quadris são como jóias, o teu umbigo é uma taça arredondada, cheia de vinho perfumado, o teu ventre é um monte de trigo cercado de lírios, os teus dois seios são como dois filhinhos gémeos de uma gazela, mas soube-o ainda melhor, e definitivamente, quando Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos, puxando-as para si, as fez passar, lentamente, por todo o seu corpo, os cabelos e o rosto, o pescoço, os ombros, os seios, que docemente comprimiu, o ventre, o umbigo, o púbis, onde se demorou, a enredar e a desenredar os dedos, o redondo das coxas macias, e, enquanto isto fazia, ia dizendo em voz baixa, quase num sussurro, Aprende, aprende o meu corpo. Jesus olhava as suas próprias mãos, que Maria segurava, e desejava tê-las soltas para que pudessem ir buscar, livres, cada uma daquelas partes, mas ela continuava, uma vez mais, outra ainda, e dizia, Aprende o meu corpo, aprende o meu corpo. Jesus respirava precipitadamente, mas houve um momento em que pareceu sufocar, e isso foi quando as mãos dela, a esquerda colocada sobre a testa, a direita sobre os tornozelos, principiaram uma lenta carícia, na direção (*sic*) uma da outra, ambas atraídas ao mesmo ponto central, onde, quando chegadas, não se detiveram mais do que um instante, para regressarem com a mesma lentidão ao ponto de partida, donde começaram o movimento. Não aprendeste nada, vai-te, dissera Pastor, e quiçá quisesse dizer que ele não aprendera a defender a vida. Agora Maria de Magdala ensinara-lhe, Aprende o meu corpo, e repetia, mas doutra maneira, mudando-lhe uma palavra, Aprende o teu corpo, e ele aí o tinha, o seu corpo, tenso, duro, erecto (*sic*), e sobre ele estava, nua e magnífica, Maria de Magdala, que dizia, Calma, não te preocupes, não te movas, deixa que eu trate de ti, então sentiu que uma parte do seu corpo, essa, se sumira no corpo dela, que um anel de fogo o rodeava, indo e vindo, que um estremecimento o sacudia por dentro, como um peixe agitando-se, e que de súbito se escapava gritando, impossível, não pode ser, os peixes não gritam, ele, sim, era ele quem gritava, ao mesmo tempo que Maria, gemendo, deixava descair o seu corpo sobre o dele, indo beber-lhe da boca o grito, num sôfrego e ansioso beijo que desencadeou no corpo de Jesus um segundo e interminável frémito (SARAMAGO, 1991, p. 282-283).

Por oito dias, a mulher de Magdala assume o posto que fora por quatro anos do Pastor, que tentava ensinar Jesus sobre a vida: ela “serviu e ensinou o rapaz de Nazaré que, não a conhecendo nem de bem nem de mal, lhe viera pedir que o aliviasse das dores e curasse das chagas que, mas isso não o sabia ela, tinham nascido doutro encontro, no deserto, com Deus” (SARAMAGO, 1991, p. 283). No romance, Maria Madalena será a mulher capaz de remendar as chagas que Deus abre, ela cuidará das dores de Jesus até o calvário. “Digo-te que Maria de Magdala estará ao pé de ti, prostituta ou não, quando precisares dela” (SARAMAGO, 1991, p. 287), afirmaria para ele. De todo modo, por amor a Jesus, ela não será mais prostituta, afinal, o fato de ser prostituta era algo anterior a ele, a partir do momento em que o conhecera, não se sentiu mais como uma:

O homem que repousava a seu lado era, sabia-o, aquele por quem tinha esperado toda a vida, o corpo que lhe pertencia e a quem o seu corpo pertencia, virgem o dele, usado e sujado o dela, mas há que ver que o mundo tinha começado, o que se chama começar, faz apenas oito dias, e só esta noite é que

se achou confirmado, oito dias é nada se os compararmos a um futuro por assim dizer intacto, de mais sendo tão novo este Jesus que me apareceu, e eu, Maria de Magdala, eu aqui estou, deitada com um homem, como tantas vezes, mas agora perdida de amor e sem idade (SARAMAGO, 1991, p. 288).

O relacionamento dos dois está alicerçado na reciprocidade: Maria o curara da chaga do pé, ele a curara de uma vida sem amor, ela lhe ensinara a conhecer mulher, ele lhe ensinara como amar. No momento da partida, “Jesus e Maria de Magdala despediram-se com um abraço que parecia não ter fim” (SARAMAGO, 1991, p. 290). Após quatro anos e oito dias longe de casa, Jesus voltará para Nazaré, deixando Magdala e sua mestra, como “aquele que perguntou no Templo, aquele que contemplou horizontes, aquele que encontrou Deus, aquele que conheceu o amor da carne e nele se reconheceu homem” (SARAMAGO, 1991, p. 292), mas retornará dois dias depois, para obter da mulher de Magdala o que não conseguira com sua família:

O que pensava, enquanto, voltadas as costas a Nazaré, ia descendo a primeira encosta da montanha, era bem mais simples e melancólico, se também Maria de Magdala não acreditaria nele. Este homem, que traz em si uma promessa de Deus, não tem outro sítio aonde ir se não a casa duma prostituta. Não pode regressar ao rebanho, Vai-te, disse-lhe Pastor, nem tornar à sua própria casa, Não te cremos, disse-lhe a família, e agora os seus passos hesitam, tem medo de ir, tem medo de chegar, é como se estivesse novamente no meio do deserto, Quem sou eu, [...] (SARAMAGO, 1991, p. 303)

É em Maria de Magdala que Jesus vai buscar todas as respostas e, também o que mais deseja, a confiança dela no que ele tem para dizer:

Estavam sentados no chão, frente a frente, com uma luz no meio, o que sobrava da comida. Jesus tomou um pedaço de pão, partiu-o em duas partes, e disse, dando uma delas a Maria, Que este seja o pão da verdade, comamo-lo para que creiamos e não duvidemos, seja o que for que aqui dissermos e ouvirmos, Assim seja, disse Maria de Magdala. Jesus acabou de comer o pão, esperou que ela terminasse também, e disse, pela quarta vez, as palavras, Eu vi Deus. Maria de Magdala não se alterou, apenas as mãos que tinha cruzadas no regaço se moveram um pouco, e perguntou, Era isso o que tinhas para dizer-me se nos voltássemos a encontrar, Sim, e mais quanto me aconteceu desde que de casa saí, há quatro anos, que estas coisas me parece que estão todas ligadas umas às outras, mesmo não sabendo eu explicar porquê nem para quê, Sou como a tua boca e os teus ouvidos, respondeu Maria de Magdala, o que disseres estarás a dizê-lo a ti mesmo, eu apenas sou a que está em ti. Agora Jesus já pode começar a falar, porque ambos comeram do pão da verdade, e em verdade não são muitas na vida as horas como esta (SARAMAGO, 1991, p. 308).

Nesta cena, que evoca a Santa Ceia, Madalena torna-se a precursora dos apóstolos, pois, não há, no romance, a última ceia com os apóstolos descrita nos evangelhos oficiais, assim, ela é a única a partilhar com Jesus o pão da verdade, da vida e da salvação. Evidentemente, Maria de Magdala será a primeira a acreditar na relação de Deus com Jesus, ela é a primeira discípula e, conseqüentemente, a primeira apóstola. Porém, uma vez crente, deseja não acreditar para não ter que viver com Jesus as coisas terríveis que o esperam:

E como podes saber tu que me esperam coisas terríveis, Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as suas preferências como os seus desprezos, Onde foste buscar tão estranha ideia, Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com o desprezo de Deus, e agora vais ter de ser muito mais que um homem para viveres e morreres como seu eleito (SARAMAGO, 1991, p. 309).

Maria de Magdala acompanhará Jesus pelos percalços e turbulências propostos por esse “Deus medonho”, que controla, vigia, porque não voltará atrás com sua promessa de estar com Jesus onde quer que ele estivesse. Compromisso feito no primeiro encontro e reafirmando neste segundo:

E agora, que pensas fazer, perguntou ela, Dissestes que irias comigo para onde eu fosse, Disse que estaria contigo onde tu estivesses, Qual a diferença, Nenhuma, mas podes ficar aqui pelo tempo que quiseres, se não te importa viver comigo na casa onde fui prostituta. Jesus pensou, ponderou, finalmente disse, Buscarei trabalho em Magdala e viveremos como marido e mulher, Prometes demasiado, já é bastante que me deixes estar ao pé de ti (SARAMAGO, 1991, p. 310).

A vida em Magdala não vinga e Jesus e Maria de Magdala partem para a borda do mar, onde Jesus ajudará os pescadores. Nesta parceria, Maria torna-se a boca e os ouvidos de Jesus e *vice-versa*. Desde o segundo encontro, não havia segredos entre eles, só transpiravam a verdade. Nas palavras de Jesus: “Não há na minha alma um pensamento que não conheças, [Maria]” (SARAMAGO, 1991, p. 322). Antes que os barcos saíssem para a pesca, Jesus dizia: “Vamo-nos, Maria, [...] os cardumes reúnem-se, é tempo de ceifar esta seara” (SARAMAGO, 1991, p. 324-325), e ela o acompanhava. Caso alguém perguntasse a identidade daquela mulher, como acontece quando seus irmãos querem saber o que dizer à mãe, Jesus é sucinto: “Diz-lhe que está comigo e se chama Maria” (SARAMAGO, 1991, p. 325). Por caminharem sempre juntos, os curiosos não parariam de questionar, e esse nome não parava de ecoar entre as colinas e o mar: Maria, a amada. Discípula. Companheira.

Não demorará para Maria de Magdala encarnar todas as funções necessárias para cuidar de Jesus. Jamais poderia doar-se em partes, para ela, quando se ama, era tudo ou nada. Certo dia, “sentada na pedra, à espera de que Jesus volte da pescaria, Maria de Magdala pensa em Maria de Nazaré” (SARAMAGO, 1991, p. 330). As duas eram Marias, mas, caso Jesus viesse a faltar, as dores seriam diferentes — a primeira, perderia o homem, a outra, o filho. Ciente de que Jesus não voltaria mais para a mãe, ela pensou no sofrimento que é perder um filho, pensou na dor de Maria de Nazaré, que já devia guardar para si amarguras diversas. Nesse momento, desejou: “Senhor, dá-me, juntas, as duas dores, se tiver de ser” (SARAMAGO, 1991, p. 331). Assim,

quando o barco se aproximou e foi puxado para terra, quando os cestos carregados de peixe escorrendo começaram a ser transportados, quando Jesus, com os pés na água, ajudava ao trabalho e ria como uma criança, Maria de Magdala viu-se a si mesma como se fosse Maria de Nazaré e, levantando-se donde estava, desceu até à borda do mar, entrou na água para estar com ela e disse, depois de beijá-lo no ombro, Meu filho. Ninguém ouviu que Jesus tivesse dito, Minha mãe, pois já se sabe que as palavras proferidas pelo coração não têm língua que as articule, retém-nas um nó na garganta e só nos olhos é que se podem ler (SARAMAGO, 1991, p. 331).

Durante todo o *contraevangelho*, as duas Marias só vão se encontrar uma única vez, no evento bíblico conhecido como Bodas de Caná, que, na obra, será o casamento da cunhada de Lísia, irmã de Jesus. No encontro, apesar do narrador saramaguiano polarizá-las ao longo de toda a narrativa, não há entre elas inimizade ou aversão, antes uma inesperada cumplicidade. Existe uma aura de compreensão entre as duas:

Maria de Magdala foi atrás dele [Jesus], passou ao lado de Maria de Nazaré, e as duas mulheres, a honesta e a impura, num relance, olharam-se sem hostilidade nem desprezo, antes com uma expressão de mútuo e cúmplice reconhecimento que só aos entendidos nos labirínticos meandros do coração feminino é dado compreender (SARAMAGO, 1991, p. 344).

Não haverá no *contraevangelho* o abismo que a tradição cristã instituiu entre a santa e a pecadora. Neste encontro, a polarização estereotipada do narrador as funde. Mesmo andando por caminhos distintos, as duas — Nazaré e Magdala — sentem-se unidas na sua condição de mulher e no seu amor por Jesus. Esse é o momento em que o narrador aproveita para retirar a mãe de Jesus da trama, convidando Maria de Magdala para assumir esse papel. Maria, a mãe, ciente de que falhara completamente com sua missão de criar e acompanhar o filho, desaba pela candura de Maria de Magdala e, em uma atitude rara, toma a iniciativa do seguinte diálogo:

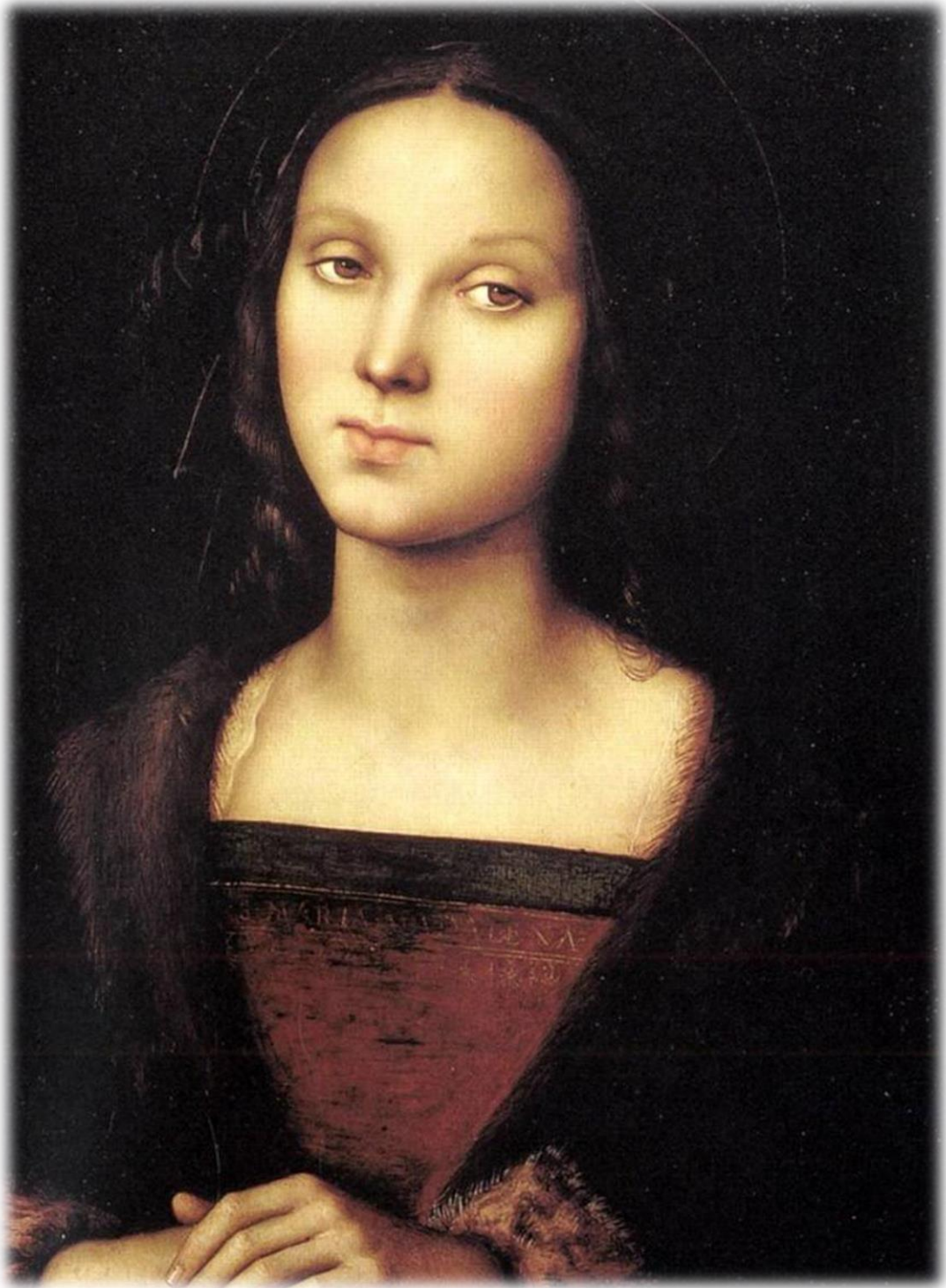
[...] cruzava-se com Maria de Magdala; trocavam o mesmo olhar, porém, não falavam, até que a mãe de Jesus fez à outra sinal para chegar-se a um recanto do pátio, e disse-lhe sem preâmbulos. Cuida do meu filho, que um anjo me disse que o esperam grandes trabalhos, eu não posso nada por ele, Cuidarei defendê-lo-ia com a minha própria vida se ela merecesse tanto (SARAMAGO, 1991, p. 334).

Além de discípula e companheira de Jesus, Maria de Magdala assume a missão de ser a sua mãe. Maria de Magdala aceita ser mãe de uma *boa-nova* — representada por Jesus. Nesse exercício de autoridade apostólica, ela cuida, conduz e instrui Jesus. O narrador, a partir disso, a convida ao palco a fim de conduzir o espetáculo ao lado do Deus dominador, numa tentativa de equilibrar forças até o ato final: A Cruz. Sem o poder de assumir o lugar de Jesus, Maria de Magdala aconselha-o durante toda a jornada e, em certo momento, consegue uma *vitória limpa*, fazendo Jesus repensar nos disparates desse Deus, que só quer usá-los. Em uma das passagens mais dramáticas do *contraevangelho*, o narrador ratifica o poder dela. Por exemplo, quando o milagre da ressurreição de Lázaro estava para ocorrer, porque assim Deus ordenava, Maria de Magdala “põe uma mão no ombro de Jesus e diz, Ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes, então Jesus deixou cair os braços e saiu para chorar (SARAMAGO, 1991, p. 428). Para a tradição cristã, Jesus fez 31 milagres. No caso do *contraevangelho*, através da intercessão de Maria de Magdala em nome de Lázaro, ou seja, em defesa desse homem mortal, Jesus só realizou trinta, pois, num dos mais conhecidos, “saiu para chorar” depois das sábias palavras dela. Jesus respeitara o ato e o conselho de Maria de Magdala e a compreendeu totalmente. Afinal, no jogo a fim de poder desse Deus do *contraevangelho*, todos são forçados a ser marionetes, e aqueles que escapam dessas vicissitudes violentas, como Maria de Magdala, podem resistir e lutar pela vida. A partir disso, as palavras do Pastor — “Não aprendeste nada, vai” (SARAMAGO, 1991, p. 265) — faziam sentido agora, uma vez que, através de Maria de Magdala, Jesus enfim apendeu:

Nessa noite, na intimidade da tenda em que dormia com Maria de Magdala, Jesus disse, Eu sou o pastor que, com o mesmo cajado, leva ao sacrifício os inocentes e os culpados, os salvos e os perdidos, os nascidos e os por nascer, quem me libertará deste remorso, a mim que me vejo, hoje, como meu pai naquele tempo, mas ele é por vinte vidas que responde, e eu por vinte milhões. Maria de Magdala chorou com Jesus e disse-lhe, Tu não o quiseste, Pior é isso, respondeu ele, e ela, como se desde o princípio conhecesse, por inteiro, o que, aos poucos, temos vindo nós a ver e a ouvir, Deus é quem traça os caminhos e manda os que por eles hão-de seguir, a ti escolheu-te para que abrisses, em seu serviço, uma estrada entre as estradas, mas tu por ela não andarás, e não construirás um templo, outros o construirão sobre o teu sangue e as tuas entranhas, portanto melhor seria que aceitasses com resignação o destino que

Deus já ordenou e escreveu para ti, pois todos os teus gestos estão previstos, as palavras que hás-de dizer esperam-te nos sítios aonde terás de ir, aí estarão os coxos a quem darás pernas, os cegos a quem darás vista, os surdos a quem darás ouvidos, os mudos a quem darás voz, os mortos a quem poderias dar vida, Não tenho poder contra a morte, Nunca o experimentaste, Já, sim, mas a figueira não ressuscitou, O tempo, agora, é outro, tu estás obrigado a querer o que Deus quer, mas Deus não pode negar-te o que tu queiras, Que me liberte desta carga, não quero mais, Queres o impossível, meu Jesus (SARAMAGO, 1991, p. 404-405).

Ao não conseguir dizer “não” para esse Deus no deserto (p. 262-4), Jesus aceitou fazer parte do jogo e agora não tinha mais possibilidade de escolher um destino, nada mais do que viesse a fazer provocaria anulação do pacto, até mesmo a tentativa de negar “ser filho de Deus” e se dizer “rei dos Judeus” não resolveria (p. 436-443). No fim do *contraevangelho*, com Jesus já na cruz — “agora não há mais nada a fazer, é só esperar a morte” (p. 444) —, Maria está com outras mulheres que também o acompanhavam, porém, só ela será nomeada e identificada por todos que por ali passarem, afinal, é a única mulher disposta a ficar no lugar de Jesus, caso esse Deus não desprezasse tanto as mulheres. É a Maria que o curou, o ensinou, o conduziu e, mais importante, Maria que aprendeu a amar e foi amada. É a Maria que denunciou o jogo violento de Deus e resistiu diante de malabarismos megalomaniacos disfarçados de milagres; a Maria que amou Jesus e, desse modo, aprendeu a amar os Homens, desejando carregar todos os seus fardos. À vista disso, não há como atrapalhar-se, “apenas uma mulher que tivesse amado tanto quanto imaginamos que Maria Madalena amou poderia olhar desta maneira” para Jesus (p. 16).



MARIA MADALENA

Pietro Perugino

3.3 As boas-novas de Maria Madalena

Trata-se, talvez, da consciência muito clara, enfim, muito viva, que no fundo no fundo, nós somos feitos de papel. Quer dizer, cada um de nós é muito mais feito de papel do que de carne e osso. E digo que somos feitos de papel porque somos feitos das leituras que fizemos. Então, parece-me um erro, de certa maneira, parece-me erro dividir, digamos, a vida entre o que é realidade, o que chamamos de realidade — as pessoas que estão por aí, nós próprios aqui todos juntos — e esse outro universo feito de palavras, de personagens, de livros, de páginas. Tudo isso, no fundo, tem, às vezes tem, creio que tem, eu diria que tem sempre, ou pelo menos tem mais fortemente em muitos casos, tem mais influência em nós do que a própria realidade, isso que chamamos de realidade. Portanto, se nos meus livros de fato há o apelo constante a esses seres de papel, para encontrar outros seres de papel, outros, em primeiro lugar o autor, e depois outros seres de papel, que são os leitores, é por uma razão muito simples: é que eu não separo isso que chamamos de realidade dessa outra realidade fictícia, que é a da imaginação, que é a da invenção, e a ambas eu vejo embrechadas uma na outra. [...] Então, toda essa, digamos, todo este imbricamento entre o que é fictício e o que é real, julgo eu, é o que passa pelos meus livros.

JOSÉ SARAMAGO

“Isto não é um cachimbo”⁸⁸ — É o que se lê embaixo da imagem de um cachimbo em um quadro de 1929 do surrealista belga René Magritte, conhecido como **A Traição das Imagens**⁸⁹. A priori, precisamos considerar que a pintura tem razão: o que ali se exhibe não é um cachimbo, mas uma representação dele. Todavia, apesar de todas as evidências e do pronto aviso irônico do pintor, quando voltarmos a olhar o quadro ou quando dele lembrarmos, por impulso, vamos continuar a afirmar que “isto/aquilo é um cachimbo”, mesmo que, curiosamente, não possamos inserir tabaco no forninho, acender com um fósforo ou isqueiro, e tragá-lo. Ou podemos? É bem verdade que não nos ateremos nessas miudezas, primeiro, porque Foucault (1988) já as escavou, segundo, pelo fato de estarmos interessados unicamente na provocação. Isto é, iniciamos esta subseção desta forma, porque o mesmo parece acontecer com a personagem literária: o ilustre ser ficcional por natureza, ou ainda como apelidou Saramago (1999, p. 9), um ser de “papel e de tinta”.

⁸⁸ *Ceci n'est pa une pipe.*

⁸⁹ Michel Foucault faz uma brilhante análise desta obra de Magritte em: **Isso é um cachimbo?** (1988).

Há que se dizer que as personagens não se findam nessas demarcações da ficção. Algumas delas atingem uma densidade tão profunda que poucas não serão as vezes que também diremos “esta/aquela pessoa existe” ou ainda quando vamos ao *shopping* ou ao mercadinho da esquina e encontramos determinada pessoa e, pelos seus trejeitos ou características físicas, diremos que ela é a personagem que acabamos de ver em determinado romance. E, às vezes, para tais seres ficcionais, fazemos julgamentos e outorgamos valores e deles falamos como se falássemos de seres de carne e osso. É possível citar, como exemplo: Hamlet, Capitu, Sherlock Holmes, Emma Bovary, Fabiano, Macabéa, e fiquemos por aqui para evitar extensões. Afinal, o importante é percebemos que os exemplos citados saltam para a externalidade do texto e são incorporados como arquétipos na memória coletiva devido à densidade que alcançam e a solidez que ocupam no interior da ficção — tais personagens, como tantas outras, deslizam da qualidade ficcional de personagem e se integram à noção real de indivíduos, visto que exercem “o papel semelhante ao de uma ponte entre a ficcionalidade em que está inserida e a realidade em que estamos inseridos” (NETO, 2012, p. 43). A conexão acontece porque:

os materiais que a constituem, tais como sua caracterização física — gestos, falas, trejeitos, cacoetes —, sua caracterização psíquica, as máscaras com as quais se veste para sua atuação, tudo, são recolhidas feitas pelo criador (direta ou indiretamente) na materialidade social e postas como traços, [...] atos, pensamentos, sentimentos, volições psíquicas, [o criador] leva para a narrativa os estilhaços das manifestações daquilo que nos rodeia (NETO, 2012, p. 43).

O que estamos dizendo serve para expor que a ficção, em numerosas ocasiões, estabelece uma relação tão próxima com o real empírico que se confunde com ele. Os leitores aderem aos fluxos de determinada personagem e, por analogia, estabelecem uma aproximação com alguma pessoa — de modo curioso, até meados do século XVIII, no interior da história da literatura, o conceito de personagem confunde-se com o de pessoa (SEGOLIN, 1978, *passim*). E não é ao acaso, já que não há texto literário que, ao ser concebido, não passe antes pelo âmago de uma rede de memória social; não há texto literário que não seja produto do trato com circunstâncias vividas e com as pessoas conhecidas ou observadas, elementos que serão filtrados pela fantasia criadora do autor:

O texto repercute em nós na medida em que revele marcas profundas de psiquismo, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, co-partícipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum (FILHO, 2007, p. 7-8).

Se podemos considerar a ficção como um reflexo da realidade, uma produção alternativa do real empírico — não “uma cópia da cópia” (COMPAGNON, 2006, p. 127) —, a personagem é um reflexo da pessoa, e mesmo que não consiga alcançar a complexidade do sujeito humano, torna-se uma produção alternativa de uma possível pessoa. E isso só é viável porque o criador deseja aproximar-se do real no qual ele se insere para construir personagens fundamentadas em tal estrutura. No caso do *contraevangelho*, José Saramago precisou assentar seu texto literário no relacionamento intertextual com os evangelhos canônicos, o Novo e o Velho Testamentos, os evangelhos apócrifos, expondo uma nua reinterpretação criativa da Bíblia, na qual caberia acalorar ideias principiadas por Ernest Renan, Nikos Kazantzakis, e tantos outros. Além do essencial suporte bíblico,

Saramago desenvolveu uma investigação sobre “a época, a história do tempo, o modo de viver, os costumes, a habitação, os trajos, a comida, isso tudo, sobre que ia assentar o meu edifício ficcional”. Lê então livros como **La sinagoga cristiana**, de Josep Torrens, ou **Jerusalém no tempo de Jesus**, de Joachim Jeremias. Consulta amigos judeus versados nessas questões, como Sam Lévy. Vai mesmo a Israel. Estuda materiais iconográficos como certas gravuras de Dürer, que lhe servirão como fonte de inspiração para a abertura da obra. O resto foi feito pela imaginação criadora do ficcionista (LOPES, 2010, p. 121).

Por esse motivo, a personagem saramaguiana Maria de Magdala servirá de norte para chegarmos à pessoa: Maria Madalena. Ela que, durante séculos, foi confundida com a adúltera absolvida por Jesus diante do templo (Jo 8: 3-11) e identificada com a pecadora da cidade que lhe ungiu os pés na casa do fariseu (Lc 7: 36-50). Como já averiguamos em subseção anterior, isso não passa de um falso histórico-teológico, já que os respectivos evangelhos não deixam claro, de modo algum, que essas mulheres anônimas sejam Maria Madalena, mas essa opinião, expressa pelo Papa Gregório, é aceita por muitos cristãos conservadores até hoje. Por isso, nos afastemos dessa biografia — cercada de fissuras — para podermos mergulhar nos escombros do cristianismo primitivo a fim de localizar a mulher de Magdala:

Quem era aquela mulher esquiva e fascinante no círculo em torno de Jesus de Nazaré? [...] Ela era, afinal, uma das seguidoras de Jesus, cuja riqueza ajudou a sustentá-lo, como diz o evangelho mais antigo do Novo Testamento, o Evangelho de Marcos? Uma louca que havia sido possuída por sete demônios, conforme Lucas afirma? Ou o discípulo mais próximo de Jesus, a quem ele amava mais do que a qualquer outro, como nos informa o Evangelho de Maria Madalena? Ou, nas palavras do Diálogo do Salvador, “a mulher que compreendia todas as coisas?” (PAGELS, 2006, p. 15).

Há tempos, historiadores e teólogos buscam compreender o verdadeiro papel de Maria Madalena ao lado de Jesus e na origem da maior religião do planeta. Com o grande avanço da arqueologia, nas últimas décadas, tornou-se viável traçar a possível vida da mulher que diz ter visto um homem erguer-se dos mortos. Até então, os quatro evangelhos do *cânon* bíblico eram a única base de estudo, mas com a descoberta dos textos chamados de apócrifos, os evangelhos alternativos, encontrados durante os anos de 1947 a 1956 na região de Qumran, localizada a 22 quilômetros a leste de Jerusalém, em Israel, um leque de possibilidades sobre o papel de Maria Madalena no início do cristianismo se abriu, permitindo o içar de conjecturas que parecem se incorporar muito mais naturalmente na concepção de realidade do que a história da prostituta arrependida — um mito perpetuado até hoje:

é assim que boa parte dos cristãos a conhece [...]: uma figura bela e promíscua. Uma mulher que, após uma vida de pecados, se lança aos pés de Jesus em busca de redenção. Essa história de arrependimento e iluminação é motivo de fascínio entre crentes e não crentes há gerações. Só tem um detalhe: *nada disso está nos evangelhos* [oficiais]. Uma série de documentos religiosos do início do cristianismo, inclusive, mostram uma Maria Madalena bem diferente: uma líder religiosa, superior aos próprios apóstolos de Cristo — e mais amada por Ele do que qualquer outra pessoa (LEONARDI, 2017, p. 29, grifo nosso).

Por meio de uma rápida checagem nas reminiscências do cristianismo, observaremos que o fato da personagem saramaguiana Maria de Magdala desempenhar um papel de importância no jogo de interesses entre Jesus e Deus não acontece de forma gratuita, muito da personagem tem base sólida. Maria Madalena é retratada em passagens que acreditamos serem decisivas nos evangelhos canônicos (Lc 8: 1-3, 23: 27-49, 24: 1-11; Mc 15: 40-47, 16: 1-8; Mt 27: 55-61, 28: 1-10; Jo 20: 1-18); é vista como uma liderança em muitos textos apócrifos de teor gnóstico⁹⁰, já que, como manifesta um deles, era “a mulher que entendia todas as coisas” (PAGELS, 2006, p. 20); é mencionada em alguns evangelhos alternativos — não aceitos pela ortodoxia cristã — em constante debate com Pedro sobre os mistérios e rumos da nova fé, além, é claro, de ter seu nome atribuído a um evangelho. Em razão de tudo isso — e como já vimos anteriormente —, é possível percebermos que a mulher de Magdala foi verdadeiramente uma figura profundamente gloriosa, mas que a Igreja não poderia permitir que desabrochasse. Por isso, afirmamos que a personagem Maria de Magdala é um reflexo alternativo da pessoa Maria Madalena, uma figura de enorme importância nos três primeiros séculos do cristianismo:

⁹⁰ **O Evangelho segundo João** também contém tal particularidade, e isso não o excluiu do cânon bíblico. O texto mostra “uma religiosidade mística, gnóstica e esotérica, quase oriental” (NOGUEIRA, 1996, p. 51).

[Um pouco antes de estourar a disputa pela autoridade da Igreja] muitos dos Pais da Igreja primitiva não tinham nenhum problema em identificar Maria Madalena em termos bem calorosos: “Apóstola dos Apóstolos” e “Iguar-aos-Apóstolos”, títulos que agora podem estar negligenciados no Ocidente, mas que permanecem como sua identificação fundamental no cristianismo oriental até os dias de hoje (WELBORN, 2006, p. 49-50).

Antes de enfrentarmos o jogo de espelhos, é importante destacarmos que, qualquer passo que dermos nessa direção, um elemento parece evidente: Maria Madalena é uma das mulheres mais emblemáticas do Novo Testamento, uma esfinge pejada de mistérios — quase tudo que foi dito sobre ela é puro mito (LEORNARDI, 2017, p. 29). E expomos isso como uma nota de advertência aos leitores que nos acompanham até agora, afinal nossa busca para solucionar alguns enigmas pode levar ao encontro de muito mais charadas do que soluções. Não podemos esquecer que uma série de eventos “gerou diversas imagens da pessoa” e, curiosamente, “a complexidade fugaz da vida que fez nascer” esses diversos reflexos permanece ativa até hoje (ZÉRAFFA, 2010, p. 106). De um lado, por quase dois mil anos, a mulher de Magdala habitou na imaginação de muitos cristãos como uma prostituta sedutora, do outro, na atualidade, a ficção moderna a exhibe como a esposa de Jesus e mãe de seus filhos, mesmo que as fontes mais antigas que discorrem sobre ela não apresentem, de forma alguma, nenhum desses papéis. O fato de optarmos por uma dessas imagens não invalida as outras possibilidades do ser Madalena, nossa escolha passa pelo escopo de que:

se nos identificamos tanto com determinadas personagens é porque elas muito dizem de nós; ela, de certo modo, são criações espelhares que ao refletir nossa imagem põe-nos diante desse reflexo, para dentro dele projetados, a ponto de, se não nos revela em nossa totalidade — porque isso parece insondável — revela-nos além de uma significativa parte do que somos, aquilo que deixamos de ser, e/ou que podemos vir nos tornar (NETO, 2012, p. 41-42).

Por isso, nossa escolha pela imagem Maria de Magdala é de caráter particular e passa por dois motivos: o primeiro, nosso apreço pela obra saramguiana e sua exposição cuidadosa sobre os costumes e hábitos da época, entregrando uma possibilidade questionável dos eventos, mas que, historicamente, em muitos momentos, não deixa de ser verossímil com os fatos do período em questão, convergindo para nossa tese de Maria Madalena não mais proscrita; o segundo, nosso entendimento de que grande parte das imagens construídas da pessoa Maria Mandalena — seja por objetivos escusos ou não —, não passa de *conspirações*, as quais não corroboramos por aversão às ideias e por carência de fundamento disponível (prostituta, adúltera, mãe dos filhos de Jesus, etc.). Nesta investigação, todo o cuidado é pouco, uma vez que:

Maria Madalena é como um teste de Rorschach do século XXI para atitudes em relação às mulheres, ao gênero, à sexualidade, à religião, ao cristianismo, ao Jesus histórico, à espiritualidade, ao conhecimento, à autodescoberta, à intuição, à sexualidade e ao que é verdadeiramente sagrado e profano no nosso mundo. A realidade é que Maria Madalena – como Jesus, Moisés, Buda, Confúcio e praticamente todos os ícones populares do credo religioso e da fé – se transformou em quem quer que nós queiramos que ela seja (BURSTEIN, 2006, p. 35).

Então, comecemos do início: Maria Madalena existiu? O problema de situar a Madalena histórica é que, fora das fontes cristãs, não há vestígios da mulher que acompanharia Jesus de Nazaré no movimento que iria alterar o curso da história humana, mas há uma saída para essa questão. De um lado, sabemos que Jesus foi seu contemporâneo, e sua vida como judeu e sua morte na cruz por sedição já são fatos comprovados⁹¹, do outro, já temos ciência de que as fontes mais antigas a respeito de Maria Madalena mesmo sendo testemunhos de fé são alicerçados “no que realmente aconteceu” (WELBORN, 2006, p. 17) ou, para sermos imparciais, no que cada comunidade cristã acreditava que tinha acontecido. Diante de tudo isso, é possível situá-la como contemporânea de Jesus, participante fiel do movimento e uma das testemunhas da crucificação, que, infelizmente,

Ao longo do tempo, [...] passou da condição de uma importante discípula, cujo *status* superior dependia da confiança que o próprio Jesus havia depositado nela, à condição de uma prostituta arrependida, cujo *status* dependia da carga erótica de sua história e da atribuição de sua consciência angustiada. [...] de uma mulher que desafiava as presunções misóginas dos homens a uma mulher que as confirmava (CARROL, 2006, p. 153).

Precisar quando exatamente Maria Madalena e Jesus de Nazaré se conheceram pode ser um tiro no escuro, porém é necessário correr alguns riscos nesta investigação para que possamos pelo menos chegar perto do alvo, e já temos muitos indícios arqueológicos para localizá-lo. Não quando, mas onde se conheceram. No romance, a personagem saramaguiana Maria de Magdala não nasceu na cidade de Magdala, somente mudou-se para esse local para iniciar uma vida livre e acabou adotando esse lugar como seu verdadeiro lar, e lá conheceu Jesus; historicamente, há uma tendência de ideias para assegurar que Maria Madalena nasceu em Magdala devido a forma como ela é identificada nos textos cristãos — como seu nome não está associado a nenhuma tutela masculina, uma mulher sem pertença, é possível presumir que, assim como acontece com

⁹¹ Há apenas dois fatos históricos efetivos sobre Jesus: o primeiro é que Jesus foi um judeu que liderou um movimento popular judaico na Palestina no início do primeiro século; o segundo é que Roma o crucificou por isso (ASLAN, 2013, p. 20).

outras pessoas da época⁹², o seu primeiro nome pode estar associado ao local de origem: Magdala, que foi uma pequena cidade do século I, localizada na costa ocidental do mar da Galileia, muito reconhecida devido às suas prósperas pescarias e à comercialização de peixes pelo Mediterrâneo, além, é claro, de ficar próxima de outras localidades — Cafarnaum era uma delas⁹³.

À vista disso, conectamos essas informações com um achado arqueológico: os escombros de uma antiga sinagoga em Magdala, voltada na direção de Cafarnaum. Na Galileia de Antipas, Magdala não era somente um ponto de convergência para negócios, também era um convite para todos os galileus adeptos da fé judaica que por ali passassem: Jesus era um deles. Nessa perspectiva, o **Evangelho segundo Marcos** relata que, quando Jesus pregava pela Galileia, por volta do ano 28 ou 30 E.C., Maria Madalena já o seguia e servia (LOURENÇO, 2017, p. 211). Por isso, Magdala é nosso ponto de referência mais confiável para o encontro dos dois; quando e como isso aconteceu já foge do escrutínio histórico e esbarra quase sempre em questões de fé, quiçá, imaginação — no entanto, há uma hipótese:

Ela provavelmente foi até ele sozinha, [...] possuída por demônios, as vestes em farrapos. Calculo que ela o tenha procurado em 25 E.C., após ele ter-se tornado conhecido na Galileia como um rabino que abria os braços para pessoas consideradas pecadoras e combatia os demônios que as atormentavam (CHILTON, 2006, p. 113).

Para forçar uma resposta, há quem prefira se valer do **Evangelho segundo Lucas**, no qual Maria Madalena é descrita como uma das mulheres que foi curada por Jesus e, como forma de agradecimento, o ajuda em seu ministério; chega a avisar que de Maria Madalena tinham saído “sete demônios” (LOURENÇO, 2017, p. 252) — essa é a única fonte cristã que cita tal situação. Acreditamos que a comunidade cristã que deu origem a esse texto já se perguntava quem era essa mulher e o motivo dela seguir Jesus, já que a presença dela era narrada em ocasiões cruciais da vida do nazareno. Os sete demônios serão vistos aqui como artifício literário para representar um estado de espírito antes e depois de estar com Jesus — notemos que, não ao acaso, o número sete significa totalidade, perfeição; associado ao negativo, recebe a carga inversa:

O sete [...] é o favorito da aritmologia bíblica. [...] ele sempre caracteriza a perfeição (na gnose, o pleroma), a divindade. [...] os hebreus também viam no número sete o símbolo da totalidade humana, ao mesmo tempo masculina e

⁹² Judas, em grego *Ioudas*, é uma helenização do nome hebraico *Yehudah*, palavra que significa “abençoado” ou “louvado”. Por sua vez, Iscariotes, em hebraico, é *ish Qeryoth*, termo que significa homem “de Queriote” (Jo 6: 71), pequena aldeia localizada na província romana da Judeia.

⁹³ Cafarnaum é a cidade sede da ação ministerial e evangelizadora de Jesus.

feminina [...] nos contos e lendas, este número expressaria os sete estados da matéria, os sete graus da consciência, as sete etapas da evolução: 1. Consciência do corpo físico [...] 2. Consciência da emoção [...] 3. Consciência da inteligência [...] 4. Consciência da intuição [...] 5. Consciência da espiritualidade [...] 6. Consciência da vontade [...] 7. Consciência da vida (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 828-831).

Alguns historiadores contemporâneos até defendem o lado pecadora de Maria Madalena, obviamente, longe de ser uma prostituta ou adúltera. Até porque, lembremos de que, antes de conhecer Jesus de Nazaré, Maria Madalena já poderia ter vida estabilizada em Magdala e, como todo mortal, tinha seus próprios “demônios” para exorcizar — na época, a palavra pecadora tinha significados diferentes. Por isso, retornamos a destacar que os “sete demônios”, citados unicamente pelo **Evangelho segundo Lucas**, podem não se referir a enfermidades ou entidades malignas, por sinal, interpretação muito corrente em doutrinas cristãs conservadoras, mas, num sentido simbólico, aos sete defeitos para uma vida plena, dos quais Maria Madalena libertou-se quando seguiu Jesus — no *contraevangelho*, por exemplo, Maria de Magdala terá também uma nova vida ao seguir Jesus, tornando-se sua companheira, discípula e orientadora.

E a pessoa Maria Madalena, o que se tornaria ao lado de Jesus? Chegamos em um ponto no qual devemos evitar imersões na obra saramaguiana. A partir de agora focaremos apenas na pessoa e acreditamos que os quatro evangelhos canônicos sejam nosso melhor ponto de partida, seguidos por alguns evangelhos alternativos — são nessas narrativas que as primeiras menções a ela ocorrem. Afinal,

antes das lendas, dos mitos e da especulação, e até mesmo antes dos best-sellers, havia alguma coisa a mais: os Evangelhos. A figura de Maria Madalena inspirou uma riqueza em obras de arte, de devoção e de caridade por toda a história do cristianismo, mas se quisermos realmente entendê-la, precisamos abrir os Evangelhos (WELBORN, 2006, p. 15).

Maria Madalena é descrita nos evangelhos oficiais, sempre citada, primeiramente, junto a várias mulheres que seguiam e colaboravam para sustentar Jesus durante suas andanças pela Palestina. Podemos perceber, na leitura dos quatro evangelhos, que Maria Madalena tem uma presença acentuada na história de Jesus, já que ela está nominalmente presente em algumas das passagens mais marcantes na vida dele, como: o Ministério, a Paixão e a Ressurreição. O nome dela lidera a lista de mulheres discípulas da mesma maneira que o nome Pedro encabeça a lista de discípulos masculinos:

É impossível determinar o motivo exato da preeminência constante de Maria Madalena, mas podemos imaginar que deve ter muito a ver com o importante

papel que desempenhou na ocasião da Ressureição, como também em reconhecimento à sua lealdade a Jesus (WELBORN, 2006, p. 18)

Poucos sabem que, no nome Maria Madalena, pode estar nitidamente expressa a missão e a vida dessa controvertida mulher que viveu no século I — em subseção anterior, dissemos que daríamos continuidade a investigação da etimologia, então, com a volta do tema, este é o momento. Como já apuramos, um nome pode significar a identidade/personalidade da pessoa. Lembremos aqui, para compreensão, o costume de dar títulos aos seletos apóstolos, como por exemplo, Simão, que é chamado de Pedro; Tiago e João, que são chamados de Boanerges, isto é, “filhos do trovão” (LOURENÇO, 2017, p. 170) — a mudança de nome sinalizava uma mudança importante na vida daquelas pessoas, nomeadas de acordo com o caráter, com as circunstâncias de suas vidas, ou com alguma esperança para o futuro, pois,

É preciso observar ainda que a invocação do Nome está ligada, por certos aspectos, ao simbolismo do som e da linguagem. [...] Por isso, a pronúncia do nome, de uma certa maneira, é efetivamente criadora ou apresentadora da coisa. [...] Para os egípcios da Antiguidade [civilização que influenciou os hebreus], o nome pessoal é bem mais que um signo de identificação. É uma dimensão do indivíduo. O egípcio crê no poder criador e coercitivo do nome. O nome será coisa viva. Encontram-se no nome todas as características do símbolo: 1. Ele é carregado de significação; 2. Escrevendo ou pronunciando o nome de uma pessoa, faz-se com que ela viva ou sobreviva; 3. O conhecimento do nome proporciona poder sobre a pessoa: aspecto mágico, liame misterioso do símbolo. O conhecimento do nome intervém nos ritos de conciliação, de feitiço, de aniquilação, de possessão etc. [...] o poder do nome não é apenas chinês, egípcio ou judeu, pertence à mentalidade primitiva (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 641).

Nos textos do Novo Testamento, Maria é um nome muito comum, sendo preciso sempre diferenciar cada Maria, seja por vínculo familiar, lugar de origem ou algum título significativo. Por exemplo, só nos evangelhos, várias mulheres adentram à vida do líder nazareno: a Maria, mãe de Jesus; a Maria Madalena; a Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro; a Maria, mãe de Tiago e José; a Maria, esposa de Clopas, e, habitando o mesmo espaço, há também mulheres anônimas, identificadas como pecadoras. Distinguir quem é quem, é uma tarefa realmente árdua e pode gerar grandes confusões. Não podemos esquecer que foi uma má interpretação dos textos cristãos que acabou jogando nas costas de Maria Madalena várias personificações controversas, afinal de contas, como é que se pode ser adúltera e, ao mesmo tempo, prostituta? Observemos que:

O Novo Testamento menciona 16 mulheres. [Sete] delas se chamam Maria. Não é coincidência: de todas as mulheres registradas em censos feitos entre

330 A.E.C. e 200 E.C. na região onde hoje ficam Israel e os territórios palestinos, 24% eram Marias (ou Mariams, no original em aramaico). O nome era popular por ser uma variação de “Miriam” – irmão de Moisés e heroína do Velho Testamento (LEONARDI, 2017, p. 29).

Maria, *Miriam* em hebraico, acabou sendo uma constante para nomear as mulheres de famílias judaicas não só porque era o nome da irmã de Moisés, como relata o Velho Testamento, mas também porque era nome da esposa de Herodes, o Grande — ao nomear a filha, agradava-se a *Adonai* e ao Rei; ao que tudo indica, mesmo que soe generalizante, parece que só bastava ser mulher para ser mais uma Maria. Anteriormente, vimos alguns sentidos para o nome Maria. Agora, queremos averiguar a alcunha Madalena e o **Evangelho segundo Lucas** é nossa melhor fonte para isso. O texto relata que uma das Marias que seguiam e serviam Jesus era chamada Madalena — chamada assim por Jesus? Pela comunidade cristã, que via Lucas como um guia? Infelizmente, isso não fica explícito. Porém, nesse evangelho, ao ser chamada de Madalena⁹⁴, tanto teremos a exposição de onde ela veio quanto a exposição de sua missão, uma vez que o termo hebraico *migdal*, que dá origem às palavras Magdala e Madalena, significa “torre” ou “fortaleza” (WELBORN, 2006, p. 19). À vista disso, se Simão, chamado Pedro, é a pedra onde os ensinamentos de Jesus seriam fundados, Maria, chamada Madalena, é a torre, aquela que guarda, a guardiã dos ensinamentos de Jesus:

O fato de Maria ostentar o nome “Madalena” entre os seguidores de Jesus corrobora a impressão de que ela passou a fazer parte de seu círculo íntimo [...]. Ele dava tais nomes a seus discípulos mais próximos, após ter convivido com eles por um longo período (CHILTON, 2006, p. 116).

Curiosamente, no antigo Oriente Médio, as torres eram os lugares que mais se destacavam nas cidades. Maria Madalena também era, assim, aquela que se sobressaía diante das discípulas de Jesus, quiçá, dos apóstolos também. Em uma rápida checagem aos evangelhos canônicos, — nas doze vezes em que é mencionada — percebemos que não é gratuita sua participação em momentos cruciais da história de Jesus. Na visão de historiadores, tal performance, que pode ser entendida como uma regalia para uma mulher de sua época, é devido ser a discípula que amou o mestre acima de qualquer coisa, transformando-se na portadora do *euangélion* (Jo 20: 17-18) ou mediadora dos ensinamentos de Jesus. Então, dessa forma, Maria Madalena pode ser reconhecida como a Apóstola dos Apóstolos: a mulher que acreditou firmemente que Jesus era o Messias profetizado, manteve-se crente na mensagem do Mestre até mesmo quando os doze

⁹⁴ Chamar Jesus de “o Nazareno”, naturalmente, evoca Nazaré como sua aldeia natal, assim como a designação “Madalena” evoca Magdala, no mar da Galileia (CHILTON, 2006, p. 117).

não transpareciam mais fé e foi transmissora dos ensinamentos do Nazareno, o que os primeiros cristãos chamavam de boas-novas.

No entanto, como já vimos, a figura feminina de Maria Madalena como apóstola de Jesus não foi muita bem aceita nem entres os discípulos homens muito menos nas comunidades cristãs primitivas que, distantes de uma *boa-nova* que unia e libertava, ainda estavam enraizadas num contexto cultural judaico:

Sabemos que era permitido às mulheres escutar a palavra de Deus na sinagoga, mas elas nunca eram discípulas de um rabino, a menos que o marido ou mestre fosse um rabino e desejasse ensiná-las. Embora uma mulher pudesse aprender certos preceitos negativos da Lei além do necessário, isso não significava que elas teriam explicações rabínicas sobre a Torá. Para uma mulher judia deixar a casa e viajar com um rabino não era apenas inaudito, *era escandaloso*. Ainda mais escandaloso era o fato de mulheres [...] estarem entre os companheiros de jornada de Jesus (WITHERINGTON *apud* WELBORN, 2006, p. 22-23, grifo nosso).

Ponhamos os quatro evangelhos oficiais em panorama, e a pessoa Maria Madalena surge: servidora/financiadora do ministério de Jesus de Nazaré. Logo, discípula fiel desde a Galileia até Jerusalém e, após a crucificação e o sepulcro vazio, uma mulher “mandada em missão”⁹⁵ — um verdadeiro escândalo, não é verdade? Outros pontos que podemos assegurar,

com base na tradição dos Evangelhos [canônicos], é que Maria Madalena foi a primeira pessoa a ter uma visão de Jesus ressuscitado dos mortos, depois de ter sido crucificado, que ela agiu como pioneira de um sacramento de unção autorizado pelo próprio Jesus, e também que ela melhor do que ninguém sabia como Jesus lidava com os maus impulsos dentro do coração humano e transmitia esse conhecimento a outras pessoas. Isso quer dizer que Maria praticava três sacramentos: o exorcismo, a unção e a visão, que eram fundamentais para o cristianismo primitivo (CHILTON, 2006, p. 71).

Esse papel de autoridade, inclusive, será descrito com ardor nos evangelhos alternativos — frutos de grupos cristãos em que a liderança era compartilhada —, nos quais Maria Madalena permanece em destaque e parece ser a confidente de Jesus, uma irmã espiritual, que contempla e difunde os ensinamentos do mestre: o **Evangelho segundo Tomé** não exclui Maria Madalena do roda íntima de discípulos de Jesus por ela ser mulher; o **Evangelho segundo Filipe** apresenta Madalena como a companheira de Jesus; o **Evangelho segundo Nicodemos** expõe o sofrimento de Madalena pela morte de Jesus e sua decisão de levar ao conhecimento do Império Romano

⁹⁵ Em grego, significa apóstolo.

e ao mundo as atrocidades cometidas por Pilatos e os ímpios judeus; e o **Evangelho segundo Maria Madalena** (Apêndice B), por sua vez,

é uma preciosidade de informações sobre o papel apostólico exercido por Madalena, que infelizmente não entrou na lista dos livros inspirados. Escrito, possivelmente, no ano 150 E.C., esse evangelho, em sua versão copta (língua do Egito), foi encontrado em vasos enterrados perto de um mosteiro, [...], em uma localidade chamada Nag Hammadi. A Madalena desse evangelho se parece com a dos evangelhos canônicos, com a diferença que ela assume seu papel de mulher apóstola. Jesus lhe revela ensinamentos, os quais ela transmite aos apóstolos. Pedro, André e Levi são os interlocutores explícitos, sendo que os dois primeiros reagem contra a mulher Madalena, não aceitando sua condição de mestra e apóstola. O final do evangelho termina dizendo que os discípulos, após os ensinamentos de Madalena, saem a anunciar o evangelho segundo Maria Madalena. Isto só foi possível por que Levi, cujo nome em hebraico significa “meu coração”, conseguiu fazer com que Pedro, André e os apóstolos compreendessem que Madalena era a preferida de Jesus e sua apóstola. Ela falava a verdade sobre os ensinamentos de Jesus. Na palavra de homem, Madalena é confirmada em sua ação. O coração deles se abre para ouvir Madalena e anunciar seu evangelho (FARIA, 2004, p. 136).

A partir da leitura do **Evangelho segundo Maria Madalena**, percebemos que o mesmo apresenta o testemunho de uma mulher — Maria Madalena — que precisou, pela primeira vez, ser defendido. No texto, Maria Madalena leva “os apóstolos a compreenderem os ensinamentos revelados por Jesus” e anima-os no anúncio do Reino de Deus (FARIA, 2004, p. 153). Porém, antes de comentarmos alguns trechos, é crucial ressaltarmos que “esse texto foi escrito numa época em que ainda não estava claro que direção a organização da Igreja tomaria” (KING, 2006, p. 120) — sua composição coincidiu com o período em que vários bispos começaram a afirmar seres os legítimos líderes da Igreja, argumentando que sua autoridade remontava aos apóstolos de Jesus e que somente através da sucessão de testemunhas do passado a verdade da doutrina da Igreja e a garantia da salvação dos crentes estaria asseguradas. Esse evangelho constata tudo isso e:

oferece uma visão da comunidade cristã na qual a autoridade está baseada não exclusiva ou essencialmente em uma sucessão de testemunhas do passado, mas na compreensão e apropriação do Evangelho. A autoridade é investida não em uma hierarquia masculina, e sim em um liderança de homens e mulheres que alcançaram força de caráter e maturidade espiritual. Dá-se um lugar de destaque ao discurso e visões proféticas como manifestação do entendimento espiritual e a fonte de um ensinamento sólido. A comunidade cristã constituía uma nova Humanidade, à imagem do verdadeiro Ser Humano em seu seio, na qual as distinções superficiais da carne eram destituídas de qualquer importância espiritual. Mulheres e homens podiam assumir papéis de liderança com base no seu desenvolvimento espiritual. [...] [O texto] rejeita qualquer concepção de Deus como governante e juiz divino e, portanto, não

reconhece tais papéis como adequados a liderança cristã. O verdadeiro modelo de liderança é o Salvador, o mestre e mediador da sabedoria divina e da salvação que adverte seus discípulos contra a instituição de leis e regras fixas que virão a escravizá-los (KING, 2006, p. 121).

Infelizmente, o **Evangelho segundo Maria Madalena** não apresentará muita informação sobre a pessoa Maria Madalena (de onde veio? com quem andava? para onde foi?), no entanto, oferece muita informação sobre a compreensão dos ensinamentos de Jesus por Maria Madalena e sobre seus *status* como companheira dele. Afinal, para Chilton (2006, p. 113), as práticas que Jesus exercia como mover o mal (exorcismo), curar doenças (cura) e oferecer sinais do divino (visões) foram aperfeiçoadas por Maria Madalena, já que todo discípulo pode ser mestre, e para algumas comunidades cristãs, como a que produziu esse texto — os cristãos-gnósticos —, Madalena era reverenciada como uma mestra, pois, após a morte de Jesus de Nazaré, tornou-se mediadora da gnose e seus ensinamentos eram oralmente transmitidos. Para ficar mais claro, inveredemos por dois momentos do evangelho.

Primeiro, nesse manuscrito, há um momento em que os discípulos fazem perguntas sobre o Salvador elevado e recebem respostas de Maria Madalena, que é desacreditada por eles. O teor gnóstico deste evangelho fica claro quando, respondendo a um pedido de Pedro para contar o que Jesus havia falado a ela em segredo, Maria Madalena assume a liderança e pondera, inicialmente, que irá esclarecer aos discípulos o que está oculto, e, em seguida, conta a eles que, ao ter uma visão do Senhor, com Ele ainda vivo, questionou-lhe sobre a mesma:

Ele respondeu: “Bem-aventurado, tu que não te perturbas à minha vista. Onde está o nous [consciência] aí está o tesouro”. Então, eu lhe disse: “Senhor, no Instante, aquele que contempla Tua aparição, é pela psique (alma) que ele vê? Ou pelo Pneuma (o Espírito, Sopros)?” O Mestre respondeu: “Nem pela psique nem pelo Pneuma; mas o nous estando entre os dois [...] (LELOUP *apud* Faria, 2004, p. 161-169).

No segundo momento, Maria Madalena continua lembrando os ensinamentos de Jesus, contudo, no transcorrer do seu discurso, Pedro não concorda com aquelas ideias e não acredita que Jesus tenha falado com ela:

“Será possível que o Mestre tenha conversado assim, com uma mulher, sobre segredos que nós mesmos ignoramos? Devemos mudar nossos hábitos; escutarmos todos esta mulher? Será que Ele verdadeiramente escolheu e a preferiu a nós?” Então Maria chorou. Ela disse a Pedro: “Meu irmão Pedro, que é que tu tens na cabeça? Crês que eu sozinha, na minha imaginação, inventei esta visão, ou que a propósito de nosso Mestre, eu disse mentiras?” Levi tomou a palavra: “Pedro, tu sempre foste um irascível; vejo-te agora encarniçar contra mulher, como o fazem nossos adversários. Pois bem! Se o

Mestre tornou-a digna, quem és tu para rejeitá-la? Seguramente, o Mestre a conhece muito bem... Ele a amou mais que a nós” (LELOUP *apud* Faria, 2004, p. 161-169).

Vemos aqui o confronto de ideias que durou algum tempo, mas, como já foi dito antes — e, no Vaticano, pode ser lido em uma basílica: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja⁹⁶ — é a história de Pedro que é acolhida. Imediatamente, por sua vez, todos os outros textos que traziam uma ideia distinta daquela considerada ortodoxa foram apontados como heréticos e não deveriam ser seguidos. Então, podemos dizer que a história de Madalena ao lado de Jesus, nos evangelhos canônicos, é uma história/memória reduzida, enquanto a de Pedro, ao lado de Jesus, permanece em destaque, todavia, o único evangelho canônico que parece assumir de forma notória a importância de Maria Madalena no começo do cristianismo e ao lado de Jesus é o mais recente dos evangelhos oficiais, o **Evangelho segundo João**, talvez, por ter sido escrito quase quarenta anos antes do **Evangelho segundo Maria Madalena** ou, como reforçam alguns estudiosos, pelo fato de ter sido inspirado pela própria Madalena:

A comunidade joanina guardou na memória o fato de Maria Madalena ser a mulher que viu e falou com Jesus ressuscitado [...] Ela foi sozinha ao túmulo visitar o corpo de Jesus [...] A alegria da ressurreição provocou em Madalena o desejo incomensurável de anunciar o fato aos seus irmãos homens [...] Pedro teve que ir ao túmulo para certificar se Madalena estava falando a verdade [...] os apóstolos não acreditaram no testemunho [...] Madalena encerra sua fala nos evangelhos dizendo com firmeza de quem muito ama e acredita: “Eu vi o Senhor” [...] O **Evangelho segundo Maria Madalena** aprofunda esse ver. Mesmo assim, Pedro, André e os outros apóstolos também se mostram incrédulos no testemunho da mulher Madalena (FARIA, 2004, p. 128).

No **Evangelho segundo João**, o relato da Ressurreição, ocasião que simboliza o alicerce do cristianismo, percebemos Maria Madalena como personagem principal. Ali, na entrada do sepulcro, numa madrugada de domingo, Maria Madalena, chora desesperada pela morte do seu mestre, é a primeira a ver o Jesus ressuscitado e, também, a primeira mensageira da boa-nova:

E eles dizem-lhes: “Mulher, por que choras?”. Ela diz-lhes: “Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram”. Enquanto ela dizia isso, voltou-se e vê Jesus de pé e não sabia que era Jesus. Jesus diz-lhe: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Ela, pensando que ele é o jardineiro, diz-lhe: “Senhor, se o levaste, diz-me onde o puseste e eu levo-o”. Diz-lhe Jesus: “Maria!”. Ela, voltando-se, diz-lhe em hebraico “*Rabbouni!*” (o que quer dizer Mestre). Jesus diz-lhe: “Não me toques. Ainda não ascendi para o Pai. Vai para junto dos meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai e vosso, Deus

⁹⁶ TV ES PETRVS ET SVPER HANC PETRAM AEDIFICABO ECCLESIAM MEAN.

meu e Deus vosso””. Chega Maria Madalena, anunciando aos discípulos que “vi o Senhor!” e as coisas que lhe disse (LOURENÇO, 2017, p. 407).

Esta passagem do **Evangelho segundo João**, no mesmo instante em que coloca Maria Madalena como um dos elementos cruciais da fé cristã, também lhe dá um privilégio: a primeira a ver o Jesus ressuscitado. Este privilégio concedido à Madalena pode evidenciar uma forte ligação afetiva entre ela e Jesus, já que, a depender da tradução livre do versículo 17, a fala de Jesus pode ser lida como “Não me detenhas...” quanto “Não me abrace...” ou, melhor, “Para de agarrar-te a mim...”. A alegria de Maria Madalena em rever o mestre, quicá, o companheiro, é tanta que necessita tocá-lo, o que nos levar a pensar: até que ponto eles eram íntimos? O grupo cristão primitivo que deu origem ao **Evangelho segundo Filipe**⁹⁷ via Maria Madalena como a companheira constante de Jesus:

A companheira do Salvador é Maria Madalena. [Cristo a amava] mais do que [a todos] os discípulos, e costumava beijá-la com frequência na [boca]. Os discípulos ficavam ofendidos com isso. Eles lhe disseram: “Por que tu a amas mais do que a todos nós?” O Salvador respondeu dizendo-lhes: “Por que eu não vos amo tanto quanto a amo?” (PAGELS, 2006, p. 20).

Este trecho serviu para alimentar a conspiração de Maria Madalena como mãe dos filhos de Jesus, porque a palavra grega *syzygos* (companheira) pode indicar intimidade sexual. Porém, se continuarmos a leitura do evangelho, observaremos que a comunidade cristã de Filipe vê Maria Madalena como uma poderosa presença espiritual ao lado de Jesus. Na visão dos cristãos-gnósticos,

a união entre o masculino e feminino era vista numa esfera espiritual de superação da divisão corpórea. Jesus e Madalena eram vistos como exemplo dessa integração. O beijo entre eles era a expressão desse desejo espiritual. Por isso, se diz que o beijo comunicava o saber. Um se transformava no outro. Madalena podia transmitir os ensinamentos do Mestre/Amado (FARIA, 2004, p. 140).

À vista disso, voltemos ao **Evangelho segundo João**. Curiosamente, na mesma narrativa que analisávamos anteriormente, quando Maria Madalena se dá conta de que o cadáver de Jesus não estava no sepulcro, pergunta a um jardineiro que estava ali por perto — sem saber que era Jesus —, que lhe dissesse onde o haviam colocado, para ela ir buscá-lo. Partindo do princípio que o direito sobre aquele cadáver era da família de Jesus, de sua mãe, de seus irmãos, por que

⁹⁷ Os colchetes indicam falhas no manuscrito original do **Evangelho segundo Filipe** — a utilização de determinados termos é devido a estudos na configuração de escrita do próprio evangelho.

Maria Madalena se arroga a esse direito sobre o corpo de Jesus se, aparentemente, como nos informa as homilias das missas de domingo, ela era só mais uma seguidora de Jesus? Não seria ela a companheira, a aliada de Jesus, para aperfeiçoar seu ministério? Afinal de contas, por que Jesus de Nazaré pediria a ela para anunciar a ressurreição a Pedro e aos demais apóstolos? Jesus, um judeu que conhecia os preceitos de seu tempo, deveria ter sabido que seus seguidores homens não iriam acreditar em Maria Madalena, uma vez que as mulheres não podiam ser nem testemunhas críveis em um juízo. Este relato da Ressurreição no **Evangelho segundo João** ratifica a confiança que Jesus tinha nela, corrobora a parceria desde o início do ministério e comprova a lealdade entre as partes — mestre e discípula —, sendo escolhida para levar a mais importante das mensagens.

Apesar disso, Maria Madalena teve uma forte simbologia inversa gerada em torno de si e isso acabou velando o significado de sua participação na vida e na obra de Jesus de Nazaré. Vista como adúltera, uma prostituta arrependida, alusões que a relegaram a um segundo plano dentro da tradição cristã, Maria Madalena — voz feminina de grande valia e encorajamento — é a mulher silenciada por regime de domínio masculino que cresceu arbitrariamente no intricado início da maior religião do planeta. Com tudo que foi exposto até aqui, garantimos que, ao seu estilo, Madalena seguiu os passos de Jesus — deve ter curado doentes, exorcizado os aflitos e tido visões para alimentar a esperança das pessoas na chegada do Reino de Deus:

Os discípulos estavam em aflição: eles derramaram muitas lágrimas, dizendo: “Como ir até os pagãos e anunciar o Evangelho do Reino do Filho do Homem? Eles não o pouparam, como eles nos poupariam?” Então, Maria se levantou. Ela os beijou a todos e disse a seus irmãos: “Não fiquéis pesarosos e indecisos, porque Sua graça vos acompanhará e vos protegerá: em vez disso, louvemos Sua grandeza, porque Ele nos preparou. Ele nos convida a sermos plenamente humanos com essas palavras”. Maria voltou seus corações para o Bem; as palavras do Mestre tornaram-se claras para eles (LELOUP *apud* Faria, 2004, p. 161-169).

Naturalmente, demonstramos no decorrer destas páginas a Maria Madalena que não foi reconhecida pela Igreja primitiva como peça fundamental de sua história, pois foi ela que teve a primeira visão do Jesus ressuscitado e recebeu a missão de anunciar tal fato aos demais apóstolos e seguidores. Os relatos expõem que Maria Madalena — acompanhada por outras mulheres ou sozinha — viu Jesus após sua morte e anunciou aquilo que viu e, somente depois disso, outros tiveram mais visões de Jesus, então, entendemos que ela deu início, oralmente, ao que viria a ser a maior religião do planeta, já que a Ressurreição é a pedra angular do cristianismo. “Bem-aventurados os puros pelo coração, porque eles verão Deus” (LOURENÇO,

2017, p. 74) — Madalena viu; ela apresentou esperança a todos. “*Bem-aventurados os que estão de luto, porque eles serão reconfortados*” (LOURENÇO, 2017, p. 73) — A missiva propagada por Jesus sobre o Reino de Deus não terminaria na cruz, pois Maria Madalena viu; ela entregou conforto aos aflitos. Eis as boas-novas: Maria Madalena é a mãe do cristianismo.



ROSTO DE MARIA MADALENA

A reconstrução facial por Paulo Miamoto e Cícero Moraes

4 Às portas do apocalipse

Inicialmente — visitando cavernas e túmulos do homem de Neandertal —, peregrinamos das sombras à luz, localizando as marcas remotas de um mapa das ruínas de um tempo fora do calendário, para observamos a criação do mito pela humanidade, e como ele foi uma ferramenta imprescindível para o desenvolvimento humano ao narrar, explicar e organizar as sociedades primitivas — inventamos deusas e deuses para colocar ordem no mundo e, por conseguinte, em nós mesmos. Além do mais, o mito não só deu significado ao mundo empírico como também permitiu que a humanidade caminhasse por terras desconhecidas e navegasse por mares nunca antes navegados; inflamou o saber, explicou mistérios, nutriu esperanças e acalentou pesadelos.

Pelo caminho íngreme da gênese do mito, percebemos que o medo da morte era o motivo para construção de narrativas sobre um mundo invisível paralelo ao nosso e que, por efeito de dores e prazeres universais, as mitologias de inúmeros povos eram similares. Por outro lado, o mito acompanhou a ascensão humana sobre a terra e os animais e, como existia sob suas rédeas, adaptou-se conforme as necessidades, frutificando novas possibilidades, atualizações de mitos mais antigos, como, por exemplo, o mito cristão, que nada mais é que produto do mito judaico, sendo o último, compêndio do mito sumério, quiçá, grego. No caso, o mito cristão, que acabou por ser o foco deste estudo, tornou-se o *oxigênio* e o *dióxido de carbono* da sociedade ocidental — a Cruz, símbolo mor da salvação, logo, da superação da morte por Cristo, condenou e matou na mesma intensidade e frequência que tentava salvar.

A nação portuguesa, alimentada pelo mito de Ulisses e, principalmente, do Cristo, levou ao pé da letra a salvação por meio do “temor e tremor”, como escreveu Paulo de Tarso, ou seja, uma vez temente a Deus — o que significava ser temente a Igreja —, prontamente, tornava-a agente do poder de Deus na Terra, a mão divina a norteava. A Batalha de Ourique e a visão de Afonso Henriques só corroboravam a ideia de que o pequeno reino estava sob a tutela do Cristo e, em seu nome, lutaria contra as heresias do mundo, espalhando não o amor e a solidariedade — elementos da formação do mito do Cristo —, mas, primeiramente, como guerreiros de Deus, o sangue e a pólvora. Se com Cristo, a nação portuguesa ascendeu rápido, curiosamente, com Cristo, ela desmoronou muito mais rápido ainda. Há ainda quem espere a ressurreição do Quinto Império, mas o cadáver dos descobrimentos portugueses permanece no sepulcro.

O escritor português José Saramago, com sua inquietação constante diante da mentalidade portuguesa ainda condicionada aos velhos heróis do passado, propôs novas perspectivas para a História lusitana. Forte nome da literatura pós-moderna portuguesa, pôs o país no divã e expôs

as feridas abertas, muitas já sedentas por cicatrização; retirou a confiança absoluta de episódios históricos, instalando a incerteza na estrutura canônica de heróis míticos, banhando com ironia o tecido solene da historiografia oficial; e não deixou de cutucar e denunciar as extravagâncias e opressões do poder eclesial, força que ainda tende a domar a mente portuguesa. José Saramago conquistou espaço no mundo literário não só porque trouxe ao palco da narrativa vozes e perfis até então excluídos, mas também por causa do estilo inconfundível, no qual o narrador oraliza a escrita e conversa diretamente com o leitor.

Ao transitar pelo mundo ficcional e a realidade empírica, esse leitor, guiado pelo narrador saramaguiano, através das alegorias e estratégias adotadas por José Saramago, é fisgado para o enredo e se vê como um componente importante da obra, um sujeito que crê naqueles heróis ali reconstruídos e, lendo o romance, tem a oportunidade de reavaliar seus conceitos particulares de mundo — grande parte desse processo de autorreflexão ocorre por meio da ironia. Com esse recurso, assinalado por um caráter humanitário, o escritor português convoca o leitor a refletir sobre tradições desumanas que habitam a mentalidade ocidental como atos da máxima moral e dos bons costumes e, principalmente, a resistir aos poderes que o coíbem — um desses poderes que, ao longo dos séculos, construiu um discurso capaz de governar corpos e mentes, é a Igreja, a quem José Saramago atribui grande parte da culpa pelas injustiças e misérias da humanidade.

No decorrer deste trabalho, tendo em vista esse juízo saramaguiano, observamos que, ao refletirmos sobre o processo de silenciamento do feminino no cristianismo — o que também significa dizer, no Ocidente, já que a fé cristã é o alicerce de toda a cultura, de toda a História ocidental —, muito foi negado às mulheres, devido a intensa campanha da leitura androcêntrica do mito fundador judaico-cristão. Sob uma ótica masculina, a mulher foi responsabilizada pelos males do mundo, reduzida a segundo plano na hierarquia familiar, posicionada a sombra do seu tutor e/ou provedor, destituída de poder sobre si, inferiorizada intelectualmente e orientada por imagens tanto antagônicas quanto simplórias — a virgem e a pecadora. Não por acaso, dentre as muitas figuras femininas escanteadas, escolhemos como estandarte desta pesquisa analisar aquela que parece ter feito muito mais do que o discurso canônico nos induziu a pensar.

Para encorpar este estudo, selecionamos o último livro da primeira fase da literatura do escritor português José Saramago — **O Evangelho segundo Jesus Cristo** (1991), alcunhado de *contraevangelho* —, porque, sendo uma narrativa de metaficção historiográfica, apropria-se da história oficial para problematizá-la, oferecendo um contra-argumento às prédicas canônicas e nos levando a refletir sobre Maria Madalena, personagem icônica do mito cristão e uma das mulheres mais enigmáticas da historiografia cristã. *O Evangelho segundo Saramago* — paródia audaciosa do *euangélion* e, por isso, herético de ponta a ponta —, não só funcionou como

bússola precisa para concretização dos nossos objetivos, mas também conectou toda a ampla discussão proposta neste estudo, pois, quando a principiamos, prezávamos pela harmonia das informações e fluidez do texto dissertativo.

O *contraevangelho* reconstrói o mito cristão para denunciar a opressão e a violência — de fato, suas 445 páginas desassossegam o leitor, mas funcionam como manifesto de resistência a um Deus apresentado como um governante tirano. Dentre as figuras opositoras ao sistema, Maria de Magdala chama atenção — uma mulher que escolhe o próprio caminho e acolhe de bom grado as consequências de sua decisão. Aliada à Jesus, sujeito em crise diante dos disparates divinos, orienta-o e, por amá-lo, fica ao seu lado até o fim da árdua incumbência divina que nenhum homem livre deveria ser coagido a realizar. À vista disso, escolhemos essa personagem para nos guiar até a Maria Madalena do séc. I da Era Cristã, uma vez que Maria de Magdala fala por si, mas também pelo escritor português e, como vimos, por Maria Madalena.

Conforme a segunda parte desta dissertação, nos evangelhos canônicos e nos evangelhos apócrifos, a Madalena não se tratava de uma mulher comum. Esta mulher — vinda de Magdala, uma pequena cidade do séc. I, localizada próxima do mar da Galileia, ou chamada de a Torre, guardiã dos ensinamentos e práticas de Jesus —, é uma das figuras mais instigantes do arquivo neotestamentário. Jesus de Nazaré confiava nela e a escolheu para ser a transmissora da Boa-Notícia, já que, ela, uma vez liberta de “sete demônios” e pronta para seguir o novo caminho proposto pelo líder nazareno aos seus contemporâneos, tornou-se, como seu mestre, uma pessoa iluminada. É perceptível que, as comunidades cristãs, em narrativas da Paixão e Ressureição, preservaram a autoridade de Madalena ao lado de Jesus, já as cristãs-gnósticas deixaram para a posteridade o juízo de que Madalena era a mulher que compreendia os ensinamentos de Jesus e era digna de ser sua discípula, apóstola, cúmplice.

Pensar em Maria Madalena como a companheira de Jesus é romper com o último tabu do cristianismo, que dominou uma Igreja androcêntrica durante séculos e séculos, a mulher e seu sexo. Tendo Jesus escolhido Maria Madalena como cúmplice, a Igreja não deveria, de maneira alguma, ostentar aos quatro ventos, como foi feito desde os primeiros anos da Igreja primitiva, que as mulheres não são dignas de aderir à hierarquia eclesiástica. Além do mais, pensar em Maria Madalena como uma autoridade, ao lado de Jesus, é dissolver a ideia patriarcal que negou às mulheres o direito de tocar e conhecer o próprio corpo, refreando-as como se fossem o pecado vivo ou únicas culpadas pela transgressão; é difundir a igualdade que Jesus de Nazaré tanto pregou durante sua existência e, o mais importante, é abrir espaço no nicho de Paulo e Pedro, pois, sendo Maria Madalena uma voz de autoridade, ao lado do líder nazareno, entendemos

que, quando Jesus de Nazaré viesse a falecer, ela, sendo a sua confidente, continuaria a missão revolucionária de seu mestre.

Sendo Jesus, o Cristo, considerado o pai do cristianismo, logo Maria, chamada Madalena, seria a mãe, o que sustaria o androcentrismo da Igreja, levando-a a ser uma instituição mais igualitária, na qual mulheres e homens transmitiriam o *euangélion*. Por fim, entendemos que a importância de Maria Madalena para muitos cristãos pode não ser a de mãe do movimento ou de companheira de Jesus, Maria Madalena pode ter sido apenas, no lugar e no momento certo, a fiel e amada discípula do líder nazareno. Todavia, devemos pensar e pesar tudo o que vimos até aqui, pois, se o cristianismo é a crença na morte e na ressurreição de Jesus e Madalena foi a primeira a anunciar que Jesus se levantou dos mortos, podemos argumentar que sua importância para a fé cristã é enorme, mesmo que Maria Madalena seja reconhecida só por isso: a mulher cuja visão levou à concepção de uma nova fé.

Durante todo este percurso para localizar a possível imagem de Maria Madalena, também chegamos a perceber que a Madalena foi reinterpretada e fragmentada durante séculos. A linha tênue, construída aqui, que conecta as peças desse intrincado quebra-cabeça do cristianismo pôde evidenciar muito ou, talvez, quase nada, da vida e missão dessa figura feminina que habitou ao lado de Jesus de Nazaré. Honestamente, assumimos que há muito ainda para se conhecer sobre a mulher de Magdala — ou, quiçá, sobre outras controversas figuras cristãs — e é bem provável que não demore muito, pois já conhecemos um pouco do caminho e, como vimos neste trabalho, tudo o que estiver oculto uma hora ou outra virá à luz. Um dia, talvez, o cristianismo atravesse a porta e, com esse ato, o mundo ocidental possa desconstruir os pilares que inibem a equidade entre homens e mulheres seja no campo religioso ou social. Porém, enquanto isso não acontece, nos compete observar este epílogo temporário de Maria Madalena — discípula, companheira, apóstola, mãe do *euangélion* —, cientes de que há sempre uma madrugada de domingo por vir, capaz de proporcionar uma ou mais visões que também busquem unificar o mundo.

No mais, no término desta jornada — parafraseando as linhas iniciais do último livro da Bíblia —, pudemos testemunhar o início da revelação de Maria Madalena como a mãe das *boas-novas*, que Jesus lhe confiou para que mostrasse, aos seus seguidores, as coisas que aconteceram e que poderiam ocorrer em breve. O sepulcro vazio, no fundo, é uma missiva de esperança, mas também de resistência. E por que não pensar também que Jesus a comunicou, através de uma ilusão de ótica, ao escritor português José Saramago? O Prêmio Nobel (1998) dá testemunho de que tudo quanto escreveu é a sua versão da boa-nova, a qual permite o testemunho do Cristo, o homem, que chora, que não conseguiu dizer “não” para Deus, porém disse “sim” para Maria de Magdala e, ao lado dela, pôde questionar a autoridade tirânica de Deus, mas não escapar de

seus domínios. Esse Jesus não pôde escolher o próprio destino — ato que Maria de Magdala já praticava... Maria que, ao livrar Lázaro de uma segunda morte, nos ensinou que é possível deter o despotismo, camuflado em dádiva. Feliz aquele que ouve ou lê as palavras *amargas* de Maria de Magdala, divulgadas nesse *contraevangelho*, e as põe em prática.

REFERÊNCIAS

- ACOCELLA, Joan. **A pecadora santa**: os dois mil anos de obsessão por Maria Madalena. In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 51-69
- ADAM, Jean-Michel; REVAZ, Françoise. **A análise da narrativa**. Lisboa: Gradiva, 1997.
- AGUILERA, Fernando Gómez. **As palavras de Saramago**: um catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ALVES, Maria Theresa Abelha. **Cumpriu-se o mar e o império se desfez**. In: Il Portogallo e i mari: um encontro tra culture. Napoli: Liguori Editore, 1994, p. 163-169.
- ANTUNES, José Freire. **O império com pés de barro**: colonização e descolonização – as ideologias em Portugal. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1980.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ARNAUT, Ana Paula. **José Saramago**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ASLAN, Reza. **Zelota**: a vida e a época de Jesus de Nazaré. Tradução de Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Lisboa: edições 70, 2014.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 3. ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.1.
- BÍBLIA SAGRADA**. Tradução da CNBB. 11. ed. Brasília: Editora Canção Nova, 2011.
- BILAC, Olavo. **Poesias**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**. São Paulo: Fundamento, 2012.
- BLOOM, Harold. **Leio, logo existo**. Revista Veja. São Paulo: Ed. Abril, jan. 2001.
- BOGADO, Anna Patrícia Chagas. **Maria Madalena**: o feminino na luz e na sombra. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BORGES, Jorge Luis. Os quatro ciclos in **Obras completas**. Volumes I e II. São Paulo: Globo, 1999.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Tradução de Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- BURSTEIN, Dan. **Nosso fascínio por Maria Madalena**: confissões de um fã de O código Da Vinci. In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 23-35.
- BURSTEIN, Dan; KEIJZER, Arne. J. **A verdadeira história de Maria Madalena**: os segredos da mulher mais instigante da Bíblia. Tradução de Marcos José da Cunha e Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BYINGTON, Carlos. **O martelo das feiticeiras** – Malleus Maleficarum à luz de uma teoria simbólica da história. In: O martelo das feiticeiras. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus**: mitologia ocidental. São Paulo: Palas Athena, 2004.

CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. 4. ed. Lisboa: Instituto Camões, 2000.

CARROL, James. **Quem era Maria Madalena?** In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 35-51

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1988.

CHILTON, Bruce. **Mudando nossas concepções sobre Maria Madalena**. In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 69-75.

_____. **Vislumbres biográficos de Maria de Magdala**. In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 112-118.

COMPAGNON, Antoine. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: EDUFMG, 2001.

CROWLEY, Roger. **Conquistadores**: como Portugal forjou o primeiro império global. Tradução de Helena Londres. São Paulo: Planeta, 2016.

DANIELS, Mark. **A história da mitologia para quem tem pressa**. Tradução de Heloísa Leal. Rio de Janeiro: Valentina, 2016.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DROLET, Gilles. **Compreender o Antigo Testamento**: um projeto que se tornou promessa. São Paulo: Paulus, 2008.

EHRMAN, Bart D. **Quem escreveu a Bíblia?** : Por que os autores da Bíblia não são quem pensamos que são. Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

_____. **Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?** Tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.

FARIA, Jacinto de Freitas. **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os Apócrifos**: uma leitura de gênero. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERRAZ, Salma. **Dicionário de personagens da obra de José Saramago**. Blumenau: Edifurb, 2012.

_____. (Org.) **Maria Madalena**: das páginas da bíblia para a ficção (textos críticos). Maringá: Eduem, 2011.

_____. **Maria Madalena**: a antiodisseia da discípula amada. In: Boletim do Centro de Letras e Ciências Humana, Londrina, p. 131-154, jul./dez. 2008.

_____. **O quinto evangelista: o (des)evangelho segundo José Saramago.** Brasília: UNB, 1998.

FILHO, Domício Proença. **A linguagem literária.** São Paulo: Ática, 2007.

FLORES, Maria da Conceição Crisóstomo de Medeiros Gonçalves Matos. **Do mito ao romance: uma leitura de O Evangelho segundo Jesus Cristo.** Natal: Editora da UFRN, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Isso é um cachimbo?** Tradução de Jorge Coli. Rio de Janeiro, 1988.

GANDRA, MANUEL. **A cristofania de Ourique: Mito e profecia.** Lisboa: Fundação Lusíada, 2002.

GARDNER, Laurence. **O legado de Madalena: Conspiração da Linhagem de Jesus e Maria – Revelações sobre o Código da Vinci.** Tradução de Elaine Alves Trindade. São Paulo: Madras, 2005.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa.** Lisboa: Vega, 1980.

_____. Fronteiras da narrativa. In: **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 1971.

HIGHWATER, Jamake. **Mito e sexualidade.** São Paulo: Saraiva, 1992.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia.** Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

_____. **Poética do Pós-Modernismo: história, teoria e ficção.** Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

_____. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX.** Tradução de Teresa Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1989.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. **Tecendo o avesso da história pela metaficção historiográfica.** In: Uniletras, Ponta Grossa, v. 30, n. 2, 2008, p. 421-460.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras.** Tradução de Paulo Fróes et al. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

KING, Karen. **O Evangelho de Maria.** In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 118-123.

LAMELAS, Isidro Pereira. **Constantino: da história ao mito, do mito à lenda.** In Itinerarium: Revista Quadrimestral de Cultura, n. 59, 2013, p. 191- 227.

LEONARDI, Ana Carolina. **As três faces de Maria Madalena.** In: Superinteressante, São Paulo: Ed. Abril, 2017, p. 29-37.

LELOUP, Jean-Yves. **O Evangelho de Maria – Míriam de Mágdala.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LOES, João. **As mulheres da vida de Jesus.** In: Istoé. São Paulo: Ed. Três, dez. 2010, p. 85-93

LOPES, João Marques. **Saramago: biografia.** São Paulo: Leya, 2010.

LOPES, Reinaldo José. **Os evangelhos proibidos: os textos apócrifos mais importantes na íntegra.** In: Superinteressante, São Paulo: Ed. Abril, 2013, p.1-84.

- LOURENÇO, Frederico. **Bíblia Novo Testamento: Os quatro Evangelhos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.
- LOURENÇO, Diana Almeida. **O narrador em O Evangelho segundo Jesus Cristo, de José Saramago**. In: Muitas Vozes, Ponta Grossa, v.4, n.2, 2015, p. 175-189.
- LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade**. Lisboa: Gradiva, 2005.
- LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MACHOVEC, Milan. **Jesus para os Marxistas**. Tradução de Silvana Cobuci Leite. São Paulo: Loyola, 1989.
- MANZATTO, Antonio. **Teologia e Literatura: reflexões teológicas a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado**. São Paulo: Loyola, 1994.
- MARTINS, Manuel Frias. **A Espiritualidade Clandestina de José Saramago**. Lisboa: Fundação José Saramago, 2014.
- MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- MEYER, Marvin. **A tradição dos Evangelhos alternativos**. In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 123-134.
- MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Bíblia: história, curiosidades e contradições**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MURARO, Rose Marie. **Introdução**. In: O martelo das bruxas. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016, p. 9-22.
- MORACHO, Félix. **Como ler os evangelhos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- MORRIS, Desmond. **A mulher nua**. Rio de Janeiro: Globo, 2005.
- MORO, Fernanda de Camargo. **Arqueologia de Madalena**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- NETO, Pedro Fernandes de Oliveira. **Retratos para a construção do feminino na prosa de José Saramago**. Curitiba: Appris, 2012.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Procura-se Jesus Cristo**. In: Superinteressante, São Paulo: Ed. Abril, 1996, p.50-51
- NOLL, Mark. **Momentos decisivos na história do Cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.
- PAGELS, Elaine. **Introdução**. In: A verdadeira história de Maria Madalena. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Org. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Difel, 1986.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Formas e usos da negação na ficção histórica de José Saramago**. In: literatura e história: três vozes de expressão portuguesa. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- PLATÃO. **O Banquete**. In: Diálogos V. Tradução de Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2010.
- PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva: Imagens arquetípicas da mulher na atualidade**. São Paulo: Summus, 2008.

- RANDAZZO, Sal. **A criação de mitos na publicidade**. São Paulo: Rocco, 1997.
- REIS, Carlos. **Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós**. Coimbra: Almedina, 1975.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução de M. Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.
- ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- RUSSELL, Bertrand. **Casamento e moral**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. 35. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- _____. **Levantado do chão**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- _____. **Os Cadernos de Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- _____. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. **O ano da morte de Ricardo Reis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- _____. **A jangada de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- SEBASTIANI, Lilia. **Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida**. Tradução de Antônio Angonese. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- SEGOLIN, Fernando. **Personagem e antipersonagem**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978
- SILVA, Tereza Cristina Cerdeira da. **O quinto evangelista ou da tigela ao graal**. In: Anais do XIV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Porto Alegre: Edipuc, 1994.
- _____. **José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de português**. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- UTERMAN, Alan. **Dicionário judaico de lendas e tradições**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- VALVERDE, Tércia Costa. **Ensaio: teoria e crítica literária**. Salvador: EDUNEB; Feira de Santana: UEFS, 2014.
- _____. **A desconstrução da História de Portugal em As naus**. Feira de Santana, 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural) – Universidade Estadual de Feira de Santana.
- VON KOSS, Monika. **Feminino+masculino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- WELBORN, Amy. **Decodificando Maria Madalena: a verdade, as lendas e as mentiras**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ZÉRAFFA, Michel. **Pessoa e personagem: o romanesco dos 1920 aos anos 1950**. Tradução de Luiz João Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

APÊNDICE A — APARIÇÕES DE MARIA MADALENA

As passagens reproduzidas a seguir estão relacionadas diretamente a Maria Madalena, aqui transcritas em ordem cronológica de produção, conforme os estudos dos especialistas Ehrman (2010), Pagels (2006) e Aslan (2013). Elas confirmam a presença de Madalena no séquito de Jesus desde a Galileia, sendo testemunha da crucificação e do sepulcro vazio. Lembramos que a edição da Bíblia que foi usada é a traduzida por Frederico Lourenço (2017) e que, caso seja pertinente, elas serão intercaladas por esclarecimentos.

EVANGELHO SEGUNDO MARCOS (Mc 15:40-47; 16:1-8, p. 211-213)

Também ali estavam algumas mulheres observando a partir de longe: entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe do Tiago mais novo e de José, e Salomé, elas que quando ele estava na Galileia o seguiam e serviam; e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém. Ao entardecer, visto ser a Preparação, isto é, véspera do sábado, José de Arimateia, respeitável membro do conselho que também buscava o reino de Deus, atreveu-se a ir procurar Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Pilatos espantou-se por ele já estar morto e, mandando chamar o centurião, perguntou-lhe se já tinha morrido havia muito. Informado pelo centurião, Pilatos ordenou que o corpo fosse entregue a José. E tendo comprado um lençol, José desceu o corpo da cruz e envolveu-o na mortalha. E depositou-o num sepulcro cavado na rocha e rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro. Maria Madalena e Maria, mãe de José, espreitavam [para saber] onde Jesus tinha sido sepultado. Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para embalsama-lo. E muito cedo de manhã, no primeiro dia da semana, elas vão até o sepulcro tendo já nascido o sol. E diziam entre si: “Quem rolará a pedra da entrada do sepulcro? ”. E tendo olhado à sua volta, veem que a pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande. E entrando elas no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram apavoradas. Ele diz-lhes: “Não vos assusteis. É Jesus, o Nazareno, que procurais, o crucificado? Ressuscitou. Não está aqui. Vede o lugar onde o depuseram. Mas ide e dizei aos seus discípulos e a Pedro: ‘Ele vai à vossa frente a caminho da Galileia; lá o vereis, tal como ele vos disse’”. E elas, saindo, fugiram do sepulcro, pois dominava-as um tremor e um êxtase. E nada disseram a ninguém: tinham medo, pois.

Escrito por volta do ano 70 E.C., talvez seja o primeiro Evangelho produzido, o texto termina de forma abrupta, em que a ressurreição é apenas um tema indireto — até hoje ainda não há

respostas para o motivo. Sabemos que a partir do versículo nove o que se segue é uma adição posterior — de nível fraquíssimo, diga-se de passagem —, na qual os versículos “são (quase) universalmente considerados espúrios” (LOURENÇO, p. 213).

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS (Mt 27:55-61; 28:1-10, p. 152-154)

Estavam ali muitas mulheres, observando a partir de longe, elas que tinha seguido Jesus desde a Galileia para o servirem. Entre elas estavam Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. Ao entardecer, veio um homem rico de Arimateia, de nome José, que também fora um discípulo de Jesus. Estes, dirigindo-se a Pilatos, pediu o corpo de Jesus. Pilatos ordenou, então, que lho dessem. E levando o corpo, José envolveu-o num pano de linho lavado e o depôs num túmulo recente que mandou cavar na rocha e, tendo rolado uma pedra enorme contra a entrada do túmulo, foi-se embora. Estavam ali Maria Madalena e a outra Maria, sentadas diante do túmulo. [...] Após o sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. E eis que aconteceu um grande sismo. Pois um anjo do Senhor, descendo do céu, veio e rolou a pedra e sentou-se em cima dela. O aspecto dele era como um relâmpago e a veste dele era branca como neve. Devido ao medo, os que guardavam [o túmulo] tremeram e ficaram como mortos. O anjo, respondendo, disse às mulheres: “Não temais. Sei que procurais Jesus, o crucificado. Não está aqui, pois ressuscitou tal como afirmou. Vinde, vede o lugar onde jazia. E pondo-vos depressa a caminho, dizei aos discípulos dele que ressuscitou dos mortos e que vai à vossa frente para Galileia; lá o vereis. Eis que vos disse! ” E saindo depressa do túmulo devido ao medo e à grande alegria, elas correram para dar a notícia aos discípulos dele. E eis que Jesus veio ao encontro delas, dizendo: “Saúdo-vos”. Avançando, elas seguraram-lhe os pés e prostraram-se diante dele. Então lhe disse Jesus: “Não temais. Ide e anunciai aos meus irmãos que saiam em direção à Galileia e lá me verão”.

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS (Lc 8:1-3; 23:49-56; 24:1-11, p. 253-307)

E aconteceu que, em seguida, Jesus ia de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, proclamando e anunciando a boa-nova do reino de Deus e os doze iam com ele, assim como algumas mulheres, que tinham sido curadas de espíritos malignos e de doenças: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios; Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes; e Susana e muitas outras, que os serviam a partir das suas próprias posses. [...] Estavam todos os conhecidos dele à distância, assim como as mulheres que o tinham acompanhado desde a Galileia, elas que estavam observando essas coisas. E eis que [veio] um

homem de nome José, membro do conselho, homem reto e justo — ele que não tinha concordado com a decisão nem com o procedimento dos outros. Era natural de Arimateia, cidade da Judeia, e esperava o reino de Deus. Este foi encontrar com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus. Descendo-o [da cruz], envolveu-o num lençol e depositou-o num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. Era o dia da Preparação e o sábado iniciava-se. Acompanhando [José], as mulheres que tinham vindo com Jesus da Galileia observaram o túmulo e viram como o corpo de Jesus fora depositado. Ao regressar, elas prepararam aroma e perfumes. E durante o sábado descansaram, conforme o mandamento. No primeiro dia da semana, ao romper da madrugada, elas foram ao sepulcro com os perfumes que tinham preparado. Encontraram a pedra afastada da porta do sepulcro e, entrando, não encontraram o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando elas sem saber o que fazer, lhes apareceram dois homens em traje resplandecente. Estando elas apavoradas e de rosto voltado para o chão, eles disseram-lhes: “Por que procurais o Vivo entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou. Lembrai-vos de como vos falou, quando ainda estava na Galileia, dizendo que o Filho da Humanidade tinha de ser entregue às mãos de homens pecadores, ser crucificado e ressuscitar ao terceiro dia”. E elas lembraram-se das suas palavras. Voltando do sepulcro, contaram todas essas coisas aos onze e a todos os outros. Eram elas Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago, e as outras que estavam com elas. Contavam essas coisas aos apóstolos, mas as palavras delas pareceram-lhes uma tolice e eles não acreditaram nelas.

Escritos entre os anos 90 e 100 E.C., os dois textos parecem utilizar Marcos como fonte, pois adicionam ou reelaboram elementos: os guardas incumbidos de guardar o túmulo só aparecem em Mateus; o que é um “jovem” em Marcos, é um “um anjo do Senhor” em Mateus e “dois homens” em Lucas; diferente de Marcos, Mateus apresenta o Jesus ressuscitado às mulheres, que não devem temer, e Lucas só apresentará o Jesus ressuscitado aos homens, pois, ao que tudo indica, as mulheres não são dignas de confiança. Curiosamente, ao revisar Marcos, Lucas omite que Maria Madalena e outras mulheres “seguiram Jesus”, afinal, elas apenas “serviam” — a logística das refeições era por conta delas —, e contrasta deliberadamente “os doze” com “as mulheres”, as quais inclui entre os membros necessitados, doentes e loucos da multidão que se comprimiam em torno de Jesus e seus discípulos. Acreditamos que, quando esse texto foi escrito, o debate sobre a participação de mulheres no movimento cristão primitivo já estava acontecendo: O Evangelho segundo Tomé, por exemplo, escrito na mesma época, mas avaliado como apócrifo, coloca Maria Madalena e Salomé como discípulas de Jesus.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO (Jo 19:25; 20:1-18, p. 403-407)

Estavam de pé, junto à cruz de Jesus, a mãe dele e a irmã da sua mãe, Maria (a de Clopas), e Maria Madalena. [...] No primeiro dia da semana, Maria Madalena chega cedo ao túmulo, estando ainda escuro. E vê a pedra retirada do túmulo. Então desata a correr e vai encontrar com Simão Pedro e com o outro discípulo, o que Jesus amava, e diz-lhes: “Levaram o Senhor do túmulo e não sabemos onde o puseram!”. Saiu então Pedro e o outro discípulo e foram até o túmulo. Corriam juntos; e o outro discípulo foi mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo; e, espreitando, vê depostos os panos. Porém não entrou. Chega então também Simão Pedro, seguindo atrás dele, e entrou no túmulo e vê os panos depostos, e [vê que] o sudário, que estivera à volta da cabeça dele, não jazia juntamente com os panos, mas dobrado à parte em lugar próprio. Então o outro discípulo, o que chegara primeiro ao túmulo, entrou e viu e acreditou. Ainda não conheciam a passagem da Escritura, segundo a qual ele tinha de ressuscitar dos mortos. Os discípulos voltaram de novo para junto dos seus. Maria [Madalena] ficou de pé chorando no exterior do túmulo. Enquanto chorava, espreitou para dentro do túmulo e viu dois anjos sentados, vestidos de branco, um à cabeça, outro aos pés, no lugar onde jazera o corpo de Jesus. E eles dizem-lhes: “Mulher, por que choras? ”. Ela diz-lhes: “Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram”. Enquanto ela dizia isso, voltou-se e vê Jesus de pé e não sabia que era Jesus. Jesus diz-lhe: “Mulher, por que choras? Quem procuras? ”. Ela, pensando que ele é o jardineiro, diz-lhe: “Senhor, se o levaste, diz-me onde o puseste e eu levo-o”. Diz-lhe Jesus: “Maria! ”. Ela, voltando-se, diz-lhe em hebraico “*Rabbouní!*” (o que quer dizer Mestre). Jesus diz-lhe: “Não me toques. Ainda não ascendi para o Pai. Vai para junto dos meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai e vosso, Deus meu e Deus vosso’”. Chega Maria Madalena, anunciando aos discípulos que “vi o Senhor! ” e as coisas que lhe disse.

Dos quatro considerados canônicos esse é o mais tardio, escrito por volta do ano 100-120 E.C. O texto não só corrobora a presença de Maria Madalena junto à cruz, como destaca seu papel como testemunha do sepulcro vazio e a primeira a ver o Jesus ressuscitado e a testemunhar sobre o ocorrido para os apóstolos. Com o andar da carruagem, não demoraria para receber um Evangelho sob seu nome.

APÊNDICE B — A MULHER DIGNA E AMADA

*De início, cabe ressaltarmos que a identificação da Maria converge com os recentes estudos do cristianismo primitivo. Sabemos que Maria Madalena foi adotada como uma mestra por quase todos os séquitos gnósticos da época e este é um texto gnóstico, que chegou até nós através de dois fragmentos em papiro. É possível que a obra tenha sido composta no século II da E.C. O papiro é um material delicado e, sem o cuidado adequado, não costuma resistir às intempéries do tempo e manuseio inapropriado, por isso faltam as páginas de 1 a 6 e 11 a 14 do manuscrito. O texto que segue é uma tradução feita por Jean-Yves Leloup (1998), que se encontra publicada no livro **O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero**, de Jacir de Freitas Faria (2004, p. 161-169, sic.).*

EVANGELHO SEGUNDO MARIA MADALENA

Página 7

¹ [...] “O que é matéria?

² Ela durará sempre?”

³ O Mestre respondeu:

⁴ “Tudo o que nasceu, tudo o que foi criado

⁵ todos os elementos da natureza

⁶ estão estreitamente ligados e unidos entre si.

⁷ Tudo o que é composto se decomporá;

⁸ Tudo retornará às suas raízes:

⁹ A matéria retornará às origens da matéria.

¹⁰ Que aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça”.

¹¹ Pedro lhe diz: “Já que Tu te fazes o intérprete

¹² dos elementos e dos acontecimentos do mundo, dize-nos:

¹³ O que é o pecado no mundo?”

¹⁴ O Mestre diz:

¹⁵ “Não há pecado.

¹⁶ Sois vós que fazei existir o pecado

¹⁷ quando agis conforme os hábitos

¹⁸ de vossa natureza adúltera:

- ¹⁹ aí está o pecado.
²⁰ Eis por que o Bem veio entre vós;
²¹ Ele participou dos elementos de vossa natureza
²² a fim de reuni-la nas suas raízes”.
²³ Ele continuou e disse:
²⁴ “Eis por que estais doentes
²⁵ e por que morrereis:
²⁶ é consequência de vossos atos:
²⁷ vós fazeis o que vos afasta...
²⁸ Quem puder, compreenda”.

Página 8

- 1 “O apego à matéria
2 gera uma paixão contra a natureza.
3 É então que nasce a perturbação em todo o corpo;
4 é por isso que eu vos digo:
5 ‘Estejais em harmonia...’
⁶ Se sois desregrados
⁷ inspirai-vos em representações
⁸ de vossa verdadeira natureza.
⁹ Que aquele que tem ouvidos
¹⁰ para ouvir, ouça”.
¹¹ Após ter dito aquilo, o Bem-aventurado
¹² saudou-os a todos dizendo:
¹³ “Paz a vós – que minha Paz
¹⁴ seja gerada e se complete em vós!
¹⁵ Velai para que ninguém vos engane
¹⁶ dizendo:
¹⁷ ‘Ei-lo aqui.
¹⁸ Ei-lo lá.
¹⁹ Porque é em vosso interior
²⁰ que está o Filho do Homem;
²¹ ide a Ele:

²² aqueles que o procuram o encontram

²³ em marcha!

²⁴ Anunciai o Evangelho do Reino”.

Página 9

¹ “Não imponhais nenhuma regra,

² além daquela da qual eu fui o Testemunho.

³ Não ajunteis leis às dadas por Aquele que vos deu a Torá

⁴ a fim de não vos tornardes seus escravos”.

⁵ Tendo dito isto, ele partiu.

⁶ Os discípulos estavam em aflição:

⁷ eles derramaram muitas lágrimas, dizendo:

⁸ “Como ir até os pagãos e anunciar

⁹ o Evangelho do Reino do Filho do Homem?

¹⁰ Eles não o pouparam,

¹¹ como eles nos poupariam?”

¹² Então, Maria se levantou.

¹³ Ela os beijou a todos e disse a seus irmãos:

¹⁴ “Não fiquéis pesarosos e indecisos,

¹⁵ porque Sua graça vos acompanhará e vos protegerá:

¹⁶ em vez disso, louvemos Sua grandeza,

¹⁷ porque Ele nos preparou.

¹⁸ Ele nos convida a sermos plenamente humanos

¹⁹ com essas palavras”. Maria voltou seus corações para o Bem;

²⁰ as palavras do Mestre tornaram-se claras para eles.

Página 10

¹ Pedro disse a Maria:

² “Irmã, nós sabemos que o Mestre te amou

³ diferentemente das outras mulheres.

⁴ Diz-nos as palavras que Ele te disse,

⁵ das quais tu te lembras

⁶ e das quais nós não tivemos conhecimento...”

⁷ Maria lhes disse:

⁸ “Aquilo que não vos foi dado escutar,

⁹ eu vos anunciarei:

¹⁰ eu tive uma visão do Mestre,

¹¹ e eu lhe disse:

¹² ‘Senhor, eu te vejo hoje

¹³ nesta aparição’.

¹⁴ Ele respondeu:

¹⁵ ‘Bem-aventurado, tu que não te perturbas à minha vista.

¹⁶ Onde está o nous aí está o tesouro.’

¹⁷ Então, eu lhe disse:

¹⁸ ‘Senhor, no Instante, aquele que contempla

¹⁹ Tua aparição,

²⁰ é pela psique (alma) que ele vê?

²¹ Ou pelo Pneuma (o Espírito, Sopro)?’

²² O Mestre respondeu:

²³ ‘Nem pela psique nem pelo Pneuma;

²⁴ mas o nous estando entre os dois,

²⁵ é ele que vê e é ele que [...]”

Página 15

¹ “Eu não te vi descer,

² mas agora eu te vejo subir,

³ diz a Cobiça.

⁴ “Por que tu mentes, já que fazes parte de mim?”

⁵ A alma respondeu:

⁶ “Eu, eu te vi,

⁷ tu, tu não me viste.

⁸ Tu não me reconheceste;

⁹ eu estava contigo como uma vestimenta,

¹⁰ e tu não me percebeste”.

¹¹ Tendo dito isto,

- ¹² ela se foi toda contente.
- ¹³ Depois apresentou-se a ela o terceiro clima,
- ¹⁴ chamado Ignorância;
- ¹⁵ Ela interrogou a alma, perguntando-lhe:
- ¹⁶ “Aonde vais?
- ¹⁷ Não estava dominada por uma má inclinação?
- ¹⁸ Sim, tu estavas sem discernimento, e tu estavas em servidão”
- ¹⁹ A alma disse então:
- ²⁰ “Por que me julgas? Eu não te julguei.
- ²¹ Dominaram-me, eu não te dominei;
- ²² não me reconheceram,
- ²³ mas eu, eu reconheci
- ²⁴ que tudo o que é composto se decomporá
- ²⁵ sobre a terra como no céu”.

Página 16

- ¹ Libertada deste terceiro clima, a alma continua a subir.
- ² Ela se apercebe do quarto clima.
- ³ Este tinha sete manifestações
- ⁴ A primeira manifestação é a Treva;
- ⁵ a segunda, Cobiça;
- ⁶ a terceira, Ignorância;
- ⁷ a quarta, Inveja mortal;
- ⁸ a quinta, Dominação carnal;
- ⁹ a sexta, Sabedoria bêbada;
- ¹⁰ a sétima, Sabedoria astuciosa.
- ¹¹ Tais são as sete manifestações da Cólera
- ¹² que oprimem a alma de perguntas:
- ¹³ “De onde tu vens, homicida?
- ¹⁴ Para onde vais, vagabunda?”
- ¹⁵ A alma respondeu:
- ¹⁶ “Aquele que me oprimia foi condenado à morte;
- ¹⁷ aquele que me aprisionava não existe mais;

¹⁸ minha cobiça então se apaziguou
¹⁹ e eu fui livrada de minha ignorância”.

Página 17

¹ “Eu saí do mundo graças a um outro mundo;
² uma representação se apagou
³ graças a uma representação mais elevada.
⁴ De agora em diante eu vou para o Repouso
⁵ onde o tempo repousa na Eternidade do tempo
⁶ Eu vou para o Silêncio”.
⁷ Depois de ter dito isso, Maria se calou.
⁸ É assim que o Mestre conversava com ela.
⁹ André então tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos:
¹⁰ “O que pensais vós do que ela acaba de contar?,
¹¹ de minha parte, eu não acredito
¹² que o Mestre tenha falado assim;
¹³ estes pensamentos diferem daqueles nós conhecemos”.
¹⁴ Pedro juntou:
¹⁵ “Será possível que o Mestre tenha conversado
¹⁶ assim, com uma mulher,
¹⁷ sobre segredos que nós mesmos ignoramos?
¹⁸ Devemos mudar nossos hábitos;
¹⁹ escutarmos todos esta mulher?
²⁰ Será que Ele verdadeiramente escolheu e a preferiu a nós?”

Página 18

¹ Então Maria chorou.
² Ela disse a Pedro:
³ “Meu irmão Pedro, que é que tu tens na cabeça?
⁴ Crês que eu sozinha, na minha imaginação,
⁵ inventei esta visão,
⁶ ou que a propósito de nosso Mestre, eu disse mentiras?”

⁷ Levi tomou a palavra:
⁸ “Pedro, tu sempre foste um irascível;
⁹ vejo-te agora encarniçar contra mulher,
¹⁰ como o fazem nossos adversários.
¹¹ Pois bem! Se o Mestre tornou-a digna,
¹² quem és tu para rejeitá-la?
¹³ Seguramente, o Mestre a conhece muito bem...
¹⁴ Ele a amou mais que a nós.
¹⁵ Arrependamo-nos,
¹⁶ e nos tornemos o Ser humano (Anthropos) em sua inteireza;
¹⁷ Deixemo-lo lançar raízes em nós
¹⁸ e crescer como Ele pediu.
¹⁹ Partamos a anunciar o Evangelho
²⁰ sem procurar estabelecer outras regras e outras leis
²¹ afora aquela da qual Ele foi a testemunha”.

Página 19

¹ Depois que Levi pronunciou estas palavras,
² eles se puseram a caminho para anunciar o Evangelho,
³ Evangelho segundo Maria.